



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

MARTA CARVALHO FERREIRA LISBOA

**A FLIFS (FESTIVAL LITERÁRIO E CULTURAL DE FEIRA
DE SANTANA) E A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO:
A EXPERIÊNCIA DO COLÉGIO ESTADUAL REITOR EDGARD
SANTOS**

Feira de Santana
2023

MARTA CARVALHO FERREIRA LISBOA

**A FLIFS (FESTIVAL LITERÁRIO E CULTURAL DE FEIRA
DE SANTANA) E A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO:
A EXPERIÊNCIA DO COLÉGIO ESTADUAL REITOR EDGARD
SANTOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana,
para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Currículo, Formação e Práticas
Pedagógicas

Orientador(a): Profa. Dra. Fabíola Silva de Oliveira Vilas
Boas

Feira de Santana
2023



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
Autorizada pelo Decreto Federal Nº 77.496 de 27/04/1976
Reconhecida pela Portaria Ministerial Nº 874/86 de 19/12/1986
Recredenciada pelo Decreto Estadual Nº 9.271 de 14/12/2004
Recredenciada pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

MARTA CARVALHO FERREIRA LISBOA

“A FLIFS (FESTIVAL LITERÁRIO E CULTURAL DE FEIRA DE SANTANA) E A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO: A EXPERIÊNCIA DO COLÉGIO ESTADUAL REITOR EDGARD SANTOS” Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, na linha de Currículo, formação e práticas pedagógicas, como requisito para obtenção do grau de mestre em Educação.

Feira de Santana, 18 de dezembro de 2023.

Prof/a. Dr/a. Fabíola Silva de Oliveira Vilas Boas
Orientador/a – UEFS

Prof/a. Dr/a. Obdália Santana Ferraz Silva
Primeiro/a Examinador/a - UNEB

Prof/a. Dr/a. Rita de Cássia Brêda Mascarenhas Lima
Segundo/a Examinador/a -UEFS

Prof/a. Dr/a. Maria Helena da Rocha Besnosik
Terceiro/a Examinador/a - UEFS

RESULTADO: APROVADA

Ficha Catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteado - UEFS

L75f

Lisboa, Marta Carvalho Ferreira

A FLIFS (Festival Literário e Cultural de Feira de Santana) e a formação do leitor literário: a experiência do Colégio Estadual Reitor Edgard Santos / Marta Carvalho Ferreira Lisboa. – 2023.

145 f.: il.

Orientador: Fabíola Silva de Oliveira Vilas Boas.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Educação, Feira de Santana, 2023.

1. Letramento literário. 2. Formação do leitor. 3. Festival literário.
I. Vilas Boas, Fabíola Silva de Oliveira, orient. II. Universidade Estadual de Feira de Santana. III. Título.

CDU 028.6

Dedico aos meus alunos do Colégio Estadual Reitor Edgard Santos, que me ensinaram a ser professora, e a Célia (*in memoriam*), amiga e diretora, que me deu motivos para sentir saudade e para ser grata pela família Reitor que ajudou a formar.

AGRADECIMENTOS

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.

(MELO NETO, 2008, p. 2019)

Também eu não teço sozinha uma manhã. Nunca teci o percurso da minha vida solitária, pois sempre tive várias outras pessoas vivendo meus sonhos junto comigo, torcendo por mim, sustentando-me nas quedas e segurando minhas mãos para concluir a teia mais difícil da minha história profissional e acadêmica. Assim agradeço aos fios de sol que me fizeram forte, persistente e perseverante para que esse meu grito ecoasse nesse texto.

A Deus que me abençoou, iluminou e fortaleceu permitindo que eu seguisse e concretizasse meu sonho.

À minha mãe, Maria da Conceição, por ter sido a mulher guerreira em quem sempre me inspirei para poder não desistir diante das dificuldades, pelos conselhos sábios e orações fervorosas, por estar sempre perto para me ajudar, proteger e amar de modo desmedido e incondicional. Obrigada sempre, Mainha!

À minha filha e arco-íris, Isabela, por ter entendido os momentos que precisei deixá-la sem a minha companhia, pelo apoio presente nos abraços, nos beijos e nas cartinhas transbordando amor e me dando coragem para seguir.

Ao meu amigo, companheiro e marido, Leandro, por ter tido enorme paciência nos momentos de estresse e crises de ansiedade, por enxugar minhas lágrimas me ajudando a levantar de todas as quedas insistindo em me incentivar e por ter preenchido minha ausência na rotina da nossa família para que eu pudesse me dedicar ao meu projeto tão desejado. Amo-te tanto!

À minha irmã, Ana Paula, pelo apoio e orações.

À minha magnífica orientadora e bússola, Fabíola Vilas Boas, por ter sido Santiago Kovadloff na minha pedregosa trilha me ajudando a olhar o mar, pelo modo abnegado e carinhoso que dedicou a me ouvir, apoiar, ensinar e direcionar, pela paciência em respeitar e

entender o momento de luto que precisei superar, por me tranquilizar quando desesperada tinha certeza que não conseguiria. Eternamente, obrigada!

Às professoras da banca, Rita Breda, Malena Besnosik e Obdália Ferraz Silva, por terem me assessorado na expansão desse trabalho de pesquisa, pelas preciosas contribuições de sabedoria e de experiência científica, pela leitura atenta e dedicada do meu texto para melhor condução dessa análise.

À minha amiga/irmã, Ana Cecília, por ter caminhado ao meu lado, por me fazer acreditar que conseguiria, por me erguer e ouvir meus lamentos, por não soltar minha mão e não me deixar desistir.

Às minhas amigas e colegas de docência na área de Linguagens, Ednólia, Fernanda, Lígia, Carolina, por serem exemplo de profissionais éticas e preocupadas com nosso alunado, por terem me incentivado na continuidade dos estudos acadêmicos, pelas contribuições valorosas na minha construção como profissional de Educação, pelo suporte e partilha de saberes nos projetos que desenvolvemos juntas no Colégio Estadual Reitor Edgard Santos – nossa escola.

Aos meus amigos e colegas de profissão no CERES, pelos dezoito anos de convivência respeitosa e harmoniosa, por terem dividido comigo o espaço de tantos aprendizados, por juntos temos superado os frequentes obstáculos para a construção de uma educação aspirando a qualidade e eficiência reconhecida pela comunidade local e pelos incontáveis momentos felizes compartilhados como uma família construída com afeto, amizade e verdade. Gratidão, família Reitor!

Às gestoras do CERES, Adenice, Maria do Carmo, Célia (*in memoriam*) e Nária, pela defesa conjunta das ações para a formação de leitores literários propostas por mim e pela compreensão e apoio para que eu conseguisse me dedicar às atividades do mestrado.

Aos meus eternos alunos de Reitor, por terem me ensinado ser professora, por dividirem comigo suas histórias, pelo respeito e consideração que dispensaram a mim, por terem correspondido, de modo entusiasmado, às ações de leitura planejadas conjuntamente.

Às parceiras Camila e Dejane, minha coorientadora em todas as etapas de seleção rumo ao mestrado do PPGE, pelos conhecimentos acadêmicos partilhados com generosidade e afeto, pela nobreza e disponibilidade ao me auxiliar nesse percurso de regresso aos estudos.

Ao Núcleo de Leitura e Multimeios, por ter sido um importante espaço de ensinamentos, pesquisa para formação de leitores e estímulo para retomar à universidade.

Às companheiras de PPGE, Lilian e Fernanda, por me socorrerem, generosamente, quando desesperada fiquei com todos os formulários para aprovação da pesquisa pelo CEP e todos os outros tramites exigidos pelo Programa.

Aos professores do PPGE/UEFS, por se dedicar a Educação com eficiência, com saber político e social tão relevantes para o desenvolvimento da ciência e da formação docente.

Às professoras Úrsula e Flávia Aninger, pelos valorosos exemplos de professoras competentes e entusiastas da Educação, pelo suporte cordial na construção dessa trilha acadêmica.

Ao GEPLET – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Multiletramentos e Tecnologias – pelos momentos de estudo e produção de conhecimento sempre significativos repletos de companheirismo e alegria.

“O homem constrói casas porque está vivo, mas escreve livros porque se sabe imortal. Ele vive em grupo porque é gregário, mas lê porque se sabe só. Esta leitura é para ele uma companhia que não ocupa o lugar de qualquer outra, mas nenhuma outra companhia saberia substituir.”

Daniel Pennac (1993)

RESUMO

Este estudo tem por objetivo geral analisar possíveis relações entre a FLIFS (Festival Literário e Cultural de Feira de Santana) e a formação do leitor literário, a partir das práticas de leitura de fruição e de manifestações artístico-literárias propostas a estudantes da Educação Básica do Colégio Estadual Reitor Edgard Santos. Entendemos como notável o crescimento do número de eventos literários no Brasil e a consequente ampliação da venda de livros nestas festas em que o livro é a principal atração. Nesse cenário nacional, destaca-se a consolidação FLIFS, festival realizado no município de Feira de Santana, Bahia, há dezesseis anos, que se projeta como um espaço cultural, democrático e literário, voltado para a formação leitora de um amplo público – incluindo o escolar – bem como um evento pautado no desenvolvimento de discussões e ações voltadas para políticas públicas de fomento à leitura para a sociedade feirense e baiana. Nesse contexto, este estudo toma para análise as práticas culturais de leitura vivenciadas por estudantes de uma escola pública na FLIFS para problematizar como elas podem contribuir para a formação do leitor literário. Do ponto de vista teórico, este estudo baseia-se em dois grandes eixos, *leitura* e *literatura*, que se desdobram nas seguintes categorias: concepção de leitura, de literatura e de leitor (YUNES, 1995; ABREU, 2006; CÂNDIDO, 2011; FREIRE, 2002; 2011; JOUVE, 2002, 2013; CASTRO, 2007); letramentos e práticas culturais de leitura (KLEIMAN, 2006; STREET, 2014; CHARTIER, 1999, 1989; ROJO, 2009, 2012); formação do leitor, letramento literário (COSSON, 2006, 2014; ZILBERMAN, 1988; 2001; SILVA, 1998; YUNES, 2002; 2003); perfil do leitor jovem (PETIT, 2009, 2010, 2013; SANTAELLA, 2004, 2014); políticas públicas para formação do leitor (PAULA, 2010; RIBEIRO, 2003). Do ponto de vista metodológico, utiliza-se a abordagem qualitativa, na perspectiva da pesquisa social, do tipo participante, almejando explicar processos ocorridos no ambiente escolar e durante a realização da FLIFS, a partir de situações vividas pelos colaboradores, a saber, vinte estudantes da Educação Básica, frequentadores da FLIFS, que cursam os anos finais do Ensino Fundamental e Médio no Colégio Estadual Reitor Edgard Santos, *locus* do estudo. As informações foram construídas a partir dos dispositivos análise documental, entrevistas semiestruturadas e grupos de discussão, e os resultados foram analisados à luz da Análise Textual Discursiva (ATD). Os resultados apontam para o relevante papel da FLIFS no acesso ao livro literário, possibilitando a construção de acervo próprio, assim como a importância dos projetos de leitura contínuos e interdisciplinar nas diversas etapas na Educação Básica para o processo de formação do leitor de literatura.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento literário; formação do leitor; festival literário; FLIFS.

ABSTRACT

This study has the general objective of analyzing possible relationships between FLIFS (Feira de Santana Literary and Cultural Festival) and the formation of the literary reader, based on fruitful reading practices and artistic-literary manifestations proposed to Basic Education students at Colégio Estadual Reitor Edgard Santos. We understand as notable the growth in the number of literary events in Brazil and the consequent increase in book sales at these festivals where books are the main attraction. In this national scenario, the consolidation of FLIFS stands out, a festival held in the municipality of Feira de Santana, Bahia, for sixteen years, which projects itself as a cultural, democratic and literary space, aimed at the readership of a wide audience – including the school – as well as an event based on the development of discussions and actions aimed at public policies to promote reading for feira and bahia society. In this context, this study analyzes the cultural reading practices experienced by students at a public school in FLIFS to discuss how they can contribute to the formation of literary readers. From a theoretical point of view, this study is based on two main axes, *reading* and *literature*, which unfold into the following categories: conception of reading, literature and reader (YUNES, 1995; ABREU, 2006; CÂNDIDO, 2011; FREIRE, 2002; 2011; JOUVE, 2002, 2013; CASTRO, 2007); cultural literacy and reading practices (KLEIMAN, 2006; STREET, 2014; CHARTIER, 1999, 1989; ROJO, 2009, 2012); reader training, literary literacy (COSSON, 2006, 2014; ZILBERMAN, 1988; 2001; SILVA, 1998; YUNES, 2002; 2003); young reader profile (PETIT, 2009, 2010, 2013; SANTAELLA, 2004, 2014); public policies for reader training (PAULA, 2010; RIBEIRO, 2003). From a methodological point of view, a qualitative approach is used, from the perspective of social research, of the participant type, aiming to explain processes that occurred in the school environment and during the FLIFS, based on situations experienced by the collaborators, namely, twenty students of basic education, FLIFS attendees, who attend the final years of Elementary and High School at Colégio Estadual Reitor Edgard Santos, the *locus* of the study. The information was constructed using document analysis, semi-structured interviews and discussion groups, and the results were analyzed in the light of Discursive Textual Analysis (DTA). The results point to the relevant role of FLIFS in accessing literary books, enabling the construction of one's own collection, as well as the importance of continuous and interdisciplinary reading projects in the various stages of basic education for the process of training literature readers.

KEYWORDS: Literary Literacy; Reader Training; Literary Festival; FLIFS.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Mapa da localização de Feira de Santana	27
Figura 2	Colégio Estadual Reitor Edgard Santos	28
Figura 3	Publicação sobre resultado do ENEM 2009	30
Figura 4	Convite individual para Entrevista Semiestruturada	36
Figura 5	Registro fotográfico da Entrevista Semiestruturada	37
Figura 6	Registro fotográfico da Entrevista Semiestruturada	37
Figura 7	Registro fotográfico da Entrevista Semiestruturada	37
Figura 8	Convite para Grupo de discussão	38
Figura 9	Registro fotográfico do Grupos de Discussão	39
Figura 10	Registro fotográfico do Grupos de Discussão	39
Figura 11	Registro fotográfico do Grupos de Discussão	39
Figura 12	Registro fotográfico do Grupos de Discussão	39
Figura 13	Foto dos alunos da 3ª série do Ensino Médio com os livros arrecadados na Gincana Literária 2022	59
Figura 14	Foto dos alunos da 3ª série do Ensino Médio com os livros arrecadados na Gincana Literária 2022	59
Figura 15	Registro fotográfico de participantes da pesquisa na FLIFS 2018	85
Figura 16	Registro fotográfico de participantes da pesquisa na FLIFS 2022	85
Figura 17	Card elaborado pelos alunos para divulgação da Parada de Leitura	92
Figura 18	Registros fotográficos da Parada de Leitura nas salas de aula	93
Figura 19	Registros fotográficos da Parada de Leitura nas salas de aula	93
Figura 20	Folhetos da Programação da FLIFS 2008 a 2023	107

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Quantidade de pesquisas acadêmicas encontradas a partir das nomenclaturas possíveis para denominação próxima da FLIFS, cruzadas com os marcadores centrais desta pesquisa, publicados entre 2017 a 2021	21
Quadro 2	Trabalhos que analisam eventos literários como políticas públicas, publicados entre 2017 a 2021	22
Quadro 3	Categorias a priori, unidades de análises e categorias emergentes	42
Quadro 4	Categorias a priori e categorias finais de análise da pesquisa	42
Quadro 5	Mapeamento dos eventos literários no estado da Bahia	61

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ATD	Análise Textual Discursiva
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior
CERES	Colégio Estadual Reitor Edgard Santos
DIREC	Diretoria Regional Educação e Cultura
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
EF	Ensino Fundamental
EM	Ensino Médio
FAE	Fundação de Assistência ao Estudante
FLUP	Festa Literária das Periferias
FLIFS	Festival Literário e Cultural de Feira de Santana
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IFBA	Instituto Federal da Bahia
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
JOMAFA	Conjunto Habitacional João Marinho Falcão
MEC	Ministério da Educação
NTE	Núcleo Territorial de Educação
PNBE	Programa Nacional Biblioteca da Escola
PNLD	Programa Nacional do Livro e do Material Didático
PNLL	Programa Nacional do Livro e da Leitura
PNSL	Programa Nacional Salas de Leitura
PROEX	Pró-Reitoria de Extensão
PROLER	Programa Nacional de Incentivo à Leitura
SAEB	Sistema de Avaliação da Educação Básica
SEC	Secretaria de Educação do Estado da Bahia
SESC	Serviço Social do Comércio
SNEL	Sindicato Nacional dos Editores de Livros
TALE	Termo de Assentimento Livre Esclarecido
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana

SUMÁRIO

1 ENTRELACES INICIAIS.....	10
1.1 PELOS LADRILHOS DO MEU CAMINHO: PEQUENO MEMORIAL DA PROFESSORA-PESQUISADORA	10
1.2 O ENREDO DA INVESTIGAÇÃO: INQUIETAÇÕES E CONTEXTO	16
1.3 TESSITURAS DO OBJETO DE ESTUDO	20
2 PERCURSO METODOLÓGICO.....	24
2.1 ALICERCES DA PESQUISA: ABORDAGEM E MÉTODO.....	24
2.2 O CERES EM FOCO: <i>LOCUS</i> E OS PROTAGONISTAS DO ESTUDO	26
2.3 OS DISPOSITIVOS DE PRODUÇÃO DE INFORMAÇÕES DA PESQUISA.....	35
2.4 ANÁLISE DE INFORMAÇÕES À LUZ DA ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA.....	40
3 LEITURA, LITERATURA E LEITOR: DO DIREITO À EMANCIPAÇÃO, DO CONHECIMENTO À FRUIÇÃO	44
3.1 ENTRELAÇAMENTOS DA LEITURA COM A LITERATURA	45
3.2 AS PRÁTICAS DE LEITURA LITERÁRIA E A CONSTITUIÇÃO DO LEITOR	52
3.3 POLÍTICAS PÚBLICAS PARA FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO	56
3.3.1. <i>Literando a praça para a FLIFS</i>	66
4 O OLHAR EMPÍRICO SOBRE A CONQUISTA DO LIVRO	73
4.1 A LEITURA E SUAS DIMENSÕES: A ESCADA COM CORRIMÃO	75
4.2 LITERATURA, CHAVE PARA A LIBERDADE	86
4.3 O LEITOR DA FLIFS: COMPRADOR DE SONHOS.....	96
5 REORGANIZANDO AS ESTANTES	117
REFERÊNCIAS	123

APÊNDICES	128
APÊNDICE A – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 1	130
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 2	133
APÊNDICE C – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA ESTUDANTES	136
APÊNDICE D – ROTEIRO DO GRUPO DE DISCUSSÃO	138

1 ENTRELACES INICIAIS

Certa palavra dorme na sombra
de um livro raro. Como desencantá-la?

(ANDRADE, 2002, p. 854)

Posso responder ao questionamento feito por Drummond através da minha trajetória como leitora e apaixonada pelos livros, principalmente como docente, que também me interrogo sobre que sociedade estou colaborando formar através das aulas de Língua Portuguesa/Literatura e Redação que ministro em uma unidade escolar da rede estadual, localizada em bairro periférico da cidade de Feira de Santana. Desde o princípio da minha jornada profissional, um propósito sempre foi prioritário, a saber, a formação de cidadãos críticos e engajados através da leitura literária, pois advogo, que por intermédio dela, o indivíduo descobre as possibilidades existentes por meio do exercício de capacidades críticas na leitura literária. Pressuposto que assumo nesta pesquisa de mestrado, a concepção de que no caminho para a compreensão e os saberes está a leitura literária como via essencial para o processo de construção do conhecimento.

À vista disso, principio este trabalho de pesquisa, convidando o leitor a um rápido passeio pelo percurso do meu objeto de estudo, que brota das experiências vivenciadas no chão da escola pública e nas pedras portuguesas das praças centrais da Princesa do Sertão baiano, por onde já ocuparam livros, cordéis, estantes, toldos, leitores, autores, cultura, arte, deleite, encantamento, diversão, sabedoria, leitura. Faço agora o convite: vamos a FLIFS?

1.1 PELOS LADRILHOS DO MEU CAMINHO: PEQUENO MEMORIAL DA PROFESSORA-PESQUISADORA

A escolha pela profissão, que hoje desempenho com bastante zelo, foi definida já no final do Ensino Fundamental, quando optei por ingressar no Ensino Médio através da modalidade magistério no Instituto de Educação Gastão Guimaraes, em Feira de Santana, pois já reconhecia em mim a afinidade para lecionar. Essa convicção tornou-se cada vez mais forte, principalmente, durante os estágios práticos realizados em três etapas, ao fim de cada ano letivo, quando já decidi que cursaria uma Licenciatura na Graduação.

Fui aprovada no segundo semestre do ano de 1998, no curso de Licenciatura em Letras Vernáculas, na Universidade Estadual de Feira de Santana (doravante, UEFS). Nesse processo de construção de minha formação inicial, comecei a confirmar a certeza das minhas escolhas na primeira experiência profissional, que surgiu já durante o quarto semestre do curso, em uma escola particular da cidade, na qual lecionei por quatro anos a disciplina de Língua Portuguesa no Ensino Médio. Durante o sétimo semestre da graduação, fui qualificada no concurso público para professor da Secretaria de Educação do Estado da Bahia, no ano de 2002, porém, convocada dois anos depois.

Reiniciei meus projetos acadêmicos ao ser aprovada para a Pós-Graduação *lato sensu* em Estudos Linguísticos da UEFS, em 2006. Era a oportunidade de enriquecer meus conhecimentos teóricos para interrogar e refletir sobre minha prática pedagógica e agora me tornar pesquisadora – desejo já despertado na graduação, cuja ação não pode se concretizar devido a oportunidade profissional que surgira. Dessa vez, não desperdicei a chance assim que tive de estudar com a professora Zenaide de Oliveira Novais Carneiro, uma grande incentivadora, sobre os tópicos trabalhados no decurso das aulas sobre Introdução à Morfossintaxe do Português. Integrei a equipe Feira, na pesquisa *Cartas pessoais de cultos e semicultos escritas na primeira metade do século XX: estudos linguísticos e sócio históricos e Vozes do sertão em dados: história, povos e formação do português brasileiro*, que fazia parte do Projeto intitulado Contribuição para a constituição de um banco de textos e de um banco de dados para o estudo da história da língua portuguesa, no Brasil, do século XVII-XX (Fase V - PHPB-BA/Equipe Feira), projeto ligado ao PROHPOR/UFBA, coordenado pela saudosa professora Rosa Virgínia Mattos e Silva.

Tal processo de pesquisa foi interrompido com a maternidade e, desde então, me dedicava integralmente às atividades de professora da Educação Básica no Colégio Estadual Reitor Edgard Santos, onde lecionava, há dezesseis anos, os componentes curriculares de Português/Literatura e Redação, no Ensino Fundamental – Anos Finais e Ensino Médio. Essa ruptura na minha trajetória acadêmica é caracterizada por Magda Soares (1991, p. 34) como “descontinuidades, movimentos de retificação, por meio dos quais, e só por meio dos quais, se progride”, todavia, era encarado por mim como grande frustração, até escrever este memorial e perceber que o chão da escola me deu o traçado para riscar a curva da minha formação acadêmica, ao me arrancar da Linguística Histórica e me mostrar o desenho que já vinha construindo ao longo de anos na docência.

Ao assumir neste texto a narração da minha trajetória de educadora, muitos delineados dessa caminhada retornam à consciência. Minhas lembranças tornam-se vivas novamente e,

nesse movimento de recordar, a minha chegada ao Colégio Estadual Reitor Edgard Santos, onde lecionava até o fim do ano de 2022 – momento também final da história dessa unidade como instituição estadual, devido a cessão do prédio à Secretaria Municipal de Educação e ao remanejamento das nossas turmas todas de EM à unidade estadual próxima, a qual não possuía modalidade regular –, e a forma com que me adaptei às realidades ali existentes e recusei outras que não pude aceitar, percebo o quanto são bastante significativas para minha formação docente.

Lá, me percebi inquieta e inconformada com a metodologia, comumente usada nas aulas de Língua Portuguesa/Literatura - em que somente eram tratados historicamente os estilos literários. Todavia, o que mais me confrontava era a existência de estantes trancadas dentro de uma sala assim também lacrada, em que ficavam protegidos os livros do contato “descuidado e desastroso dos estudantes” – como assim pensava e externalizava a então gestora escolar. As chaves ficavam em uma gaveta com tranca na sala da direção, local a que poucos tinham acesso.

Desafiei-me a transpor tais barreiras: provocar a reflexão da então administração do colégio para modificação dessas determinações e disponibilizar aos estudantes o acesso ao mundo fantástico da leitura através dos tesouros ali trancafiados. Foram alguns meses de insistência e muitas justificativas usadas, ocasiões em que ouvia da gestão várias negativas e intimidações para que eu desistisse.

Quando a liberação foi concedida para que ocorresse a abertura daquela porta e das estantes, por não haver profissionais específicos, foi necessário que eu mesma me ocupasse do acesso ao espaço chamado biblioteca, com o empréstimo e a devolução dos títulos. Isso sempre sob a ameaça da diretora que não perdesse nenhum exemplar, pois, caso contrário, seria responsabilizada e teria que repô-lo.

Tinha ultrapassado a primeira barreira, mas o medo era grande de não conseguir cumprir o compromisso assumido de zelar pela manutenção do acervo escolar, contudo agora tinha um desafio maior adiante que era convidar os passageiros para iniciar a viagem cujo porto de embarque, já, estava disponível. Para incentivar os estudantes, percorria as salas de aula, divulgando a disponibilidade das obras para empréstimo e as regras que eu mesma havia estabelecido a partir da minha vivência na Biblioteca Municipal Arnold Ferreira da Silva, situada no centro comercial de Feira de Santana, e na Biblioteca Central Julieta Carteadó, localizada no campus da Universidade Estadual de Feira de Santana, em quais horários estaria disponível para poder recebê-los e orientá-los. Era interessante perceber nos olhos dos alunos a surpresa no que estava a acontecer e nas perguntas que se seguiram de como eu havia

conseguido, em tão pouco tempo no colégio, ter mudado a posição superprotetora da então diretora.

Assumindo as aulas nas turmas da 3ª série do Ensino Médio – ação que, na unidade escolar, representava o reconhecimento de um trabalho de qualidade nas turmas do Ensino Fundamental II, em que ministrava, até então, disciplinas diversas –, as medidas para promoção da leitura como atividade importante para a formação cidadã se estabeleceram de modo mais efetivo, cada vez mais apoiada no pensamento de Antônio Cândido (2011), sobretudo no seu principal argumento sobre a literatura como necessidade universal, um direito; sem a qual não haveria equilíbrio social necessário para humanização do indivíduo já que satisfaz necessidades elementares do ser.

Devido ao aumento do fluxo de leitores frequentadores da biblioteca, surgiu a sugestão de um estudante de organizá-la, categorizando os gêneros, para que todos pudessem ter mais autonomia nas suas escolhas. A ideia foi rapidamente validada pelos colegas da mesma turma e alguns outros interessados. Escolhemos um sábado não letivo, expliquei a todos os presentes e empolgados a identificação do gênero através da ficha bibliográfica, levei o lanche e liguei o som. Ao final de algumas horas, com muito bate-papo e gargalhadas, as prateleiras estavam reorganizadas e o saldo era de alguns livros danificados separados para reparo e muita satisfação pelo trabalho realizado com meus voluntários. Entre eles, nenhum professor ou gestor, mesmo tendo sido comunicados sobre a ação.

Nesse ínterim, nasceu o projeto que recebeu o nome de *Literando*, cujo título, tema e método foi desenvolvido e planejado junto com os discentes, já pensado contando com uma culminância que teria como público toda a comunidade escolar.

O projeto de leitura passou, anualmente, ao longo de doze anos, por várias transformações estruturais e conceituais promovidas pelos sujeitos de todo processo que se renovavam com a passagem dos estudantes pela série final do Ensino Médio. Agora, escrevendo essa narrativa, recordo-me de cada versão apresentada dos muitos romances estudados, de muitas reflexões feitas nos cafés literários promovidos para tecer discussões sobre o desenvolvimento dos dramas narrativos, as personalidades das personagens, as resoluções dos conflitos, dos alunos envolvidos na defesa dos seus escolhidos literários, montando seus stands para receber, empolgadamente, a comunidade escolar na culminância do projeto, do interesse pelos escambos literários para trocar de livros entres os estudantes, da leitura dos recadinhos deixados no mural central no pátio do colégio com trechos dos títulos lidos que os encantaram, das propagandas feitas para divulgar e persuadir os novos leitores.

Rememorar essas experiências é reviver todas as emoções desses momentos de muitas aprendizagens, formação, trabalho e compromisso ao enxergar, na leitura consciente, o exercício principal da constituição da cidadania e também como promoção do prazer, do gosto aos que leem, conforme Roger Chartier (1994), me faz muito saudosa e feliz de me enxergar mediadora nesse processo.

Começaram a aparecer na escola efeitos consequentes da ascensão leitora no processo de ensino e aprendizagem verificados, também, nos resultados das participações dos alunos nas avaliações externas – a prova SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica) e o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio). Essa última ainda tinha como objetivo apenas avaliar o desempenho escolar dos estudantes ao término da Educação Básica, que apesar de não ter a intenção de ranquear as escolas, esse era de grande interesse ao ver o resultado publicado no site do INEP/MEC.

Ao longo de mais de uma década, construí outras parcerias, além daquelas com meus estudantes-leitores. As professoras de Geografia, Ana Cecília Nascimento Galindo, e de Biologia, Eliane Feitas Soares Franco, agregaram noções das duas áreas de conhecimento ao verificar o desdobramento do projeto, a princípio, para os estudos dos romances regionalistas modernistas brasileiros serem apresentados de modo criativo e eficiente. Nele, o sertão brasileiro era tema central a partir das narrativas de Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, João Cabral de Melo Neto, João Guimarães Rosa, entre outros. A partir desse momento, *Literando o sertão brasileiro* ganhou a análise dos biomas do sertão e o exame das características geográficas das regiões que eram cenário das narrativas modernistas das gerações de autores brasileiros dos anos 30 e 45, composto de um consolidado evento literário na referida unidade escolar que fazia parte do calendário de atividades anuais do Projeto Político Pedagógico.

Depois de inúmeras tentativas frustradas, somente em 2018, consegui agregar as demais professoras da área de Linguagens. Enfim, o meu sonho se concretizou e, no ano seguinte, com outra identidade e nome, o *Leitura: saberes e sabores* virou um projeto macro, interdisciplinar e transdisciplinar, integra todas as áreas do conhecimento, participando todos os professores em ações quinzenais, mensais e anuais, envolvendo todas as séries e turmas. Esse êxito veio acompanhado e promovido conjuntamente graças a uma parceira de área que se integrou ao corpo docente do colégio e impulsionou imensamente o projeto, Carolina Silva Moraes Pereira.

Destaco entre as ações deste referido ano, a *Parada da leitura*, momento reservado à concentração total de todos os segmentos do colégio em 50 minutos de leitura de qualquer título

e gênero textual trazido de casa ou, antecipadamente, selecionado na biblioteca escolar e a elaboração, produção e execução, pelas quatro áreas de conhecimento, de sequências didáticas interdisciplinares e transdisciplinares que foram aplicadas mensalmente, objetivando a compreensão de que a leitura é um compromisso de todas as áreas de conhecimento e de que a efetivação de práticas leitoras são caminhos para a ampliação do saber científico e literário.

A ação disparadora do projeto envolveu a mobilização na rede social do Instagram personalidades famosas, como a atriz Andréa Horta, da Rede Globo de Televisão, assim como os professores da unidade que por meio de vídeo reportaram aos alunos o seu envolvimento com a leitura para que os incentivassem no processo de fruição. O pedido também feito à jornalista e apresentadora Fátima Bernardes nos trouxe o convite para falarmos desse projeto no programa Encontro com Fátima Bernardes, na Globo no Rio de Janeiro, para êxtase dos alunos, ex-alunos e toda a comunidade escolar por terem o nome do colégio público de um bairro popular do interior da Bahia levado a um programa em rede nacional de televisão, e por se sentirem representados por nós e se verem através de fotos e vídeos exibidos durante as nossas falas.

Por conta da aparição em rede nacional e dada visibilidade ao trabalho desenvolvido para a promoção da leitura, tivemos a honra da indicação para concorrer ao Prêmio Educador do Ano Governador Luís Viana Filho, oferecido pela Academia de Educação de Feira de Santana. Vários meios de comunicação – jornal televisivo, site jornalístico, programa de rádio – visitaram nosso colégio e nos convidaram para multiplicar nossa experiência pedagógica sobre a formação de leitores. Foi um ano de muito êxito, possibilidades de ampliação do projeto de leitura, desde grande volume de doação de livros a reintegração de ex-alunos para construção de parcerias em diversas áreas educacionais e profissionais, bem como o maior engajamento dos discentes nas práticas estabelecidas no projeto.

Responsável na minha escola desde o ano de 2010 por promover a vivência dos estudantes na **Feira do Livro/Festival Literário e Cultural de Feira de Santana – doravante FLIFS**, participamos da sua terceira edição, e desde essa época venho verificando *in loco* o interesse, a excitação e a felicidade dos meus alunos ao ouvir um escritor falar sobre sua obra, ao poder comprar seu primeiro livro através do tão disputado vale-livro, ao ter um exemplar autografado, ao assistir às declamações especialmente entoadas dos cordelistas, etc.

Sabedora da importância deste evento para o incentivo da formação leitora dos estudantes da escola pública de ensino básico na qual lecionava, interessei em me debruçar sobre a possível influência do Festival Literário na formação do leitor, na criação e construção

da fruição leitora nos alunos de Educação Básica estaduais da cidade de Feira de Santana, a fim de traçar um perfil deste público frequentador da Feira/Festival Literário e oportunizar um efetivo trabalho pedagógico integrado às ações escolares para consolidação da função principal da FLIFS: a formação do leitor e a integração deste com o livro. Então por que não me debruçar e investigar sobre esse tema que me é tão significativo e próximo?

Assim nasceu esta pesquisa que agora relato os resultados nesta escrita dissertativa. Ela renasce meu desejo pesquisador, reaparece a vontade de retomar os estudos acadêmicos, ressurgem uma profissional emocionada e contente por estar novamente sendo capaz de desafiar-se em prol da continuidade do seu aprendizado que almeja reverberar sua crença de que a educação necessita estar a serviço da transformação social e aspira que a ação política da educação popular, a exemplo da FLIFS, deve, de forma premente, voltar-se para ao ensino público, fazendo desse lugar privilegiado não apenas um espaço de frequência obrigatória para crianças e jovens, mas, sobretudo, uma instituição de pesquisa e de construção de conhecimentos desenvolvidos em relações prazerosas de respeito e reconhecimento do outro em suas diferenças e condições humanas, culturais e sociais. Um espaço, enfim, onde a esperança tenha lugar e onde os livros, assim como a fantasia e o gozo, sejam livres sempre.

A pandemia de 2020 privou a todos nós da liberdade de ir e vir em prol da manutenção da saúde individual e coletiva, contudo; trouxe para mim, a oportunidade de poder ter disponibilidade para me dedicar mais às minhas leituras e interesse por formação. O ingresso no Núcleo de Leitura e Multimeios da UEFS, que manteve atividades virtuais de estudos de textos literários e formativos através de encontros semanais, além de auxiliar na ampliação do meu repertório de interesse pela leitura literária, fez renascer em mim o desejo pelas atividades acadêmicas para ampliar minha formação pedagógica objetivando o crescimento intelectual e, consequentemente, profissional. Após aprovação no Mestrado em Educação da UEFS, ingresso, também, no Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Multiletramentos e Tecnologias (GEPLET/UEFS), no qual tenho participado de encontros quinzenais, inicialmente também na modalidade virtual, para desenvolvimento de estudos e pesquisas sobre (multi)letramentos, pedagogia dos (multi)letramentos, formação de professores, gêneros textuais/discursivos e tecnologias, contribuindo para minha formação intelectual e científica.

1.2 O ENREDO DA INVESTIGAÇÃO: INQUIETAÇÕES E CONTEXTO

Ciente da importância da leitura para a formação do educando dentro e fora da escola, senti a necessidade de planejar ações que incentivassem a prática da leitura de fruição como agente transformador de realidades e meio de satisfação pessoal. No decorrer de muitas ações de leitura e projetos desenvolvidos no CERES – unidade escolar de médio porte, localizada em um conjunto habitacional popular da cidade de Feira de Santana, Bahia, na qual lecionava a disciplina de Língua Portuguesa/Literatura, há dezesseis anos –, conforme apresentei na seção anterior, criou-se o *Escambo literário*, isto é, um espaço no pátio interno para a troca de livros literários entre alunos, funcionários e professores, durante as atividades de culminância do projeto *Literando o sertão brasileiro*, desenvolvido com as turmas da 3ª série do Ensino Médio.

Apesar da ampla divulgação e incentivo à participação dos adolescentes de todo o colégio sobre a oportunidade de ter livros seminovos para uma leitura inédita ao se desfazer de títulos já lidos ou que não se queria mais ter, foi verificado o pequeno fluxo de frequência no *Escambo literário* e de envolvimento dos estudantes. Ao questioná-los sobre as causas para tão pouco engajamento na ação, verificamos que por grande parcela dos estudantes não possuem livros, assim não tinham o que trocar; havendo até interesse em comprar, pela ausência do produto para barganha. Constatamos, também, que aqueles que haviam participado do escambo, eram os que tinham livros adquiridos na FLIFS, em sua maioria, e outros poucos presenteados por parentes.

Essa situação me deixou instigada com as justificativas para o insucesso do Escambo literário, inquieta com o resultado, todavia já era sabedora de que o nosso ambiente escolar de educação pública integra o quadro de insuficiente e precário acesso a bens culturais do Brasil. Uma vez que nossos jovens compõem uma classe social, caracteristicamente menos favorecida social e economicamente, são os que menos leem e possuem livros em casa, conforme apontam os dados de pesquisas nacionais, como a Retratos da Leitura no Brasil¹, estudo feito pelo Instituto Pró-Livro, que a cada edição, publicada em intervalo de dois anos, divulga resultados importantes no que concerne à quantidade de brasileiros leitores e de livros lidos no país.

Na quinta publicação, realizada em 2019, os dados indicam que nas classes A e B a quantidade de leitores é significativamente maior que na classe D/E. São leitores 67% e 63% entre os entrevistados das classes A e B, respectivamente; enquanto entre os da classe D/E são apenas 38%. Esses dados fazem retomar a afirmação do sociólogo francês Pierre Bourdieu (2015, p. 66), de que “o acesso às obras culturais permanece como privilégio de classe

¹ A pesquisa considera leitor aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos um livro nos três meses anteriores à sua realização.

cultivadas” e constatar que a falta de cultura e prática leitora dessas famílias que integram as classes C, D/E, devido ao caráter cíclico da estrutura desigual de classes, dificulta ou impede que a literatura, como elemento cultural, seja prioridade e pertença à realidade das famílias que as integram.

Em uma tempestade de reflexões causadas por meio de uma ação mal sucedida no Literando, a FLIFS ganha caráter mais significativo aos meus olhos e me obriga a repensar os critérios de seleção do grupo de alunos para participar do Festival, tal qual planejar maneiras de lhes oportunizar o acesso a livros e, por conseguinte, a leitura literária.

No entanto, o Festival não se limita à comercialização do livro, pois, desde a sua formulação, planejamento e execução, há vários fatores que fundamentam sua organicidade, como pode ser verificado no material de divulgação amplamente publicado nas mídias e distribuídos durante o evento e na programação ofertada a comunidade.

Tal constatação pude fazer ao acompanhar os alunos do Colégio Estadual Reitor Edgard Santos durante visitas às várias edições da FLIFS, em que tive a incumbência de selecionar um pequeno grupo de 40 a 50 alunos dos, em média, 700 matriculados, organizar e direcionar a visita destes ao evento.

A ida à Feira do Livro era tratada na unidade escolar como um grande acontecimento, uma oportunidade para compartilhar da variada programação cultural, literária e artística do Festival Literário. Por isso, sempre consistiu em uma tarefa difícil ter que escolher poucos entre muitos interessados. Inicialmente, os selecionados eram alunos da 3ª série do Ensino Médio - contemplados como aqueles que estariam finalizando o ciclo escolar e, por isso, premiados com a participação no evento. Contudo, após alguns alunos não leitores terem vendido e trocado seus vales-livros por lanches nas barracas da praça João Barbosa de Carvalho, mais conhecida como Praça do Fórum, além da reivindicação de muitos estudantes interessados de outras séries o direito de poder desfrutar dessa oportunidade, repensamos os critérios usados para tal seleção.

Assim, a visita ao evento foi inserida como uma das etapas do projeto de leitura anual do Colégio, tendo como prerrogativa a contribuição para o desempenho dos discentes nas atividades leitoras propostas na disciplina de Língua Portuguesa. Dessa maneira, houve uma significativa mobilização dos alunos, que demonstraram interesse em estar no grupo escolhido para visitar a FLIFS e, dessa forma, ter a oportunidade de adquirir os primeiros títulos de leitura, através do vale-livro – importante política pública para popularização do artefato livro.

Nessa situação, os alunos visitantes eram selecionados pelos professores do componente curricular Língua Portuguesa, cujo interesse se destacava nas ações correspondentes à leitura no projeto anual. Em cada uma das 20 turmas nos turnos matutino e vespertino, eram

relacionados 2 ou 3 estudantes – tal variação se dava devido à quantidade de vales-livros ofertados pela SEC, por meio do NTE-19, acrescida a disponibilização voluntária por parte dos professores de seus vales-livros para que mais alunos pudessem adquirir exemplares – para ir ao Festival e receber o voucher.

Para participantes deste estudo, foram convidados os 42 alunos visitantes da 15ª edição da FLIFS no ano de 2022. Dentre esses, integram o grupo os 20 estudantes do Ensino Fundamental I e Médio, os quais primeiro aceitaram o convite, sendo metade os que foram pela primeira vez ao evento e a outra parte já experientes na Feira.

A empolgação inicial para estar entre os selecionados, a euforia ao adentrar os *stands* repletos de literatura e ter que escolher entre tantas capas coloridas e páginas recheadas de palavras, o encantamento ao saber que o autor do livro que adquiriu está presente, poderá ouvi-lo e até conseguir um autógrafo, bem como o deleite em voltar ao colégio folheando, cheirando e socializando com os colegas suas aquisições. Diante desse encantamento que só a literatura poderia promover, mais ânsia tinha para continuar aprimorando o trabalho com práticas de formação do leitor com adolescentes e jovens visando oportunizá-los “um direito elementar, uma questão de dignidade” como conclui Michèle Petit (2009, p. 78)

É nesse contexto de minha vida profissional, envolvida pela ideia de que o festival constituiu um evento que vai muito além da promoção de marketing do livro, que surge a motivação para este estudo, materializada na seguinte questão norteadora: **como as práticas de leitura de fruição e manifestações artístico-literárias vivenciadas por estudantes na FLIFS podem contribuir para a formação do leitor literário?**

Diante da questão de pesquisa, propomos como objetivo geral: analisar possíveis relações entre a FLIFS e a formação do leitor literário, a partir das práticas de leitura de fruição e de manifestações artístico-literárias propostas a estudantes da Educação Básica do Colégio Estadual Reitor Edgard Santos. Como desdobramento desse objetivo maior, foram traçados os seguintes objetivos específicos: mapear as práticas culturais de leitura promovidas pela FLIFS para estudantes da Educação Básica de Feira de Santana e região; discutir sobre as ações de leitura e as manifestações artístico-literárias propostas na FLIFS e as implicações ao processo de formação do leitor literário; problematizar possíveis relações entre os projetos de leitura desenvolvidos na escola *locus* e a promoção da leitura literária na FLIFS; descrever o perfil leitor literário de estudantes de uma escola pública frequentadores da FLIFS.

Para organizar a tessitura textual desta dissertação, além desta introdução, apresento no capítulo seguinte, denominado *Percurso metodológico*, os pressupostos metodológicos do estudo, *locus* e participantes colaboradores da pesquisa. No terceiro capítulo, com o título

Leitura, literatura e leitor: do direito à emancipação, do conhecimento à fruição são discutidos os referenciais teóricos que ancoram o debate acerca das categorias Leitura, Literatura e Política pública para formação do leitor literário.

O capítulo quatro, *O olhar empírico sobre a conquista do livro*, apresenta os resultados da pesquisa a partir da análise aprofundada das vozes dos participantes, alunos do CERES visitantes da FLIFS em 2022. Além desses, há a conclusão, *Reorganizando as estantes*, na qual retomo a questão da pesquisa e os objetivos que delinearão essa investigação, além dos achados da pesquisa.

Antes, contudo, para efeito de um contrato discursivo, as pessoas do discurso variam neste texto de acordo com a intenção da autora. Ao me referir aos leitores que se identificam com o tema, estudantes e professores, usarei a primeira pessoa do plural; para todos os outros, utilizo a terceira pessoa do discurso. Quanto à primeira pessoa do singular, será empregado para apresentar as reflexões e conclusões da pesquisadora, também para relatar as ações da professora em questão.

Passemos ao diálogo do meu estudo com outros já realizados que dialogam com meu objeto de análise.

1.3 TESSITURAS DO OBJETO DE ESTUDO

Entendendo a participação cidadã como processo educativo e político, a leitura é uma prática poderosa e útil para instigar o sujeito na busca pelo saber e por entender seu papel social ativo, ao se apropriar do conhecimento e tornar-se crítico e protagonista da sua consciência. Em vista disso, a leitura literária apresenta-se como primário para a comunicação sensorial, emocional e racional dos indivíduos, alcançando a cidadania, o crescimento enquanto pessoa e ser sociável.

Ciente da complexidade para formação leitora dos jovens da Escola Pública devido à falta de contato com os livros por meio das suas famílias, o modo deficitário ou ausência de práticas de letramento literário na escola para acessar o interesse e o gosto por ler, o crescimento dos festivais literários no Brasil desponta como alternativa para a popularização da literatura, do livro, possibilitando o acesso ao conhecimento crítico por via da leitura literária.

Este estudo ambiciona possibilitar uma reflexão sobre as ações desenvolvidas pela FLIFS com vistas à formação do leitor de literatura, destinadas a alunos da Educação Básica, seu conseqüente aprimoramento ou eficiente direcionamento de métodos para promover a

iniciação ou ampliação da formação do leitor literário das unidades educacionais do município feirense e circunvizinhança.

Para tal, se fez necessário e importante a aproximação de caminhos científicos já trilhados por pesquisadores que se debruçaram sobre o papel de eventos literários na formação do leitor literário jovem. Ademais, sabendo do contexto de crescimento dos festivais literários pelo território nacional, é fundamental verificar, através da revisão de literatura, conhecer possíveis relações existentes entre a proposta de estudo aqui apresentada e outras pesquisas já realizadas nos ambientes acadêmicos.

A revisão de literatura foi realizada na base de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior (CAPES), *na busca de estudos* publicados em teses e dissertações, cujos marcadores acionados foram as variações de nomenclaturas possíveis para a denominação próxima da FLIFS, objeto central dessa análise: evento(s) literário(s), festa literária, feira literária, feira do livro, bienal do livro e as categorias teóricas formação do leitor, letramento literário. Realizou-se a investigação empregando os critérios de exclusão/inclusão: decurso de cinco anos (2017 – 2021), abordagem qualitativa, participantes da pesquisa alunos do Ensino Fundamental – Anos Finais e Médio da Educação básica.

A procura no banco de dados da CAPES resultou em números diferentes de estudos científicos para cada nomenclatura utilizada, visando aproximar da designação atribuída à FLIFS. O total foi reduzido drasticamente ao relacionar com os marcadores teóricos *formação do leitor, letramento literário* e ambos, conforme observa-se no quadro 1 a seguir:

Quadro 1 – Quantidade de pesquisas acadêmicas a partir das nomenclaturas possíveis para denominação próxima da FLIFS, cruzadas com os marcadores centrais desta pesquisa, publicados entre 2017 a 2021

Nomenclatura/Marcadores	Formação do Leitor	Letramento Literário	Formação do Leitor e Letramento Literário
Feira do livro	76	2	2
Festa literária	31	1	3
Festival literário	13	0	0
Evento literário	41	7	8
Bienal do livro	6	0	0

Fonte: Elaboração própria, a partir da pesquisa no banco de dados da CAPES (2023).

Entre as pesquisas encontradas, após verificação nos resumos, introduções e metodologias, constatou-se a inexistência de análises sobre festivais literários e suas implicações para a formação do leitor e para o letramento literário, pois o foco das pesquisas estava voltado para o mercado editorial, iniciativas comunitárias para difusão da leitura e competição de poesia falada, o Slam. Todavia, destaco três pesquisas que examinam os eventos literários com foco em políticas públicas, único ponto de análise concernente com o estudo ora proposto.

Quadro 2 - Trabalhos que analisam eventos literários como políticas públicas, publicados entre 2017 a 2021

Título do Estudo	Nome do Autor (a)	Ano de Publicação	Instituição
A literatura em Festa: Eventos literários brasileiros e o caso Flipoços	AMARAL, Joubert Caetano	2017	Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
O mundo dos livros entre ruas e vielas: a nova cena de saraus, festas e eventos literários das periferias urbanas do Rio de Janeiro	ABREU, Pedro Gerolimich de	2018	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
PENSAR E ESCREVER A PERIFERIA FLUP como um lance de política cultural	OLIVEIRA, Daniele Rodrigues	2019	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Fonte: Elaboração própria, a partir da pesquisa no banco de dados da CAPES (2023).

O primeiro trabalho científico é uma dissertação intitulada *A literatura em Festa: Eventos literários brasileiros e o caso Flipoços* da autoria de Joubert Caetano Amaral, defendida em 2017, no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Possui como objetivo central realizar uma reflexão sobre os eventos literários brasileiros e verificar como contribuem para o desenvolvimento do Programa Nacional do Livro e da Leitura (PNLL) no campo do mercado editorial, para isso faz um estudo de caso sobre o evento literário brasileiro da cidade de Poço de Caldas, em Minas Gerais. Quanto ao caminho metodológico, tem uma abordagem qualitativa, utilizando como dispositivo reportagens e entrevistas contendo informações sobre os eventos literários brasileiros, em especial o Flipoços.

A segunda é uma dissertação, defendida no ano de 2018 por Pedro Gerolimich de Abreu na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, cujo título é *O mundo dos livros entre ruas e vielas: a nova cena de saraus, festas e eventos literários das periferias urbanas do Rio de Janeiro*. Tem como foco principal analisar a organização de iniciativas comunitárias para

difusão da prática de leitura por meio de estudo de caso de três projetos literários nas comunidades cariocas Cidade de Deus, Complexo da Penha e na Mangueira e políticas públicas estaduais para a Literatura Periférica. No percurso metodológico, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com dirigentes das bibliotecas comunitárias, dirigentes de secretarias municipais de cultura e educação do Rio de Janeiro, também com os responsáveis por projetos literários de periferia e a investigação destes projetos para análise do papel das políticas públicas voltadas à arte e à cultura.

A terceira dissertação é escrita por Daniele Rodrigues Oliveira, cujo título *Pensar e escrever a periferia FLUP como um lance de política cultural* foi defendida no ano de 2019, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. A pesquisa visa descrever e analisar a Festa Literária das Periferias, a FLUP com a finalidade de traçar seu histórico, suas edições e transformações, objetivando verificar como essa política afirmativa incorpora questões locais e globais relacionados a periferia e as repercussões da FLUP para a configuração e elaboração do literário como política cultural. Faz também um estudo de caso sobre Poetry Slam, uma competição de poesia falada que ocorre na Festa ao analisar a interação entre formas literárias majoritárias canônicas e minoritárias emergentes.

Conforme fica evidente, a partir do explanado acima, não foram encontrados estudos científicos que analisam os impactos e as implicações da FLIFS na formação do leitor e no letramento literário, apesar do crescimento destes eventos literários, culturais e artísticos no país. Isso evidencia a relevância deste estudo em pauta e seu caráter inédito já que após decorrido dezesseis anos da existência de tão importante evento literário e cultural da cidade de Feira de Santana, o qual desponta no cenário da cultura regional e nacional, ainda não há investigação sobre a FLIFS.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

e deixa ver que a sabedoria
pode ser tocável como uma planta
que cresce das raízes e deita folhas e viça
e logo se resolve numa flor de lótus de onde
- só visível quando damos conta –
um bodisatva nos dirige seu olhar transfinito.

(CAMPOS, 2013, p.114-115)

Assim o poeta concretista Haroldo de Campos versa sobre a investigação necessária para que possamos nos tornar sabedores de algo, a importância da ciência se dá ao progredir e atingir seu propósito de ser instrumento para o desenvolvimento humano e a sociedade constituída por ele, havendo uma relação entre o saber e o interesse, entre o conhecimento e a busca. O que só ocorre através da pesquisa mediante o trabalho científico, ou seja, de modo dissertativo, objetiva-se fazer uma demonstração através de argumentos para viabilizar a resolução de um problema partindo de uma questão que se almeja investigar, articulando-se com a teoria.

De acordo com Minayo (2016), a pesquisa é uma atividade fundante da ciência no processo de busca e de elaboração do conhecimento da realidade. É definida como uma ação de aproximação da vivência que não se esgota, principalmente, na perspectiva da pesquisa social na observância da abordagem qualitativa, a qual consiste estudar o significado da vida cotidiana do indivíduo observado nas condições e ambiente em que vive, representando suas opiniões e entendimentos a partir de fatos da vida real vivenciados por ele próprio.

A atividade científica na pesquisa social oportuniza a aproximação e o entendimento da realidade a ser investigada, fornecendo subsídios para a compreensão no real, demandando novos referenciais vinculado a conhecimentos anteriores, a partir das quais encontram as origens e os seus objetivos. Nesta seção, portanto, é apresentado o percurso metodológico trilhado para tecer o objeto de estudo proposto.

2.1 ALICERCES DA PESQUISA: ABORDAGEM E MÉTODO

O procedimento metodológico adotado neste estudo é o qualitativo, pelo caráter subjetivo que a temática sugere, por considerar que esse tipo de pesquisa propõe adentrar na realidade em condições contextuais nas quais se desenrolam as situações vividas pelos

participantes e pelo teor científico necessário à construção do conhecimento que gera na situação real de ocorrência dos fatos da vida dos sujeitos participantes.

O estudo qualitativo oportuniza a realização de estudos em contextos reais e dinâmicos da vida social complexa dos seres humanos nas dimensões individuais e coletivas, capturando “o significado dos eventos da vida real da perspectiva dos participantes de um estudo” (YIN, 2016, p. 10). A pesquisa realizada foi guiada pela natureza qualitativa conduzida pelo desejo de explicar acontecimentos por meio de conceitos existentes ou emergentes, capaz de elucidar processos sociais como os ocorridos no ambiente escolar (YIN, 2016).

Nos estudos qualitativos, a realidade é tida como um procedimento de caráter sócio-histórico, em que sujeito e objeto estão em contínua e constante formação. Um dos propósitos importantes desse método é capturar as perspectivas dos sujeitos do estudo nos contextos reais e sociais que lhes são íntimos. Logo, condizente com o propósito deste objeto de pesquisa nascido da necessidade de entender o encantamento dos jovens leitores no ambiente literário e artístico, especialmente pensado e estruturado para eles – a FLIFS.

Essa abordagem de pesquisa proporciona um meio para interpretar as informações construídas em ambiente natural, em que o pesquisador se preocupa, prioritariamente, com o processo, descrevendo como se manifesta nas interações cotidianas o problema a ser investigado. Implica as itinerâncias, o envolvimento com o objeto, por isso se faz necessário conhecer o campo previamente. Como professora da escola *locus* por dezesseis anos, estou apta para ratificar este estudo, considerar os sentimentos, as crenças, os significados que os sujeitos constroem, ou seja, como dão sentido a sua existência no mundo.

Robert Yin avalia ser o pesquisador no campo de pesquisa o “principal instrumento de pesquisa para coletar dados em um estudo qualitativo” (2016, p. 11), porquanto só ele poderia fazer ilações acerca dos comportamentos individuais e sociais do sujeito em condições contextuais. Esse movimento de análise desafia o pesquisador ao afastamento de um possível juízo de valor, construídos através de processos sócio-históricos que certificam seu conhecimento. Tal objetivo perpassa por desvendar o processo social da contribuição da FLIFS na formação do leitor literário jovem, quiçá motivar novas práticas e conceitos sobre as ações escolares que envolvam os alunos de escolas públicas, cujas origens sociais têm suas bases excluídas da fruição através da leitura.

Dentre as abordagens qualitativas, este estudo opta pela pesquisa participativa, pois, como professora do colégio *locus* e então pesquisadora no contexto dessa investigação, estava inserida no processo de construção dessa cultura escolar, com co-sujeitos – os estudantes –, nas situações, nos espaços e nos eventos típicos do local dessa pesquisa, já que era também

responsável pelas visitas guiadas a FLIFS. O estudo não é somente sobre eles, nem para eles, mas sim com eles construída. Logo, os atores da análise – meus alunos – são sujeitos porque comigo produziram os dados. Nessa configuração, almejamos criar

um contexto de trabalho ao ser partilhado em pleno sentido, como processo de construção do saber e como produto de saber conhecido e posto em prática através de ações sociais de que ele é (ou deveria ser) o protagonista e, eu sou (ou deveria ser) o ator coadjuvante. (BRANDÃO, 2006, p. 28)

Nessa configuração, a pesquisa participativa se apresenta comprometida política e ideologicamente para a transformação de saberes, almejando servir de ação social em que os indivíduos – entendidos como fontes de sabedoria – possam auxiliar o exercício da pesquisa por meio da interação entre os diferentes conhecimentos, a fim de compartilhar a compreensão da realidade social. Essa pesquisa se dará entre professor pesquisador e os discentes, o que assinala o aspecto coletivo na interação e envolvimento entre os partícipes, assim como “um instrumento científico, político e pedagógico de produção partilhada de conhecimento social” (BRANDÃO, 2006, p.10)

A pesquisa participativa, ao reconhecer práticas sociais com propósitos educacionais e tendo implicações políticas e ideológicas, associa-se com os traçados desse estudo, cujo entendimento perpassa pela “transformação de uma realidade social ou para o desenvolvimento de ações que redundem em benefício coletivo” (GAJARDO, 1999, p. 40), essencialmente grupos dominados socialmente, como assim é tradicionalmente o público da escola pública brasileira. Tal panorama comum aos discentes desta análise enquadra-se no estilo participativo de investigação como uma atividade que ambiciona provocar a mudança de “realidade circundante e o comportamento dos grupos” (GAJARDO, 1999, p. 45).

Segundo Marcela Gajardo (1999), a atividade de pesquisa participativa resulta na constituição de alternativas de ação para mudança social, não visa resultar em respostas teóricas. Isso coaduna com os objetivos deste estudo, já que a descrição do perfil leitor literário de estudantes de uma escola pública frequentadores da FLIFS poderá contribuir para o fortalecimento das ações escolares e do Festival na formação do leitor literário por fruição.

2.2 O CERES EM FOCO: *LOCUS* E OS PROTAGONISTAS DO ESTUDO

Visto que a proposta de pesquisa qualitativa se aprofunda no mundo dos significados para interpretar um nível de realidade profundo é necessário estar integrado nesse cenário.

Nesse sentido, é coerente que o *locus* deste estudo tivesse sido o Colégio Estadual Reitor Edgard Santos, escola pública em que eu lecionava há dezesseis anos, fechada pela gestão estadual atual no final de 2022, e na qual aprendi o meu ofício de lecionar, tive a oportunidade de aprimorar meus conhecimentos acerca da educação de maneira afetiva e partilhada com os meus pares e discentes.

A unidade educacional estava localizada no conjunto habitacional João Marinho Falcão, na cidade de Feira de Santana, estado da Bahia. Situada em uma zona de planície entre o Recôncavo e os tabuleiros semiáridos do nordeste baiano, à 108 km em relação à capital baiana, Salvador. Possui a área territorial de 1.304,425 km², cuja população estimada pelo IBGE em 2021 é de 624.107 habitantes, o que a faz a segunda maior cidade do estado baiano.

Figura 1 – Mapa da localização de Feira de Santana



Fonte: Google Maps

A Escola Estadual Reitor Edgard Santos foi inaugurada em janeiro do ano de 1979, contendo, inicialmente, quatro salas de aulas destinadas à modalidade regular do Ensino Fundamental I para atender a comunidade dos bairros residenciais Eucaliptos, Tomba, Brasília, Aviário e 35° BI, nos turnos matutino e vespertino. A partir da demanda crescente na busca de vagas para crianças e adolescentes dos bairros em desenvolvimento, em agosto de 1993, o prédio passou pela primeira reforma e ampliação com a construção de mais quatro salas estendendo a oferta para outras etapas da Educação básica ao poder oferecer a comunidade local turmas dos anos finais do Ensino Fundamental e, gradativamente, do Ensino Médio, passando a denominar-se Colégio. Cinco anos após, ocorre a segunda reforma e nova ampliação,

passando a contar com o total de dez salas de aulas, enquadrando-se em uma unidade de médio porte e funcionando também no turno noturno, por dez anos.

Figura 2 – Colégio Estadual Reitor Edgard Santos



Fonte: Acervo da pesquisadora (2020)

A instituição de ensino possuía dez salas, um refeitório, um laboratório de informática com 5 computadores e uma biblioteca. Havia turmas de série final do Ensino Fundamental e Médio, na modalidade de ensino regular, funcionando nos turnos matutino e vespertino no ano de 2022 com 636 alunos matriculados, cujo quadro de funcionários dispunha de 12 trabalhadores administrativos e de serviços gerais, 26 professores especialistas e mestres, 1 coordenadora pedagógica, 1 secretária e 2 gestoras.

A biblioteca escolar funcionava sem o trabalho qualificado e habilitado de um(a) bibliotecário(a), logo, para substituir tal profissional, sempre foi improvisada nesta função uma funcionária administrativa sem conhecimento e qualificação, a qual só registra o empréstimo e devolução dos livros concedido aos alunos. Durante os anos, vários títulos se perderam diante da inoperância na cobrança de entrega dos itens após o período de uso, sendo necessário incluir em gincanas tarefa de recolhimento de livros, cujo carimbo os identificariam como posse do acervo escolar em anos anteriores.

Lamentavelmente, o espaço não era usufruído como ponto de encontro para leitura, pois as diversas colaboradoras que já trabalharam na biblioteca dificultavam o acesso dos estudantes para impedir que as estantes fossem desarrumadas. Outro complicador se deve ao fato de a

unidade escolar ter poucos funcionários e aquela que se ocupava com o empréstimo dos títulos precisava exercer outras atividades em outros setores – como auxiliar a distribuição da merenda escolar, dentre outras – o que obriga o fechamento da sala por várias vezes no turno de aula e, às vezes, por um período longo de tempo. Além disso, o horário de funcionamento passou por ajustes algumas vezes, pois, no início do turno, durante o lanche e após o final do turno de aula, momentos de maior fluxo dos leitores interessados para fazerem uso do acervo, a sala estava regularmente inacessível posto que o período de chegada e saída da funcionária não possibilitava tal acesso.

Ainda sobre a biblioteca, os professores da área de Linguagens somente acessam a sala em busca de dicionários e alguns títulos de escolha própria para que o uso dos estudantes em sala durante aula. A maior parte dos empréstimos, geralmente, ocorre vinculados a projetos e atividades de leitura desenvolvidas em aula e ocasiões espontâneas dos alunos leitores. A biblioteca mais utilizada para produção de trabalhos coletivos referentes aos diversos componentes curriculares, reuniões de líderes de classe com a coordenação e gestão, bate papo entre os jovens.

No que tange o rendimento da unidade nas avaliações externas, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, o IDEB, calculado em 2019, foi de 4,5 no ano final do Ensino Fundamental (EF) e 4,7 no Ensino Médio (EM), notas superiores as médias municipais no mesmo ano (3,6, para os anos finais do EF e 3,1, para o EM) e estadual (3,2, para os anos finais do EF e 3,7, para o EM). Quanto ao ano de 2021, a escola não possuiu IDEB calculado, pois conforme informado pelo INEP, o número de participantes foi inferior a 80% dos alunos matriculados nas etapas avaliadas.

O início da melhoria do IDEB do colégio ocorreu quando alterou a grade curricular diversificada inserindo dois componentes curriculares: Português Instrumental no 6º e 7º ano do Ensino Fundamental, ambicionando que atividades pedagógicas fossem desenvolvidas centralizando a leitura e a formação do leitor literário e Geometria no 8º e 9º ano do Ensino Fundamental, visando melhorar a aprendizagem dos fundamentos e da estruturação matemática. No Ensino Médio, manteve a quarta aula de Português/Literatura Brasileira na 3ª série, quando o componente teve eliminada uma aula para a inserção de disciplinas da área de Ciências Humanas nesse segmento e duas aulas de Redação foi confirmada para a prática de leitura e escrita textual – enquanto nas outras séries ocupava somente uma hora/aula. Esse resultado já verificado em aferições anteriores indicava a implicação exitosa das práticas pedagógicas realizadas no colégio, as quais davam ênfase ao processo de produção de conhecimento e de

formação de cidadãos capazes de compreender e atuar no mundo contemporâneo ativamente, buscando a posição de agente que busca significações.

A cada publicação oficial, mais incentivos o corpo docente tinha para aprimorar as práticas, objetivando continuar a tornar mais significativo o processo de ensino aprendizagem e seguir tendo tal trabalho exposto nos exames externos, incluindo também os estaduais como se verificou no Avalie (Sistema de Avaliação Baiano da Educação), hoje substituído pelo SABE (Sistema de Avaliação Baiano da Educação). Da mesma maneira, quanto à posição de destaque dos estudantes na divulgação dos resultados do ENEM, ainda como avaliação dos estudantes concluintes da Educação Básica, despontando como a melhor ou entre as quatro melhores escolas estaduais no município entre 2008 e 2019.²

Figura 3 – Publicação sobre resultado do ENEM 2009



segunda-feira, 19 de julho de 2010

ENEM: Colégio Estadual Reitor Edgard Santos obtem a melhor nota dentre as escolas estaduais em Feira

Alunos do Ceres - Foto: Blog Zambe nas Escolas



O INEP divulgou nesta segunda (19) as médias obtidas pelas escolas participantes do Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM 2009. O **Colégio Estadual Reitor Edgard Santos**, localizado no Conjunto Jomafa, em Feira de Santana, obteve o **1º. lugar** dentre as escolas da rede estadual localizadas no município feirense pertencentes à Direc02 e a 13ª. posição em toda a Bahia, com média geral (prova objetiva mais redação) de 579,42.

Os resultados são calculados a partir do desempenho dos alunos concluintes. Sete notas são divulgadas: as médias separadas das quatro áreas objetivas avaliadas no exame, a média da redação, a média das provas objetivas e a média geral.

O Enem 2009 foi aplicado nos dias 5 e 6 de dezembro do ano passado e avaliou as seguintes áreas do conhecimento: Ciências da Natureza e suas Tecnologias, Ciências Humanas e suas Tecnologias, Linguagens, Códigos e suas Tecnologias e Matemática e suas Tecnologias, mais a Redação. Quase 2,6 milhões de pessoas fizeram o novo Enem.

Confira aqui a nota do Enem das escolas estaduais de Feira de Santana.

² Resultados do desempenho do Colégio Estadual Reitor Edgard Santos no ENEM disponíveis nos sites <https://blogdoenem.com.br/resultado-enem-feira-de-santana/>, <https://blogdoenem.com.br/feira-santana-enem-2013/>, <https://www.bomdiafeira.com.br/noticias/2552/veja-resultado-do-enem-em-feira-de-santana-entre-escolas-publicas-estaduais-com-notas-e-colocacoes.html>, <http://atarde.uol.com.br/vestibular/noticias/1430902-bahia-tem-apenas-uma-escola-de-ensino-medio-no-ranking-das-20-melhores-do-pais>, <http://sentose-sentoseba.blogspot.com/2011/09/escolas-privadas-nas-12-primeiras.html>. Acesso em: 25 set. 2023.

Fonte: Blog da DIREC 02, atualmente denominado NTE 19.³

Visando estar integrada às ações educacionais e artístico-culturais ofertadas no nosso município, o colégio participou de quase todas as edições da FLIFS no decorrer desses dezesseis anos de existência. Inicialmente, era uma das pouquíssimas ações pedagógicas fora dos muros da escola que os adolescentes e jovens tinham oportunidade de estar. Ao chegar na unidade, iniciei tal prática, levando-os a museus, exposições, cinema, teatros em parceria com o SESC e os grupos teatrais, tais como Conto em Cena e Feira tem teatro.

Não obstante, devido às ações de adequação ao Programa de Ação e Parceria Educacional Estado-Município, em cumprimento ao Decreto nº 7.254 de 20/03/1998, iniciou-se no estado da Bahia o processo de descentralização do Ensino Fundamental conduzindo-o a gestão municipal. No município de Feira de Santana, essas ações iniciaram em 2019 com o reordenamento de cinco escolas, assim como a finalização progressiva das séries dos anos finais do Ensino Fundamental no CERES, igualmente em outras unidades. Posteriormente, em 2022, com a continuidade da municipalização, esta mudança ocorreu em seis unidades e, prestes a finalizar o ano letivo, quatro outras foram comunicadas sobre a alteração de gestão estadual para a municipal no ano letivo seguinte, entre elas a nossa escola.

Os êxitos comentados anteriormente resultantes de um trabalho pedagógico consistente e responsável, focado na aprendizagem dos discentes e, conseqüentemente, da comunidade local, bem como na formação crítica, visando formar cidadãos protagonistas, atuantes, assim como possibilitar a mobilidade social desses jovens, todos esses aspectos não foram considerados pela SEC ao planejar o fechamento da unidade, materializado no final do ano de 2022. Não uma municipalização, mas a cessão do prédio ao município, com a transferência das nossas turmas de Ensino Médio para o colégio vizinho e deixando à deriva o corpo docente, coordenação, funcionários e gestão do colégio, como explica a diretora do NTE 19, Celinalva Paim, em entrevista ao portal de notícia de Feira de Santana, Acorda cidade:

Todas essas escolas possuem o Ensino Fundamental ainda em maior quantidade. A única escola dessas que não tem mais o Ensino Fundamental II é o Edgar Santos, mas vamos municipalizá-la porque é uma escola menor. Nós temos o Eraldo Tinoco que é um colégio vizinho e que já tem Ensino Médio. Então, nós vamos ceder o prédio do Edgar Santos ao Município que vai abrigar os alunos do Ensino Fundamental II do Eraldo Tinoco e todo alunado do Ensino Médio passará para o Eraldo Tinoco, mas esse aluno não é obrigado a passar para o Eraldo, é uma opção que nós damos por ser uma escola vizinha

³ Fonte: <https://direc02.blogspot.com/2010/07/enem-divulgadas-as-notas.html>. Acesso em: 23 jul. 2023.

que tem vaga para esses alunos, mas os pais são livres para escolher as escolas dos seus filhos. (SANTOS, 2023)

Como em nossa escola funcionava somente turmas de Ensino Médio, o governo estadual escolheu finalizar as atividades de uma unidade somente justificada pela ausência de espaço físico para ampliação, como pode constatar nas palavras de Celinalva Paim, desconsiderando entre questões educacionais, os resultados exitosos comprovados pelo IDEB, as médias obtidas na participação do ENEM. A análise de critérios pedagógicos, quantidade de alunos matriculados, preferência da comunidade local e baixa evasão não foram relevantes para considerar a manutenção do Colégio Reitor e a reorganização do colégio vizinho em função da existência de séries finais de Ensino Fundamental. Em função disso, fica evidente que a prioridade da SEC no processo de municipalização não é fundamentada através dos preceitos que visam o desenvolvimento educacional da população baiana.

Quanto aos protagonistas desta pesquisa, os vinte e um estudantes do CERES se identificam majoritariamente como pardos e pretos, têm idade entre 14 e 19 anos e, em sua maioria, são do gênero feminino. São de baixa renda, oriundos dos bairros Brasília, Tomba, Panorama, Fraternidade, Areal, Eucalipto, Serraria Brasil, Terra Dura, etc. Nossa clientela possui idade compatível com a série, segundo dados verificados através dos questionários realizados conjuntamente com a prova Saeb de 2019, divulgados pela QEd⁴, projeto da Fundação Lemman.

A seleção dos alunos para as visitas guiadas a FLIFS passou por algumas alterações quanto aos critérios. Inicialmente, foi escolhida a turma de concluintes do Ensino Médio para poder experienciar as atrações culturais e literárias que a Feira oferecia, turmas nas quais lecionava aulas dos componentes curriculares Português/Literatura e Redação. Conforme mencionamos na seção introdutória, ocorreu que a seleção de alunos não leitores com a intenção de estimular o interesse a partir da experiência, resultou na venda ou troca dos vales-livros. Soma-se a esse episódio, a contestação frequente de educandos de outras séries que requisitavam seu direito enquanto leitores para poder vivenciar a Feira.

Contudo, nesse ínterim, os alunos e professores perceberam uma mudança na programação ofertada pelo Festival Literário, assim como as editoras e títulos trazidos à praça, que passava a destacar o público um pouco mais jovem. Segundo os estudantes, estava cada ano mais difícil encontrar os títulos e os autores de interesse deles, assim como o aumento de

³ Disponível em: <https://gedu.org.br/escola/29094763-ee-colegio-estadual-reitor-edgard-santos>. Acesso em: 11 abr. 2022.

atividades destinadas a visitantes de faixa etária menor, observada na programação de contação de história, pintura no rosto, pessoas caracterizadas de personagens infantis.

Entres os participantes de 2022, essa percepção também ocorreu por parte de uma estudante que estava fazendo a primeira visita à FLIFS e outra já experiente no Festival – três anos participando com a escola:

“Mas alternativa de livros também. É, tinha alguma maioria dos livros e era tudo infantil, então era meio difícil de, de conseguir livros da minha idade”. (KINSEY, 2022)

“Geralmente, é em outro estande que eu fui, só tinha coisa de criança. Ou de lugares ou de... eh... de livros evangélicos. Então acho que é de uma certa forma, a gente foi um pouco excluído sim”. (NATH, 2022)

Quanto aos docentes, o número de editoras e livros aplicados à temática pedagógica e teorias educacionais foi reduzindo gradativamente. Transição comprovada por mim e por meus pares que passaram a buscar livros literários para si ou para filhos e netos, na ausência de títulos para formação profissional, teórica e/ou científica de interesse nas diversas áreas do conhecimento.

Dessa maneira, a opção foi eleger os participantes de séries iniciais dos anos finais do E. Fundamental para compor o grupo de visitantes, entre alunos da 5ª série/6º ano e 6ª série/7º ano dos quais era professora do componente curricular Português Instrumental, em cujos espaços de sala de aula eram executados projetos de leitura visando à formação do leitor literário com carga horária de 2 aulas semanais.

Nas últimas quatro edições presenciais da FLIFS, os professores de Língua Portuguesa realizaram a seleção entre 5 ou 6 estudantes de cada série para constituir o contingente, o qual precisava totalizar 40 a 45 jovens em virtude da capacidade do ônibus que nos conduzia à praça onde ocorre a Feira e a quantidade de vales-livros ofertadas pelo Secretaria de Educação do Estado da Bahia para os discentes da rede estadual que contabilizam apenas 40 unidades. Por esse motivo, em todas as edições, nós, professores de língua portuguesa responsáveis pela visitação, dividimos nossos vales-livros ou dinheiro para que mais estudantes possam desfrutar da oportunidade e prazer de adquirir os títulos que tanto desejam no Festival Literário.

Com o retorno do evento presencial em 2022, depois de dois anos suspenso devido à pandemia causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, foi possível o retorno à praça, assim como os estandes, os livros, os cordelistas, etc. Cientes da pesquisa em andamento, a partir de minha orientação, os professores de Língua Portuguesa selecionaram em suas turmas dois alunos

leitores: um que não conheciam a FLIFS e outro que já tivesse participado da visita guiada pelo CERES, totalizando 40 estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio para que pudessem vivenciar a Feira do Livro. Cinco integrantes, inscritos como reservas, foram convocados devido à ausência de colegas por motivos emergenciais – algo comum nos anos anteriores.

Assim como nos anos anteriores, o NTE-19 organizou, previamente, a visita das unidades escolares estaduais através de um cadastro via e-mail, com o agendamento de um turno do dia para a ida, a relação com os dados dos professores lotados no colégio para a obtenção de vale-livro no valor de R\$50,00 (cinquenta reais), assim como de 40 estudantes com vales-livros na quantia de R\$ 38,00 (trinta e oito reais), podendo incluir mais 15 jovens na condição de reserva para eventuais substituições.

Nossa programação foi feita para o turno matutino do dia 31 de agosto de 2022, quarta-feira, como ocorre desde nossa primeira visita, em razão de ser o dia da semana para execução da Atividade Complementar da área de Linguagens, visando não comprometer o andamento das aulas. Os 43 educandos foram acompanhados por mim e por mais três professoras da área de Linguagens, além da coordenadora, em ônibus alugado pela gestora. Marcada a chegada ao prédio escolar às 7h20, nossa saída se deu às 7h40 e retorno às 11h40 – horários correspondentes ao período de permanência dos discentes no colégio.

Uma vez que o modo de pesquisa qualitativo propicia o envolvimento entre o pesquisador, participante e o contexto social em que o problema será investigado, é oportuno e indispensável que esta análise tenha como participantes os alunos do Colégio Estadual Reitor Edgard Santos, selecionados para a visita conduzida pela escola à FLIFS do presente ano - o que totalizou 20 alunos do ano final do Ensino Fundamental e Médio que optaram por integrar a pesquisa após convite e assinatura do TALE e TCLE (Apêndice A e B).

A princípio, esquematizou-se que os participantes seriam subdivididos igualmente em iniciantes no evento e experientes no Festival através da visita guiada com o colégio. Dessa forma, planejava-se ter um quadro diverso e equilibrado de experiência inéditas e experienciadas no evento. Entretanto, a convocação foi aceita por sete adolescentes principiantes, dois estudantes cuja participação com a escola foi a primeira vez, mas já haviam ido mais de três vezes com outras unidades educacionais e familiares, somando-se a onze jovens conhecedores do evento em duas ou mais edições da Festival Literário guiados pelo Colégio Reitor.

Em relação à série, quatro participantes são do 9º ano, série final do Ensino Fundamental e dezessete do Ensino Médio, a saber: dois cursando o 1º ano; quatro, o 2º ano; e nove, o 3º ano – série na qual atuo como professora de Língua Portuguesa/Literatura e Redação. No conjunto,

cinco leitores do gênero masculino e dezesseis do gênero feminino, nomeado através de autoidentificação.

2.3 OS DISPOSITIVOS DE PRODUÇÃO DE INFORMAÇÕES DA PESQUISA

Por entender que os dados não se revelam ao pesquisador espontaneamente no campo da pesquisa e pela complexidade da característica dos fenômenos na área educacional (LÜDKE; ANDRÉ, 1996), foram utilizados para análise neste estudo três dispositivos, a saber: análise documental, entrevista semiestruturada e grupo de discussão.

A análise documental constitui uma fonte repleta de informações sobre o contexto observado, pois, assim como afirmam Ludke e André (1996, p. 39), “os documentos constituem também uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentem afirmações e declarações do pesquisador”. Assim, almejando ter informações sobre a FLIFS, foram analisados a programação cultural e literária das edições realizadas disponível no site oficial do evento, os dados, os relatórios, todos e quaisquer documentos sobre o evento, fornecidos pela fundadora e organizadora principal, a Universidade Estadual de Feira de Santana, através da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX/UEFS), que possibilitaram o conhecimento sobre as práticas culturais de leitura promovidas por este Festival destinadas para os estudantes da Educação Básica, a citar: o Projeto da 15ª edição da FLIFS e o Projeto Vale-Livro.

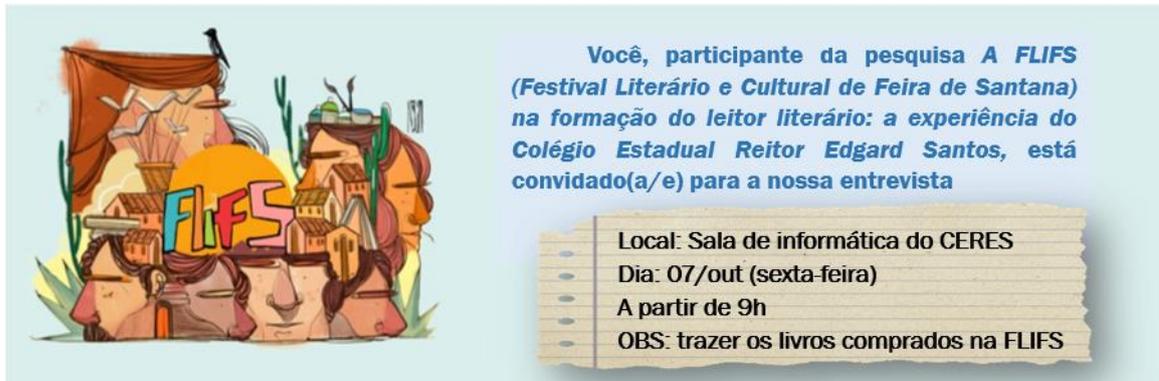
Quanto à observação das práticas no ambiente do Feira do Livro e o acompanhamento da interação social dos estudantes, só foi possível em 2022, pois, nos dois anos anteriores, a Feira ocorreu, extraordinariamente, com atividades virtuais por conta das medidas de distanciamento social obrigatórias para conter o avanço da COVID-19 no município.

Já no ambiente escolar, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, vantajosa técnica de “captação imediata e corrente da informação desejada” (LÜDKE e ANDRÉ, 1996, p. 34), mediante perguntas abertas que compuseram um guia para orientação do investigador, mas que foi flexibilizado pelo percurso discursivo dos participantes: estudantes frequentadores da FLIFS.

As entrevistas individuais ocorreram entre os dias 07 a 26 de outubro de 2022, na sala da biblioteca, nos mesmos turnos de matrícula dos discentes para não gerar custos adicionais aos participantes e nos meus horários de folga do trabalho, às terças e quartas-feiras e eventualmente na sexta-feira. Entre o dia 31 de agosto de 2022, visita a FLIFS, e o início das entrevistas, houve um intervalo justificado pelo período de preparação e aplicação das

avaliações da II unidade, previstas no calendário escolar. Os momentos tiveram uma duração variável determinada de acordo com o fluxo de fala dos participantes, tendo entre treze minutos e trinta e oito segundos e trinta e dois minutos e vinte segundos, registrados em áudio pelo gravador de voz do smartphone e em vídeo pela câmera do tablet.

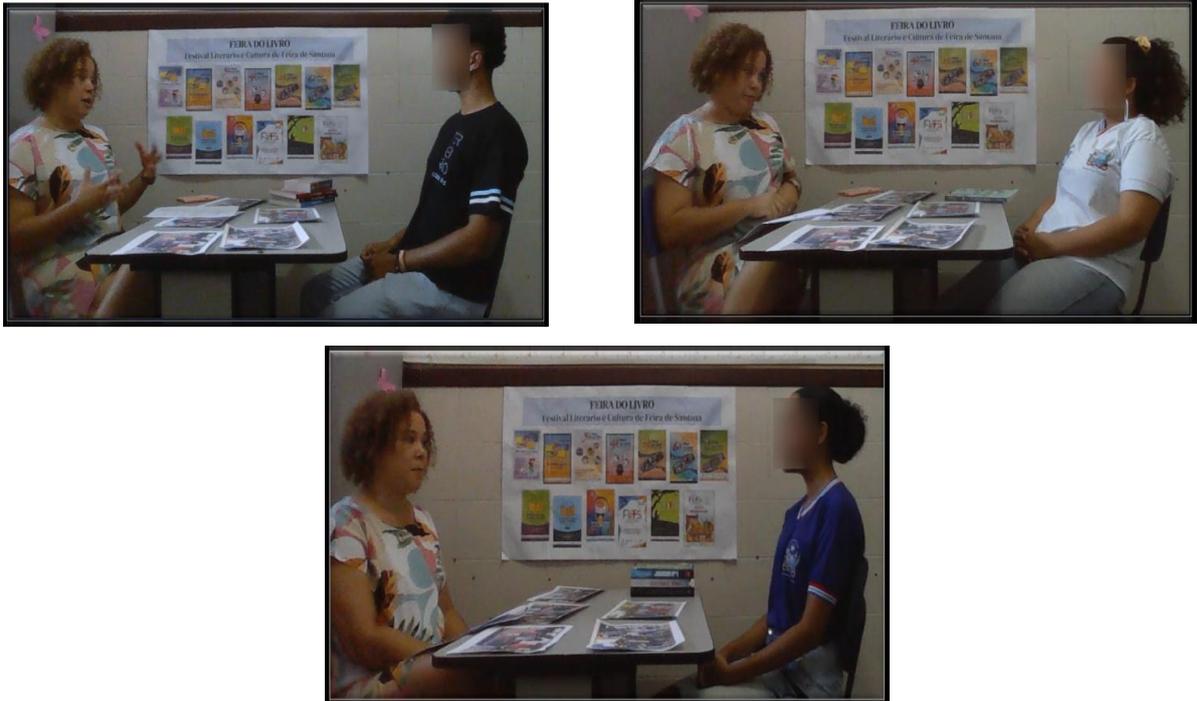
Figura 4 – Convite individual para Entrevista Semiestruturada



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2022).

Utilizando um roteiro não rígido para a execução da entrevista, foi assegurado ao entrevistado maior liberdade para discorrer sobre o tema proposto e de interesse do pesquisador. Dessa maneira, de acordo com Bogdan e Biklen (1994, p. 134), recolhe-se “dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo”.

Figuras 5, 6 e 7 – Registros fotográficos das Entrevistas Semiestruturadas⁵



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2022).

Tal roteiro foi planejado e segmentado em três partes: a primeira visando às informações pessoais; a segunda objetivando conhecer o contexto e o envolvimento leitor e a última aspirava a saber as reflexões do leitor sobre a FLIFS (Apêndice C). Individualmente, o esquema foi (re)desenhado pela disposição do participante e por mim, ouvinte atenta, de modo a possibilitar melhor conhecimento sobre as experiências vivenciadas pelos jovens, suas percepções e interpretações acerca da sua prática de leitura literária e do momento social da visita.

A entrevista semiestruturada é compreendida nessa pesquisa como um evento social, em uma perspectiva de cooperatividade e de modo colaborativo, construído entre o pesquisador e o participante, que terão as falas de suas experimentações sobre o Festival estimuladas possibilitando que articulem a produção de suas identidades sociais. Este dispositivo é definido como um evento interacional por meio do qual se pode gerenciar as identidades sociais, como referenda Bastos e Santos (2013, p. 11):

O foco de análise recai sobre como a fala é construída em entrevista, o que possibilita a compreensão, entre outros elementos, de como as pessoas produzem avaliações sobre o mundo e como gerenciam suas identidades sociais em contextos de entrevista específicos.

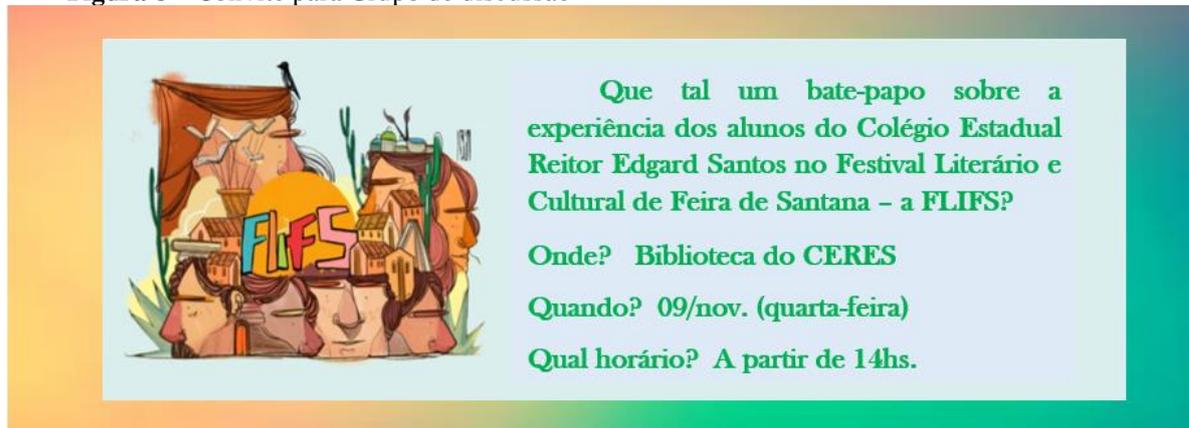
⁵ Os registros de imagens foram autorizados pelos estudantes no TALE e por seus responsáveis no TCLE assinados.

Objetivando produzir informações que representassem as orientações individuais e coletivas dos participantes deste estudo, também foram realizados três grupos de discussão com os estudantes do CERES, pois estes procedimentos “constituem uma ferramenta⁶ importante para a reconstrução dos contextos sociais e dos modelos que orientam as ações dos sujeitos” (WELLER, 2006, p. 246). Ademais, os dispositivos coletivos podem contribuir para transformações de todos os envolvidos na pesquisa, já que os partícipes compartilham entendimentos, ouvem opiniões de seus pares e, em contrapartida, conhecem outras realidades.

Os participantes da pesquisa foram reunidos em três grupos, cujos encontros foram divididos em dois momentos. O primeiro, cujo tema foi “Leitor, leitura e livro”, foi iniciado com o momento de sensibilização através da leitura feita por mim do conto de Clarice Lispector, Felicidade Clandestina, visando a que os participantes versassem sobre sua relação com a leitura e com o livro, também sobre a importância da leitura nas suas vidas.

No seguinte, com o tema “O papel da FLIFS na formação do leitor literário”, partiu-se desse tópico-guia para ativar as memórias da(s) visita(s) ao evento, para motivar a exposição sobre a participação deles na programação organizada pela Feira e sobre as experiências vividas na praça significantes para o gosto leitor. Assim como as entrevistas, todos os três grupos de discussão foram registrados por vídeo e áudio para posterior transcrição e análise.

Figura 8 – Convite para Grupo de discussão



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2022).

A biblioteca foi novamente local de encontro, agora para os grupos de discussão, onde foram expostas fotografias de momentos de convivência na Feira, nos dias 16 e 18 de novembro, cuja duração variou entre quinze minutos e dezoito segundos e quarenta e quatro minutos e quarenta e cinco segundos. Sentados dispostos em círculos, os leitores discorreram alternando

⁶ O termo “ferramenta” é utilizado pela escritora; entretanto, neste estudo, entende-se o termo grupo de pesquisa com dispositivo de pesquisa, como afirmo adiante.

turnos de fala entre seus pares tecendo teias de lembranças do êxtase diante de tantos livros dispostos ao toque, da frustração com o valor do vale-livro e o preço dos itens de interesse, com o encantamento nas rimas dos cordelistas.

Os agendamentos das duas sessões foram realizados de acordo com a disponibilidade dos alunos, reunindo no primeiro encontro 7 ou 8 jovens por ocasião de três grupos, contudo dificuldades apareceram para manter a mesma formação dos grupos para o segundo momento. Fez-se necessário formar quatro grupos com 4 e 5 participantes para efetivar a finalização do dispositivo.

Figuras 9, 10, 11 e 12 – Registros fotográficos dos Grupos de Discussão



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2022).

Portanto, os grupos de discussão cujos resultados são apresentados no capítulo de análise foram um caminho para acessar o conhecimento sobre o grupo social ao qual pertencem

os discentes e analisar a influência da FLIFS na formação leitora literária de fruição desses jovens.

2.4 ANÁLISE DE INFORMAÇÕES À LUZ DA ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA

As informações produzidas pela pesquisa de cunho qualitativo serão analisadas de modo aprofundado, visando à compreensão dos fenômenos que se pretende investigar com rigor e critérios. Para tanto, será utilizada como método de interpretação de informações a Análise Textual Discursiva (ATD) para o movimento de análise dos discursos produzidos pelos participantes neste estudo.

Os materiais textuais fornecidos pelos dispositivos constituem como significantes, posto que a pesquisa qualitativa visa aprofundar-se no entendimento baseado na atitude fenomenológica a partir da perspectiva do outro, considerando que os dados que emergem do campo incorporam o contexto do qual os participantes fazem parte porque os constitui e que é constituído por eles. Isso posto a ATD apresenta-se nessa pesquisa como um acesso para o pensamento investigativo, cooperando com a construção e reconstrução de verdades por meio de um envolvimento aprofundado para novas compreensões.

O método da ATD é constituído por movimentos dialógicos na tentativa de compreender a realidade integrada ao contexto a partir da perspectiva do discurso do indivíduo através da consciência e da significação da linguagem. O pesquisador faz sucessivas incursões dentro do campo de estudo para obter o máximo de clareza ou desvelamento dessa realidade que se sabe ampla, complexa e multifacetada.

Entende-se aqui que textos resultados dos dispositivos usados revelam marcas fundadas nas experiências e vivências pessoais, sócio-históricas cuja compreensão é essencial para o fenômeno a ser observado, não aspirando confirmar ou refutar hipóteses, mas sim compreender qual a relevância da FLIFS na formação leitora literária dos participantes, estudantes do Colégio Estadual Reitor Edgard Santos, selecionados para essa análise.

Percebendo-me envolvida e mergulhada neste objeto de pesquisa, como professora de Língua Portuguesa/Literatura da unidade de ensino há dezesseis anos e por mais de uma década responsável pela seleção dos alunos visitantes e pela visita guiada à Feira, que apresento como *locus* dessa investigação, apta para me debruçar sobre esse movimento de compreensão, construção e reconstrução da realidade dos alunos frequentadores do Festival Literário, preconizado pela ATD para uma análise subjetiva. Dado que há uma exigência de que o

pesquisador esteja envolvido no objeto de pesquisa, podendo assumir-se como sujeito das interpretações por meio do contato com a realidade sem que se almeje a neutralidade. E essa relação íntima como o objeto pesquisado, eu possuo.

A ATD mergulha no rio da linguagem para analisá-la, de modo que o participante e o contexto façam parte do processo de construção observado subjetivamente, num movimento de desconstrução, para desmontagem dos sentidos e conhecimentos existentes e, posteriormente, de reconstrução, para a organização de unidades produzidas pela desconstrução que emergem de categorias e textos expressando os novos sentidos, como apresentam Moraes e Galiazzi (2016). Nesse processo analítico, buscando expressar novas compreensões, a ATD aciona quatro etapas de um método auto-organizado: unitarização, categorização, reunitarização e, por fim, metatexto.

A unitarização consiste na desmontagem do texto por unidade de sentido, após um exame cuidadoso dos materiais, identificando os fragmentos que são pertinentes para a pesquisa. Executa-se a interpretação e o isolamento as ideias elementares sobre a questão investigada, os quais, apesar de constituírem parte, são recortes do *corpus* integram a unidade da pesquisa.

A fase da categorização é correspondente ao estabelecimento de relação entre as unidades e reagrupamento através de categorias. Nessa etapa, realiza-se a organização e estabelecimento de um conjunto, trazendo novas significações que o pesquisador desvela do texto, compondo uma nova cena com produção de novos sentidos.

Avançando para o terceiro estágio denominado de reunificação, equivale-se a captura do novo emergente, isto é, reagrupamento por meio de sentidos unidos por categorias que interpretados são vistos na sua particularidade, o que possibilita novas compreensões sobre o objeto. Caracteriza-se pelo movimento didático de reelaboração das categorias de forma mais complexa e organizada através do exame do pesquisador.

Complementa a trilha de análise da ATD a etapa conhecida como metatexto, em que é feita a compilação dos pequenos textos somada a interpretação produzida nas duas fases anteriores, ampliada e aprofundada de uma análise crítica. Produto de um movimento intelectual, político e ideológico do pesquisador, os metadados são traços da atividade hermenêutica com a base teórica do estudo, de modo a dialogar com as experiências científicas. Propicia a aproximação do pesquisador com a construção sócio-histórico de nossos saberes.

Assim interessa observar e interpretar, através dessas etapas que compõem o processo da ATD, os recortes discursivos nas entrevistas semiestruturadas e grupos de discussão com os partícipes desse estudo de modo analítico e comprometido com o rigor científico. Nesse sentido,

em um movimento de mergulho no material de análise, apresentamos as categorias *a priori*, suas unidades de sentido, e as categorias emergentes no quadro a seguir:

Quadro 3 – Categorias a priori, unidades de análises e categorias emergentes

CATEGORIAS A PRIORI	UNIDADES DE ANÁLISES	CATEGORIAS EMERGENTES
Leitura	Concepção de leitura; Concepção de leitor; Práticas culturais de leitura.	Leitura; leitor; livro; concepção de leitura e de leitor; práticas culturais de leitura, FLIFS.
Literatura	Concepção de literatura; Letramento literário; Formação do leitor literário.	Literatura; concepção de literatura; Letramento literário; Formação do leitor literário; FLIFS.
Políticas públicas	Políticas públicas para formação do leitor; Eventos literários no Brasil e na Bahia; Festival Literário e Cultural de Feira de Santana (FLIFS).	Políticas públicas para formação do leitor; Festival Literário e Cultural de Feira de Santana (FLIFS).

Fonte: Arquivo da autora (2023).

O quadro apresenta as duas primeiras etapas – unitarização e categorização – as quais foram realizadas por meio de movimentos de mergulho no texto, leitura, interpretação, análise e levantamento das unidades de sentido, já se buscando observar os múltiplos significados que ali circulavam. Na sequência, é feita a classificação dessas unidades de análise, atendendo a identificação do que é semelhante com vistas à organização das informações.

Após esses movimentos, procede com a análise e sistematização das categorias finais deste estudo, com a finalidade de responder à questão-problema e atingir os objetivos propostos, conforme o quadro a seguir:

Quadro 4 – Categorias a priori e categorias finais de análise da pesquisa

CATEGORIAS A PRIORI	CATEGORIAS FINAIS	METATEXTO
Leitura	Leitura; leitor; livro; concepção de leitura e de leitor; práticas culturais de leitura, FLIFS.	A prática leitora permite construir-se a si próprio, podendo constituir-se como vital para esses jovens; pois, através dela, sentem-se singularizados, ouvidos ao verem nas narrativas seus problemas, seus sonhos e suas expectativas.
Literatura	Literatura; concepção de literatura; Letramento literário; Formação do leitor literário.	A leitura de literatura não é só válvula de escape, mas também a oportunidade de viver outras vidas além da sua, conhecer outros mundos, outras épocas. É a

		experiência de vida que o texto literário promove, pois acrescenta conhecimento múltiplos à nossa teoria de mundo e, conseqüentemente, nos tornar capazes diante dos desafios que a vida nos impõe.
Políticas públicas	Políticas públicas para formação do leitor; Festival Literário e Cultural de Feira de Santana (FLIFS).	A FLIFS é indispensável política pública, no município de Feira de Santana e circunvizinhança, para a promoção da formação da leitura literária dos jovens desprovidos financeiramente, alunos de escolas públicas, através da democratização do livro.

Fonte: Arquivo da autora (2023).

Resultante da atividade de análise, interpretação das vozes dos participantes e muitas reflexões orientadas pela ATD, os quadros 3 e 4 representam as categorias apresentadas no entrecruzamento das interlocuções teóricas e dos achados da pesquisa através da imersão nos discursos dos alunos do CERES. Na próxima seção, discorreremos sobre os constructos teóricos e, em seguida, sobre os diálogos estabelecidos no campo empírico com os jovens leitores visitantes da FLIFS.

3 LEITURA, LITERATURA E LEITOR: DO DIREITO À EMANCIPAÇÃO, DO CONHECIMENTO À FRUIÇÃO

Os poemas são pássaros que chegam
 não se sabe de onde e pousam
 no livro que lê.
 Quando fecha o livro, eles alçam voo
 como de um alçapão.
 Eles não têm pouso
 nem porto;
 alimentam-se um instante em cada
 par de mãos e partem.
 E olhas, então, essas tuas mãos vazias,
 no maravilhado espanto de saberes
 que o alimento deles já estava em ti...

(QUINTANA, 2005, p.469)

Assim como os poemas não ficam enterrados nos livros, por serem livres, espontâneos e nômades; levam, de mãos em mãos, o seu propósito de multiplicar-se em cada um que pousam numa curta viagem e, ao alçar novo voo, permanecem a vagar na consciência desse leitor. Quintana evoca a literatura que não se confina em espaços, em estantes, em bibliotecas trancadas, cuja leitura provoque trazer à luz a compreensão de si e do mundo que o cerca como essenciais para o projeto de existência do indivíduo, assim também defende Freire.

Ao ancorar este estudo na perspectiva teórica freiriana sobre o caráter político da educação, entende-se que o conhecimento produzido no processo educativo fornecerá ao indivíduo instrumentos necessários para superar sua consciência ingênua e transformá-la em participação cidadã através da condição crítica de compreensão do mundo. Dessa maneira, as instituições envolvidas nesse caminho de aprendizagem precisam produzir oportunidades para que isso seja possível, despertando curiosidade, inquietude, humildade, criatividade, persistência e esperança, segundo as palavras de Freire em:

quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender tanto mais se constrói e desenvolve o que venho chamando ‘curiosidade epistemológica’, sem a qual não alcançamos o conhecimento cabal do objeto (FREIRE, 2002. p. 27).

Assim aguçadas a curiosidade e a inquietude, o sujeito terá necessidade constante na busca pelo saber e compreensão do mundo, possibilitando a aprendizagem. Neste estudo, partimos da ideia de que ler é uma ação que possibilita esse acesso, pois, como afirma Freire

(2011), a leitura é o processo pelo qual os indivíduos se apropriam do conhecimento e por meio desta pode despertar consciências críticas e libertadoras, através das quais se processam esperanças de mudanças, especialmente, as sociais.

Neste capítulo são apresentados os eixos teóricos que sustentam o estudo, a saber, *leitura e literatura*, bem como as categorias teóricas que deles se desdobram: concepção de leitura, de literatura e de leitor; letramentos e práticas culturais de leitura; formação do leitor, letramento literário; perfil do leitor jovem; políticas públicas para formação do leitor, em especial, a FLIFS.

3.1 ENTRELAÇAMENTOS DA LEITURA COM A LITERATURA

Se antes a leitura era tida por muitas sociedades como ação perigosa, subversiva e inútil, na contemporaneidade, seu valor foi alterado para utilitário, capital, libertário e vital. Devido a isso muitas são as teorias que se dedicam a seu estudo, conceituação, mapeamento das funções cerebrais, psicologia da leitura, sociologia da leitura, história da leitura, entre outras abordagens.

Na concepção mais tradicional da teoria da leitura, define-se ler como ouvir a voz do autor. Este ocupa o lugar central do texto, sendo comum nas atividades escolares de leitura buscar o que o autor quis dizer, qual a intenção ao dizer/escrever/desenhar aquilo (MENEGASSI e FUSA, 2010).

Uma noção bastante difundida é de que o texto é o foco, buscando revelar sua compreensão, sua decifração, sua análise (BEARDSKEY e WIMSATT, 2002). Outra vertente aparece em alguns estudos, apontando que a leitura está centrada no receptor, entendendo que o texto só existe a partir da interação com o leitor (ISER, 1996; LARROSA, 1988; ROSENBLAT, 1978).

Há, também, estudos que defendem a tese de que o leitor mantém seu papel principal no processo da leitura, contudo como representante de um contexto social, formado pelo momento histórico-social em que se constituiu o leitor (HEATH, 1983; CHARTIER, 2004; CORACINI, 2005).

Nessa última concepção do ato de ler, proposta por autores como Chartier (2004) e Coracini (2005), está um dos referenciais principais nos quais este estudo se apoia, pois define a leitura como parte do contexto em que o leitor é constituído a partir de práticas e leitura da comunidade a qual faz parte, que determinam ou limitam os textos, os discursos e os sujeitos.

À vista disso, assume-se que “[...] a leitura parte do contexto e tem no contexto o seu horizonte de definição. Ler é compartilhar os sentidos de uma sociedade”. (COSSON, 2014, p. 39)

Uma base importante para esta pesquisa é a perspectiva freiriana, que defende que a leitura não é somente a decodificação da palavra escrita; entretanto, é a partir dela que se alcança a inteligência e o conhecimento do mundo que nos cerca. Dessa forma, o contexto vivido pelo indivíduo deve ser elemento fundamental, para que relacionado ao texto, possibilite a leitura crítica que o levará a uma prática consciente da sua cultura e do seu papel transformador no mundo.

Ler, para Freire (2011, p. 31), “implica “percepção crítica, interpretação e “re-escrita” do lido”, converte o leitor em sujeito numa relação dinâmica com a linguagem revelando “o próprio processo de assimilação da inteligência do mundo” (FREIRE, 2002, p. 139). Assim, o ato da leitura gera conhecimento, conseqüentemente, a emancipação do ser humano quando se descobre capaz de mudar sua realidade social e da comunidade na qual está inserido de maneira coletiva e cidadã.

Os estudos delineados por Vicent Jouve definem a leitura como “uma atividade complexa, plural” (JOUVE, 2002, p. 17), caracterizada por suas várias facetas. O autor argumenta como complementar e consecutiva à atividade reflexiva do leitor, as emoções e sensações provocadas pela leitura funcionando como uma força persuasiva de atração, ou seja, quando emocionado, tocado, há a identificação com o lido decorrendo no engajamento da leitura, o que considera componente essencial. Essa relação afetiva se daria intrinsecamente com a leitura ficcional, assim como a vinculação da intenção de convencimento do receptor muito própria dos textos narrativos, levando o leitor a se interrogar sobre sua compreensão. Concluindo, simbolicamente, a leitura interpela o interlocutor e o faz pensar sobre os sentidos atribuídos, os quais são profundamente relacionados com o contexto sociocultural onde ele se estabelece. Logo “a leitura afirma-se como parte interessada de uma cultura” podendo “transformar mentalidades” (JOUVE, 2002, p. 22).

Ao abrir as portas da biblioteca e disponibilizar os tesouros aos curiosos leitores, ao permitir que manuseassem os livros buscando títulos do seu gosto, ao solicitar que os exemplares lidos fossem divulgados aos colegas para multiplicar os interesses, formava-se no CERES um ambiente para o diálogo entre narrativas, identidades e reflexões proporcionadas pela pluralidade através da linguagem literária escrita.

Isso posto, as últimas três fases desse processo da leitura descrito por Jouve caracterizados por afetivo, argumentativo e simbólico, configuram significativamente para a leitura de fruição, interesse desta investigação, pois realizados a decodificação e o

entendimento, o leitor sente-se envolvido devido à identificação pelo texto, garantindo seu interesse provocado pela simpatia, riso, compaixão, solidariedade, repulsa por meio do enredo que o envolve e o prende as narrativas.

Concatenado a esse entendimento, minha prática pedagógica foi redirecionada após alguns anos trabalhando com projetos de leitura na 3ª série do Ensino Médio e muitos percalços, devido a resistência de alguns jovens à leitura, pela ausência de um contexto leitor anterior. Aproveitei uma alteração curricular para intermediar a implantação de um componente para a formação do leitor literário no 6º e 7º ano do Ensino Fundamental, a disciplina Português Instrumental, e me disponibilizei a ministrar as aulas. Ambicionando acessar aos adolescentes – leitores em potencial recém-chegados à instituição – durante dois tempos semanais, como prática de leitura literária, eram realizados círculos de contação, cujos títulos eram escolhidos no acervo da biblioteca e temática sugerida pelos alunos.

Para o 6º ano, os contos de suspense eram os preferidos, a exemplo da contação do conto Gato Preto, de Alan Poe, texto que integra um dos livros do PNLD Literário. Envolvidos em atmosfera supersticiosa, durante a leitura oral, todos os adolescentes permaneceram com os dedos cruzados para não dar azar, inclusive eu, a pedido dos alunos, enquanto lia e segurava o livro. Olhos arregalados, expressão facial de tensão, silêncio absoluto para os momentos em que reduzia o tom da voz para em seguida assustá-los, cabeças e braços apoiados nas mesas inclinados a frente como demonstração de interesse, movimento de corpos seguindo a professora leitora enquanto andava pela sala e, ao final da sessão de leitura, muitos ávidos por saber se havia outro exemplar na biblioteca e para incluir seus nomes na lista de empréstimo assim que o exemplar fosse devolvido por mim.

À vista disso ficava constatado que ao existir identificação, haverá emoção e, conseqüentemente, engajamento com a(s) personagem(ns), a partir do qual surge a tentativa de agir do leitor sobre a cena. Denominada por Jouve (2002) como intenção ilocutória, a narrativa suscita no interlocutor que assuma um posicionamento, questionando-se sobre a sua compreensão, sobre a validação do entendido a contar com a cultura e os valores desse indivíduo e como se relaciona com a sociedade e o contexto que integra.

Para discutir o uso da concepção de representação, Roger Chartier (1989) ressalta a característica da compreensão variável e plural do mundo social proposta nos textos. Segundo o autor, o indivíduo é formatado de variadas formas e situações pelas relações sociais e de poder, a partir das relações entre os indivíduos alterando seu agir e seu pensar. Nesse contexto, a leitura se constitui como um ato concreto, cuja compreensão é dada por um conjunto de

aspectos institucionais, culturais e sociais, através da articulação entre o texto e o sujeito. Afinal, as práticas de leitura são consideradas histórica e socialmente variáveis, como defende

considerar a leitura como um ato concreto requer que qualquer processo de construção de sentido, logo de interpretação, seja encarado como estando situado no cruzamento entre, por um lado, leitores dotados de competências específicas, identificado pelas suas posições e disposições, caracterizadas pela sua prática de ler, e, por outro lado, textos cujo significado se encontra sempre dependente dos dispositivos discursivos e formais que são seus. (CHARTIER, 1989, p. 25-26)

Assim é possível afirmar que existem leituras diversas, que ultrapassam a capacidade individual e tem o poder de agir sobre as estruturas mentais e, por consequência, sobre o próprio mundo social, através da sua visão do mundo.

Eliana Yunes (2003), ao defender a leitura como homóloga ao pensamento, sustenta a relevância desta em relação à escrita ao argumentar que antes mesmo de decifrar o código, o homem já produzia relatos oralmente complexos e organizados que caracterizariam um rudimento de leitura, capaz de tornar concreto o mundo vivenciado. Logo, o pensamento e a leitura são atos igualmente importantes, haja vista que aquele que não tem a prática da leitura tem dificuldades de organizar seu raciocínio e expressar-se coerentemente.

A leitura é como um portal extraordinário para um mundo novo, pela qual desvendamos experiências, sensações vividas através do discurso artístico. A autora advoga que a leitura é um “recurso civilizatório”, que auxilia na formação do sujeito ou de sua subjetividade para a constituição do conhecimento, e assim define a ação de ler como

um ato da sensibilidade e da inteligência, de compreensão e de comunhão com o mundo; lendo, expandimos o estar no mundo, alcançamos esferas do conhecimento antes não experimentadas e, no dizer de Aristóteles, nos comovemos catarticamente e ampliamos a condição humana. (YUNES, 1995, p. 185)

Lecionando e executando práticas de leitura literária na série de entrada dos anos finais do Ensino Fundamental e na de saída do Ensino Médio, com o avançar dos anos, testemunhei o desenvolvimento de leitores críticos e engajados socialmente, comprometidos com a concretização de um ideal de futuro coletivo e da sua própria formação intelectual. A julgar pelo nível de criticidade das discussões ocorridas em sala com os discentes que retornavam ao convívio comigo quase que diário nas cinco aulas semanais na 3ª série do Ensino Médio em dois componentes curriculares – Língua Portuguesa/Literatura Brasileira e Redação –, era possível constatar o resultado exitoso das ações iniciadas no 6º ano, amadurecidas durante o

processo pedagógico, ao discutir os romances modernistas brasileiros a partir de temas como: desigualdade social, estigma da seca, figura feminina, miséria intelectual e cultural, relacionamento amoroso, relações familiares, poder e política, infância, cultura sertaneja/rural entre outros problemas sociais relacionados pelos leitores.

Mesmo havendo alunos que não se engajavam na leitura dos romances regionalistas diretamente, por falta de aproximação com esse gênero, a maioria aderiu aos debates interessados em detalhes sobre as narrativas e personagens, para relacionar a ficção a relatos da realidade. Dessa forma, bebiam da fonte literária na forma de ouvintes, interlocutores que não saíram ilesos tendo sua visão de mundo enriquecida ao discutir a própria realidade através do olhar segundo a leitura do outro.

Neste estudo e nas experiências com práticas de leitura desenvolvidas no CERES, ao compreendermos a leitura como uma prática sócio cultural, relacionamos o ato de ler a um fenômeno social, como propõe Angela Kleiman (2012), para quem o uso das tecnologias de leitura e escrita constitui ação sempre situada em práticas sociais específicas e influenciadas pelos contextos socioeconômico, político e cultural onde essas práticas se concretizam. Logo, o termo letramento é/precisa ser, defende a autora, compreendido na sua designação plural, ou seja, letramento(s).

Concordamos com a definição proposta por Kleiman (2012), quando ela argumenta que letramento significa “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”. (p. 18). Essa definição da autora apoia-se no campo de estudos denominado Novos Estudos do Letramento (The New Literacy), que teve início na década de 80 do século XX, com os estudos de Brian Street (2004).

O pesquisador (1993) traz como proposta a produção de uma teoria mais ampla sobre os letramentos, a noção de “práticas de letramento” se refere às situações de uso da escrita de maneira situada, baseada no contexto coletivo, social e de poder. Os estudos do letramento têm uma natureza política, posto que o sujeito é visto como aquele capaz de interagir nos processos de comunicação através da linguagem nos usos sociais.

No contexto de variedades de práticas e suas particularidades – como o é a escola – emerge a multiplicação conceitual do termo “letramento”, cuja categorização sugerida por Vianna *et al* (2016) relaciona-se ao contexto, ou seja, tempo e lugar históricos em que ocorrem, assim como os sujeitos envolvidos e socialmente situados. Nessa perspectiva, cunha-se o conceito de “novos letramentos” posto que as práticas letradas se modificam devido às

transformações sociais provocadas pelas mudanças tecnológicas, econômicas, institucionais e comunicativas das relações socioculturais atuais.

Nessa pluralização do letramento, alço a noção de letramento literário, conceito que, segundo Rildo Cosson (2006, p. 17), assume um lugar singular na relação com a linguagem, pois é responsável por “tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas”. Assim, a leitura literária é prática primordial para a constituição do sujeito da escrita, já que proporciona o domínio da palavra por meio da mesma. Na leitura do texto literário, ocorre o encontro conosco e nosso lugar no mundo e em sociedade, pois possibilita a experimentação com as diversas realidades que envolvem o outro, sem limite de tempo, espaço e contexto; exatamente como presenciei ocorrer com o projeto *Literando* e, posteriormente, com a versão interdisciplinar *Literando o sertão brasileiro*, comprovado em relato de uma das participantes do estudo indicando a construção do seu processo leitor, agora autonomamente quanto as suas escolhas literárias:

“É, acho que foi em 2018, ou foi 17 que teve o projeto Literando, que o pessoal do terceiro ano tava fazendo aquele livro Quinze ou foi Morte e vida Severina. Isso. E aí eu tava ali assistindo... o projeto tava sendo tão bem feito que eu fiquei apaixonada. Aí eu descobri que eu tinha uma paixão pelo livro sertanejo, do Sertão. Tinha uma paixão sobre a Literatura Brasileira, sobre Jorge Amado. E aí, o que que aconteceu? Primeiro eu assistir um filme O quinze, se não me engano. Aí eu gostei do filme. Eu falei: Bom, vou comprar um livro pra ler. Aí eu gostei do livro. Aí eu fui e fui indo. [...] Fui indo. Aí eu comecei a esbanjar em outros, e outros temas também”. (NATH, 2022)

Essa autonomia leitora é o fim almejado para a formação do aluno leitor ao final da Educação Básica que descobre novos autores, mundos e temáticas, assumindo outros rumos; conforme define Cosson “processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentido” (COSSON, 2014, p. 25). O letramento literário se apresenta como um fenômeno dinâmico construído individualmente, através da experiência do leitor com o texto, e por interação social, mediante a experiência de mundo. Todavia a interpretação é um ato solidário, porquanto é um exercício de troca com o escritor, com a sociedade que leitor e autor integram.

A leitura literária mostra-se significativa quando o leitor estiver aberto para “a multiplicidade do mundo e à capacidade da palavra” (COSSON, 2006, p. 27), despertando sentimentos da relação entre o ambiente e os outros ambientes permitidos por meio dela e por um intenso processo de interação com a obra literária. Nessa perspectiva, a literatura é o “uso da palavra para criar mundos ou um sentimento de mundo” (2014, p. 23). Tal condição para a formação do leitor literário está marcada na trajetória do jovem Uhtred, que aos 19 anos, após

o processo pandêmico e a reprovação no ano final do Ensino Médio, tornou-se um exemplo de estudante comprometido para a alteração de sua perspectiva de futuro cidadão e um leitor iniciante

“E, tipo, como eu falei, eu me interessei por livro também, porque eu acho que se... antes de eu começar a ler. Minha mente é muito fechada e tal, e eu acho que você lendo se abre mais. Abrange mais é somente para conhecimento, várias, várias formas de... Você muda a forma de pensar também através do livro, porque ele vai ter várias perspectivas de outras pessoas. Então você vê num lado do ponto de vista de outra pessoa, você meio que abrange mais com isso o seu conhecimento”. (UHTRED, 2022)

A explanação do participante Uhtred reafirma na minha prática docente e nessa pesquisa a concepção de que, no caminho de consciência e de saberes, está a leitura literária como via essencial para o processo de conhecimento.

Nessa direção, encontra-se nas teorizações de Cândido (2011) um importante argumento sobre a literatura como uma necessidade universal, um direito; sem a qual não haveria equilíbrio social necessário para humanização do indivíduo já que satisfaz necessidades elementares do ser, posto que o tornaria mais compreensível e sociável. As manifestações literárias são avaliadas como fortalecimento da presença e atuação do homem no mundo refletindo suas crenças, impulsos, sentimentos e normas. O autor justifica a relevância da literatura, negando sua característica “inofensiva”

Por isso é que nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. [...] A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (CÂNDIDO, 2011, p. 175).

Desse modo, o livro literário tem o caráter de formação de personalidade, podendo tornar-se um risco para as sociedades com suas amarras já solidificadas, pois ele “eleva e edifica” na tentativa de organização existencial, por meio do ordenamento da mente e sentimentos, logo tornando o homem capacitado para instituir a visão de mundo que se tem.

Ao versar sobre a conceituação de literatura, Cândido (2011, p. 174), de maneira ampla, considera literatura todas

as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações.

Alarga a literatura a um caráter universal, acessível a todos os homens, ao afirmar que não há possibilidade de nenhum indivíduo viver sem ter acesso a algum tipo de fabulação, o que garante o aspecto indispensável, abrangente e absoluto.

Também Marisa Lajolo (2001) e Márcia Abreu (2006) advogam a não unanimidade na definição do que é literatura. Enquanto Lajolo defende que a concepção muda ao longo do tempo e que depende do ponto de vista no qual se discute, o que possibilita várias possibilidades de conceituação. Para Abreu (2006, p. 39), literatura nunca “pode ser (ou não ser) muita coisa, mas jamais será *simplesmente*”. Sendo ela um fenômeno histórico e cultural, pode ter várias definições em diferentes épocas e grupos sociais. Ao discutir os critérios de literariedade, a estudiosa contesta os julgamentos feitos por questões externas ao texto, como o prestígio social do autor e sugere que o que faz um texto ser classificado como literário são fatores inerentes a ele. Nesse sentido, a definição de literatura adquire caráter político.

Destarte a literatura não deve ser acessada de maneira ingênua, pois possui função importante no processo libertador, ressaltando seu valor social ao disponibilizar modos de perceber o mundo, ao mostrar que há caminhos para um universo de possibilidades e oportunidades caracteristicamente libertadoras.

3.2 AS PRÁTICAS DE LEITURA LITERÁRIA E A CONSTITUIÇÃO DO LEITOR

Repetidamente, inúmeros discursos posicionam a leitura e a formação do leitor como exercício principal na constituição da cidadania e também como promoção do prazer, do gosto aos que leem (CHARTIER, 1994) e alçando o livro como artefato principal das práticas de leitura ou mesmo como única forma de ler (CASTRO, 2007).

Quando se fala em formação do leitor por gosto e prazer, multiplicam-se as publicações sobre a relevância da literatura para o desenvolvimento emocional, intelectual, político e cultural das crianças e dos jovens. Atribui-se a esse processo de construção o ingresso à leitura literária, ação que se desenvolve desde a infância; ao prazer que se constrói no ambiente escolar, à estratégia no trabalho de habilidades linguísticas e prática social através da interação entre indivíduos, etc. (BAMBERGER, 1995; MAGNANI, 1989, BRAGATO FILHO, 1995, KLEIMAN, 1993; GERALDI, 1984; SMOLKA, 1989), conforme detalha Maia (2007).

Consoante tais referências, admite-se aqui a responsabilidade da família no contato inicial para a criação do gosto pela leitura literária da criança. Assim também é pertinente

salientar que para a maioria dos discentes foco deste estudo – alunos de escola pública, portanto, grupo minimizado socialmente no contexto nacional –, o primeiro contato com a literatura só ocorre na escola durante o ensino fundamental, fase em que deveria ser dada ênfase e continuidade ao processo de formação de leitor, dificultando ainda mais o percurso já tão complexo a ser desenvolvido; posteriormente, no Ensino Médio, o estudante – já leitor – teria o fortalecimento da criticidade leitora.

Difícil é a concretização desse itinerário, por conta da heterogeneidade cultural da nossa sociedade que evidencia frequentemente, “que o acesso às obras culturais permanece como privilégio das classes cultivadas” (BOURDIEU, 2015. p. 56). À vista disso, “as crianças dessas classes sociais que, por falta de capital cultural, têm menos oportunidades que as outras de demonstrar um êxito excepcional devem, contudo, demonstrar um êxito excepcional para chegar ao ensino secundário”.

Tentando evitar a interpretação limitada ou errada da realidade social, Bourdieu (2015), ao criar o conceito de *habitus*, definiu-o como a integração de uma verificada estrutura social pelos indivíduos, que influenciaria na sua forma de agir, pensar e sentir, o que possibilitaria que estes agissem para confirmar e reproduzir. Isso recriaria as desigualdades indiretamente, mesmo que, às vezes, inconscientemente, impulsionando o aspecto conservador das estruturas sociais. Por conseguinte, se faz nossa realidade brasileira.

Roger Chartier sugere que as mudanças pelas quais passam a leitura são consequências de fatores econômicos e materiais, mas também “das formas de sociabilidade, das representações do saber e do lazer, das concepções de individualidade” (CHARTIER, 2004, p. 173). O modo como os grupos sociais em que estão inseridos os jovens interferem na maneira como se processa a leitura, o que o autor denomina a apropriação do discurso, conduz o leitor a compreender o mundo e a si. Nesse contexto, o leitor é atravessado pelo ambiente leitor ou não leitor o qual ele integra, assimilando e reproduzindo tal realidade, como corrobora o participante Uhtred. Ao relatar sobre seu percurso recente de leitor, o participante expõe alterações na sua relação com os amigos não leitores:

“E tipo assim, eu depois que eu comecei a ler, comecei a mudar os pensamentos também. Eu meio que comecei a pensar, quais são as pessoas que eu tão ao redor dele? Eu comecei a selecionar, seletivar, mas as pessoas ao redor que tipo? Algumas pessoas que também num, num chega pa somar, aí tipo, você acaba pensano que não dá amizade, não dá algumas coisas assim, tal.[...] É tanto que eu tô até sempre peço orientação de AL, Y., Nath também, pra me dá dicas de livro, porque tipo, elas é as únicas pessoas assim que eu tenho que é próximo e que tá nesse caminho já mais tempo que eu.

Então eu meio que peço referência deles pra ir no caminho certo.”
(UHTRED, 2022)

Ao citar três colegas de turma leitoras experientes, em quem estava se apoiando para auxiliá-lo nas aventuras literárias, o discente ratifica o entendimento de que o leitor precisa ser exposto ao contato com a leitura literária para lhe influenciar o interesse, o gosto. Definido como sujeito histórico, modificado e transformado pelas mudanças sociais e tecnológicas, que se expressa a partir da sua compreensão do mundo, concordamos com a ideia posta por Chartier (1989) de que o leitor é considerado como dono de uma voz que não é sua, mas, sim, da sociedade da qual faz parte.

Avançando mais nas reflexões sobre o que seja um sujeito leitor, encontra-se a perspectiva cognitiva e perceptiva, defendida por Lucia Santaella, que afirma existir uma multiplicidade de tipos leitores, por entender que a leitura incorpora as relações entre palavra, imagem, texto, gráficos, diagramação etc.

Das quatro classificações de leitor definidas pela estudiosa – a saber: o contemplativo, o movente, o imersivo e o ubíquo – destaco o tipo que mais se aproxima do foco desta pesquisa, o leitor literário, denominado como contemplativo, cuja leitura é caracterizada como “individual, solitária, silenciosa” (SANTAELLA, 2014, p. 31), a qual necessita da ligação íntima entre leitor e livro, um local reservado ou que privilegie a concentração e os “processos de pensamento caracterizados pela abstração e a conceituação”.

O leitor da contemplação é o leitor do livro, “que os procura, escolhe-os e delibera sobre o tempo que o desejo lhe faz dispensar a eles” (SANTAELLA, 2004, p. 24) e que ao utiliza-se da meditação, alça o “sentido interior da imaginação” (SANTAELLA, 2004, p. 24).

Sendo a leitura de fruição resultado do envolvimento do leitor com a obra que penetra no imaginário através de uma intimidade, cuja sensação provocada permanece e questiona, o leitor contemplativo é o elemento constitutivo desse artefato. Yunes ao distinguir leitura por fruição e leitura por prazer argumenta que

o uin-sight" detonador do apenas intuído, entrevisto, desdobra-se de forma prolongada e duradoura em *fruição*. Este movimento expande o prazer de forma gradual e intensifica o desejo de maior intimidade e convivência com as imagens desencadeadoras deste bem-estar ou desta dor que não se esvai com o término do ato de ler. (YUNES, 1995, p. 194)

A fruição perpassa pela compreensão entre necessidade e prazer, desvelando emoção pelo momento vivido ou imaginado, de modo duradouro na interação do leitor com o texto. A

leitura possibilita nesse contexto compartilhar, experimentar não um isolamento do mundo, mas sim o modo tão íntimo de sua verdade. O leitor literário jovem pode se tornar mais autônomo tanto ao criar intimidade com a leitura assim como tornar-se mais engajado socialmente.

É nesse prisma que Michèle Petit discorre sobre os benefícios da leitura de livros para a juventude, ao entender que esse grupo pode estar mais consciente “para resistir ao processo de marginalização” (2009, p. 19) ao ser exposto a essa prática, pois

ela os ajuda a se construir, a imaginar outras possibilidades, a sonhar. A encontrar um sentido. A encontrar mobilidade no tabuleiro social. A encontrar distância que dá sentido ao humor. E a pensar, nesses tempos em que o pensamento se faz raro. (PETIT, 2009, p. 19)

O leitor não se apresenta como um elemento passivo ou um papel em branco, pois é assumido como aquele que elabora a tarefa produtiva de reescrever os sentidos compreendidos e de transformar-se por eles. Nesse sentido, importante é a divagação feita por Petit (2009), ao dizer que “talvez não exista exclusão pior que a de ser privado de palavras para dar sentido ao que vivemos”. A condição socioeconômica dos jovens pode ser limitadora dessa experimentação através do livro literário, posto que são tolhidos do acesso ao devaneio, à fantasia, à imaginação por meio da escrita que pode lhes fornecer, eliminando a eles o direito à participação em sociedade.

O leitor jovem é caracterizado por Petit como um curioso, que tem precisão de saber, de comunicar-se bem; possui um modo particular de recepção do texto e pode se tornar essencial quando entende que a leitura o singulariza. Logo, assume-se que o perfil do leitor jovem que se almeja analisar por meio deste estudo é caracterizado como aquele que:

se constrói de maneira singular e tenta criar, com as armas que possui, com maior ou menor êxito, um espaço em que encontre seu lugar; trata de elaborar uma relação com o mundo, com os outros, que dê sentido a sua vida. (PETIT, 2009, p. 52)

Podendo ser a formação do leitor jovem uma questão social, como contesta a filósofa, um dos empecilhos que dificultam a concretização é o acesso ao livro literário. Imbuída dessa convicção, entendemos que ações políticas voltadas a educação popular a exemplo da FLIFS devem, de forma premente, ser tratadas como “programas [...] que visam garantir que os alunos tenham garantia, não de passatempo, mas, sim, de *nutrição* (MEIRELES, 1984) do intelecto e da sensibilidade”, como reitera Paula (2010, p. 102).

A dificuldade de acesso ao livro literário para o público da escola pública, assim como verificava-se no CERES a julgar pelo insucesso do *Escambo Literário*, pela classe social a qual são pertencentes, pela quantidade de empréstimos na biblioteca para a execução da ação da *Parada de Leitura* sob a justificativa de não terem livros em casa, repercute as desigualdades sociais que se manifestam e se reproduzem na realidade nacional. Isso posto, a democratização do livro seria um passo importante para alcançar o ideal de sociedade igualitária de direitos e oportunidades através da expansão do conhecimento, para propiciar transformação escolar, ampliar as possibilidades profissionais e, conseqüentemente, mobilidade social.

3.3 POLÍTICAS PÚBLICAS PARA FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

É frequente, na sociedade moderna, globalizada e tecnológica em que vivemos, o debate sobre o comportamento do leitor. Pesquisas de várias áreas, sobretudo do campo da Educação e do mercado editorial, produzem análises e resultados importantes, que avaliam e orientam políticas públicas e ações voltadas à promoção da leitura e do acesso ao livro. Alguns estudiosos se debruçam sobre pesquisas cujos números revelam que nunca se vendeu tantos livros no país, analisando o sucesso que fazem os *best-sellers* internacionais juvenis e os livros escritos por influenciadores digitais jovens (CECCANTINI, 2009, 2016; OLIVEIRA, 2013).

De acordo com a pesquisa Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro, coordenada pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) e pela Câmara Brasileira do Livro, em 2019, houve um crescimento real de 3,3% na venda de livros para o mercado consumidor nacional (desconsiderando as vendas para o Governo Federal). Verificando os números de exemplares vendidos em 2011, mais de 101 milhões e, em 2019, 209 milhões; pode-se constatar que houve um aumento considerável por parte do leitor brasileiro com relação ao consumo desse bem cultural.

Em 2020, houve uma redução de 10%, com recuperação de 6% em 2021 e crescimento nominal de 3% das vendas do artefato para o ramo, com diminuição gradativa da comercialização 193, 191 e 188 milhões de exemplares. Isso denota o impacto sofrido neste setor pela crise na economia, queda da empregabilidade e, conseqüentemente, diminuição do poder de compra do brasileiro durante pandemia do coronavírus.

Nesse triênio, chama atenção que em 2020, o faturamento das editoras cresceu 84% através da venda de livrarias exclusivamente virtuais – circunstância resultante do flagelo mundial causado pelo vírus SARS-CoV-2, devido a necessidade de fechamento ou restrição de

funcionamento das lojas físicas. Precisamos salientar que esse aumento ocorre no contexto atual em que muitos jovens leem através de aplicativos no smartphone ou de arquivos no formato PDF no celular, cujo acesso é gratuito, por isso acessível, apesar deste último desrespeitar a lei de direitos autorais.

Ao verificar a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* – estudo feito pelo Instituto Pró-Livro, que a cada edição, publicada em intervalo de dois anos, divulga resultados importantes no que concerne à quantidade de brasileiros leitores e de livros lidos no país – constata a prática mencionada anteriormente, nos resultados da quinta edição realizada em 2019, de que 73% daqueles que leem livros digitais 88% baixam gratuitamente na internet, apesar de não ser o formato favorito – 67% preferem ler pelo livro de papel.

Na contramão de uma visão otimista sobre os leitores brasileiros, estão os dados apontados por pesquisas nacionais, como a *Retratos da Leitura no Brasil*, a qual considera leitor aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos um livro nos três meses anteriores à sua realização. Na quinta publicação, foi revelado um dado preocupante, tomando por base o critério de leitor do estudo: a diminuição do número de leitores. Antes, em 2015, eram 56% e, em 2019, decaiu para 52%, assim também o número de livros lidos por vontade própria sofreu uma redução de 2,88 na quantidade de leitura para 2,73.

O percurso de formação leitora pode ser longo, complexo e se constitui em diversas etapas da vida do indivíduo. No contexto ideal, para que tal processo se institua, a família ocupa a posição inicial nessa engrenagem, apresentando e inserindo as crianças no mundo da fantasia através, ordinariamente, da escuta de contação de histórias, de narrativas orais, ligadas ao misterioso, ao fantástico, ao lúdico, as quais contribuem para a constituição do imaginário e de acesso ao mundo da ficção e da leitura. Em seguida, é a vez de a escola continuar e ampliar esse percurso para o aprimoramento do gosto pelo mundo do livro mediando o amadurecimento desse leitor, a partir do acesso aos diversos gêneros discursivos, oportunizando a socialização das leituras realizadas e objetivando tornar esses jovens protagonistas na escolha de leituras.

As políticas públicas destinadas a essa experiência somente são implementadas em 1980, com ações destinadas às bibliotecas escolares, porém sem continuidade e sem sistematização, a citar: Programa Nacional Salas de Leitura (PNSL), ativo entre os anos 1984 e 1987, cuja seleção, compra e distribuição de livros a alunos de escolas públicas pela Fundação de Assistência ao Estudante (FAE); o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER), criado em 1992 para a consolidação de práticas leitoras por meio de uma rede de programas de acesso à leitura e escrita, de responsabilidade da Fundação Biblioteca Nacional; Programa Pró-Leitura também criado em 92, mas já findado visava a formação continuada do professor como

mediador de leitura; em 1997, funda-se o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), dirigido a aquisição de livros literários enviadas para as bibliotecas escolares. (PAIVA, 2012a; PAULA, 2010)

A contar quarenta e três anos da primeira política destinadas às bibliotecas escolares, é notório que a descontinuidade das ações devido à modificação ou encerramento de tais atividades por causa da mudança dos ocupantes do poder executivo é danosa para essa que devia ser uma política de Estado sistemática e irrestrita.

Desde 2005, presenciei a chegada, no CERES, de livros de literatura brasileira e estrangeiras de diferentes gêneros do PNBE (poesia; conto, crônica, teatro e texto de tradição popular; romance; memória, diário, ensaios e biografia; histórias em quadrinhos; obras clássicas). Entendo que é importante citar os critérios utilizados para a seleção dos livros do programa: qualidade textual, qualidade gráfica e qualidade temática, nesta última especifica entre outros considerar os interesses dos leitores (PAIVA, 2012a). Tal escolha foi realizada por equipes de pareceristas, professores mestres e doutores experientes em docência e atuantes na área, sem que houvesse a oitiva direta ou indiretamente dos interessados. Contexto idêntico quando, na escola, os professores selecionam obras literárias pelo seu valor social-histórico-literário, sem considerar que um título pode servir à formação do leitor, apesar ser avaliada frívola quanto a história da literatura (CECCANTINI, 2005). Para a coordenadora do processo de seleção entre 2006 e 2014, esse processo de escolha era incômodo, pois

tratava de escolher o que há de melhor, de mais interessante para os leitores pretendidos, em formação, aproximando-os de uma literatura de qualidade, pelo menos aquela que acreditamos corresponder aos padrões estabelecidos como tal. (PAIVA, 2012b, p. 301)

E completa “se o que é selecionado despertará o interesse de jovem leitor” (PAIVA, 2012b, p. 302). Acolho a adjetivação usada por Paiva ao definir a metodologia de avaliação das obras sem “amparo das certezas” (2012b, p. 302). A autora reflete sobre a necessidade de aplicar as normas instituídas no edital à relação de obras propostas pelas editoras a partir de critérios considerando maior probabilidade de serem escolhidas e à avaliação dos pareceristas de um texto literário para estudantes em contexto nacional diverso e desigual. Assim é possível relacionar as inquietações dos professores avaliadores do PNBE e o argumento mais utilizado pelos estudantes do CERES para justificar a baixa frequência na biblioteca, de que o acervo literário não tinha livros que contemplavam seus interesses. Diferente dos livros adquiridos na

FLIFS através do vale-livro, em que seu gosto é fator primordial na escolha dos títulos (como constataremos no capítulo 4).

Posicionamento corroborado após participação no SESC Centro da sessão *Encontro com o escritor*, projeto intitulado *Arte da Palavra* e a visita a biblioteca do local. Entusiasmado, um aluno da 3ª série do Ensino Médio, Carlos Henrique de J. Silva, propôs uma campanha para arrecadação de livros com o objetivo de renovar o acervo ultrapassado e antigo que ora rejeitavam. A partir desta sugestão, planejei uma *Gincana Literária*, que tinha entre as tarefas o recolhimento de livros, além do resgate de títulos da biblioteca não devolvidos por ex-alunos. Nessa ação foram arrecadados pelas três turmas de 3ª série, que lecionava e estavam envolvidos na Gincana, 358 exemplares, entre os quais havia muitas de suas predileções. Não surpreendente, os dias que seguiram foram de intensa movimentação na biblioteca escolar com crescimento do número de empréstimos e renovações de prazos. Isto demonstra que o leitor motivado é impulsionado pelos seus interesses culturais e literários, por isso os critérios de seleção precisam “ser democráticos, assim contemplar a diversidade cultural e os valores da comunidade de leitores”, como defende Cosson (2006, p. 34).

Figuras 13 e 14 – Fotos dos alunos da 3ª série do Ensino Médio com os livros arrecadados na Gincana Literária 2022



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2022)

Compartilho do entendimento de Paiva, de que além de ampliar o acesso ao livro para promoção efetiva e continuada da leitura, é basilar a formação de mediadores, seja bibliotecário, profissional que atua na biblioteca ou professor também leitor; ademais é imperativo criar um canal entre os avaliadores e os jovens para que estes sejam sujeitos importantes na seleção das obras, assim como devem ser da sua trajetória leitora.

Por conseguinte, difícil é desconsiderar que as obras prediletas da juventude, os bestsellers internacionais, têm papel importante para a formação do leitor e podem favorecer o ingresso destes leitores na literatura clássica e contemporânea consagrada, todavia não são bem

avaliados pelos críticos literários. São estes títulos de uma literatura de massa, cuja qualidade pelos acadêmicos é contestada que a juventude se debruça atualmente muito incentivados pelos amigos e pelas redes sociais, em especial o *TikTok*. Fato comprovado pelo Instituto Pró-Livro e Itaú Cultural em pesquisa sobre o comportamento de leitores frequentadores da Bienal Internacional do Livro de São Paulo em 2022. Zoara Failla (2023), coordenadora da pesquisa, verifica com surpresa o aumento o percentual de citação de influenciadores digitais, como *Booktokers*, quando perguntado sobre a indicação do último livro lido, 60% entre jovens de 10 a 29 anos.

A propósito, a oitiva e observação dos educandos deve preceder a seleção do acervo pelo MEC. O programa de popularização da leitura infantil e jovem precisa conhecer o chão da escola: a realidade do funcionamento da biblioteca, a existência de um mediador e a formação deste, as preferências dos estudantes – temas, gêneros – níveis de leitura, ou seja, aferir limitações e potencialidade para que ocorra êxito na formação de leitores literários.

Para esse público jovem, além da escola, da família e das políticas públicas destinadas às escolas públicas, surgem outros caminhos e oportunidades - as festas literárias, feiras de livros, bienais, entre outros com nomenclaturas semelhantes - como meios de popularização do objeto livro. Nas últimas décadas, os eventos literários se expandiram para todas as regiões do país em um movimento de interiorização da cultura leitora. Até o século XX, as feiras de livros somente ocorriam em poucas capitais: Porto Alegre, a mais antiga, iniciada em 1954; São Paulo e Rio de Janeiro, com o formato de Bienais Internacionais do Livro, fundadas em 1970 e 1983, respectivamente; e, nas décadas de 90, começam a ocorrer em Salvador e Fortaleza.

Ao longo dos anos, o número de feiras literárias se multiplicou rapidamente, ganhando maior projeção nacional e espalhando-se para além dos centros urbanos; conseqüentemente, dando maior visibilidade e importância ao elemento primordial nesses eventos - o livro. Segundo publicado por Bem-Hur Demeneck (s/d), no Jornal da Biblioteca Pública do Paraná, no ano de 2011, foram registradas 75 feiras literárias e, no ano seguinte, já eram 200 eventos desse tipo foram apresentados ao público, conforme mapeamento realizado neste mesmo ano pela Fundação Biblioteca Nacional e pela Câmara Brasileira do Livro através do Circuito Nacional de Feiras do Livro. No ano de 2013, esse cadastro já contava com 261 feiras/festivais abrangendo quase todos os estados do Brasil. Enquanto o Plano Estadual do Livro e Leitura da Bahia de 2013, registrava a existência de 5 festivais: 3 Feiras de livro (Salvador, Feira de Santana e Jequié), 1 Bienal do livro (Salvador) e 1 Festa Literária (Cachoeira).

No estado baiano, em 2020, eram realizados 40 eventos em diversas regiões do estado, conforme aponta Zulu Araújo (2020), então diretor geral da Fundação Pedro Calmon, vinculada

à Secretaria Estadual de Cultura. No momento presente, calcula-se 74 feiras literárias, de acordo com Verônica Nonato, Diretora do Livro e da Leitura, vinculada a Fundação – informação atualizada em setembro de 2023 e pesquisa realizada por mim na rede mundial de computadores, a internet. Pode-se verificar que a tendência nacional de expansão dessas políticas de fomento à leitura confirmou-se também no estado baiano, conforme observado no quadro abaixo:

Quadro 5 – Mapeamento dos eventos literários no estado da Bahia

	Evento	Data (ano de 2023)	Município	Ano de Criação	Edições realizadas	Organizadores
1	FLIA – Festa Literária de Alagoinhas	Novembro (sem data)	Alagoinhas	2018	2	Prefeitura de Alagoinhas
2	FESLAM - Festa Literária de Amargosa	sem data	Amargosa	2019	1	Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB)
3	FLIAN – Feira Literária de Andaraí	Novembro (01 a 04)	Andaraí	2017	2	Viver Cultura e Meio Ambiente
4	Festa Literária de Antônio Cardoso	Novembro (23 a 25)	Antônio Cardoso	-	-	Sem informações
5	FLITA - Festa Literária de Aratuípe	Novembro (23 a 26)	Aratuípe	2021	2	Prefeitura de Aratuípe
6	FLIB – Festa Literária de Barreiras	Maio (23 a 25)	Barreiras	2016	6	Prefeitura de Barreiras
7	Feira Literária de Boninal	sem data	Boninal	-	-	Sem informações
8	Festa Literária de Brumado	Dezembro (09 e 10)	Brumado	-	-	Sem informações
9	FLIPAR - Feira Literária Internacional do Paraguaçu	Julho (13 a 16)	Cabaceiras do Paraguaçu	2022	2	Cali – Cachoeira Literária e e da Prefeitura de Cabaceiras do Paraguaçu
10	FLICA – Festa Literária Internacional de Cachoeira	Outubro (26 a 29)	Cachoeira	2011	10	Cali – Cachoeira Literária
11	FLICTE – Festa Literária de Caetité	Outubro (18 a 20)	Caetité	-	-	Sem informações
12	FLICLÉ – Feira Literária de Caculé	Julho (20 a 22)	Caculé	2023	1	Prefeitura de Caculé

13	FLIPEBA - Festa Literária de Boipeba	Outubro (05 a 07)	Cairu	2022	1	Coletivo independente de artistas, ativistas e educadores
14	FLICAN – Feira Literária de Canudos	Setembro (13 a 16)	Canudos	2019	4	UNEB e parceria Prefeitura de Canudos
15	Festa Literária de Capela do Alto Alegre	Outubro (19 e 20)	Capela do Alto Alegre	2018	3	Prefeitura de Capela do Alto Alegre
16	Festa Literária de Cariranha	Setembro (21 a 23)	Cariranha	2023	1	Prefeitura de Cariranha
17	Feira Literária de Casa Nova	Junho ou Julho	Casa Nova	-	-	Sem informações
18	FLIPO – Feira Literária do Poeta	Março (12 a 14)	Castro Alves	-	3	Prefeitura de Cabaceiras do Paraguaçu e a CALI Cachoeira Literária
19	FLIGÊ – Feira Literária de Mucugê	Agosto (16 a 20)	Chapada Diamantina	2016	6	Instituto Inclusivo, Studio Palma
20	Festa Literária de Entre Rios	sem data	Entre Rios	-	-	Sem informações
21	FLIFS – Feira do Livro – Festival Literário e Cultural de Feira de Santana	Setembro/Outubro (26/09 a 01/10)	Feira de Santana	2008	15	Pró-Reitoria de Extensão UEFS e SESC
22	Festa Literária de Gandu	Outubro (18 a 21)	Gandu	2022	1	Prefeitura de Gandu
23	Festa Literária de Iaçú	sem data	Iaçú	2022	1	Prefeitura de Iaçú
24	Festa Literária de Ibotirama	Outubro (04 a 06)	Ibotirama	-	-	Sem informações
25	FLICHU - Feira Literária de Ichu	Setembro	Ichu	-	-	Sem informações
26	FLI – Festa Literária de Ilhéus	Novembro (08 a 10)	Ilhéus	2018	5	Editus, editora da UESC, Academia de Letras de Ilhéus (ALI) e Prefeitura de Ilhéus
27	Festa Literária de Ipiauí	Setembro	Ipiauí	-	-	Sem informações
28	FLIPIRÁ	Outubro (19 a 22)	Ipirá	-	-	Sem informações

29	FLIRECÊ - Festa Literária de Irecê	Novembro (09 a 11)	Irecê	2022	1	Núcleo Territorial de Educação e Prefeitura de Irecê
30	Festa Literária de Itacaré	Novembro	Itacaré	2023	1	Sem informações
31	FLAF - Festa Literária Adonias Filho	Novembro (07 a 11)	Itajuípe	-	-	Sem informações
32	Festa Literária de Itamaraju	Definirá em 30/07/2023	Itamaraju	-	-	Sem informações
33	Itaparica Literária	Setembro (21 a 23)	Itaparica	2022	1	Cali Cachoeira Literária e Prefeitura de Itaparica
34	Festa Literária de Itapetinga	Novembro (22 a 24)	Itapetinga	2023	-	Prefeitura de Itapetinga
35	Feira de Livro de Itarantim	sem data	Itarantim	-	-	Sem informações
36	Feira Literária de Itiúba	sem data	Itiúba	-	-	Sem informações
37	FELISQUIÉ – Festa Literária Internacional do Sertão de Jequié	Setembro (01 a 03)	Jequié	2012	6	Prefeitura de Jequié, UESB, IFBA e SESC
	Festa Literária Nacional da Rede Federal	Agosto (06 a 08)	Jequié	2023	1	Área de Linguagens do IFBA - campus Jequié
38	Feira Literária do Lapão	Outubro (sem data)	Lapão	-	-	Sem informações
39	FLILençóis – Festa Literária de Lençóis	Setembro (07 a 09)	Lençóis	2023	1	Samira Soares e Lilibeth França
40	Festa Literária de Luís Eduardo Magalhães	sem data	Luís Eduardo Magalhães	2022	1	Prefeitura de Luiz Eduardo Magalhães
41	FLIMAC – Festa Literária de Macaúbas	Setembro (28 a 30)	Macaúbas	2018	2	CETEP da Bacia do Paramirim
42	FLIPF - Festa Literária Internacional de Praia do Forte	Abril/Maio (28/04 a 02/05)	Mata de São João	2019	4	Trevo Produções e da Gabiroba Cultural
43	Festa Literária de Miguel Calmon	Novembro (16 e 17)	Miguel Calmon	2022	1	Prefeitura de Miguel Calmon

44	FLIPÉU – Feira Literária de Morro do Chapéu	Maio (sem data)	Morro do Chapéu	-	-	Sem informações
45	FLIPAIAIÁ - Festa Literária Internacional da Biblioteca do Paiaia	Julho (26 a 28)	Nova Soure	2017	4	Associação Biblioteca Comunitária Maria das Neves Prado
46	FLIPA - Feira Literária de Palmeiras	Julho (27 a 29)	Palmeiras	2019	2	Prefeitura de Palmeiras
47	FLIPA – Festival Literário de Paulo Afonso	Outubro (27 e 28)	Paulo Afonso	2009	13	Centro Universitário UniRios
48	FLIPI – Feira Literária de Pintadas	Outubro	Pintadas	-	-	Sem informações
49	FLIPI – Feira Literária de Piritiba	Setembro (sem data)	Piritiba	2018	4	Prefeitura de Piritiba
50	Feira Literária dos Povos Originários	Dezembro (08 a 10)	Porto Seguro	2021	1	ARUANÃ - Associação para Recursos Ambientais e Artísticos
51	Festa Literária de Ribeira do Pombal	Novembro (17 e 18)	Ribeira do Pombal	-	-	Sem informações
52	FLIARC - Festival Literário e Artístico de Rio de Contas	Outubro (19 a 22)	Rio de Contas	2023	1	Coletivo Raiz Doce
53	Feira Literária de Rio Real	Setembro (14 e 15)	Rio Real	2023	1	Governo do Estado da Bahia
54	FLIPÊLO	Agosto (09 a 13)	Salvador	2017	7	Fundação Casa de Jorge Amado
55	FLIS – Feira do Livro Infantil de Salvador	Outubro (12 a 15)	Salvador	2018	2	PercPan, Secretaria Especial da Cultura e do Governo Federal.
56	Festa Literária Arte e Identidade	Outubro (05 a 07)	Salvador	2021	2	Edcarlão eventos
57	FLIP - Feira Literária e Pedagógica	Setembro (28 a 29)	Santa Maria da Vitória	2022	1	Prefeitura de Santa Maria da Vitória
58	FLISAJ – Festa Literária de Santo Antonio de Jesus	Maio (25 e 26)	Santo Antônio de Jesus	2022	2	SESC Santo Antônio de Jesus e Prefeitura
59	FLISE – Festa Literária de Santo Estevão	Setembro (sem data)	Santo Estevão	2019	2	Prefeitura de Santo Estevão

60	Festa Literária de São Desidério	sem data	São Desiderio	-	-	Sem informações
61	Festa Literária Internacional dos Malês	Novembro (17 a 20)	São Francisco do Conde	-	-	Sem informações
62	FELASAN - Festival Literário, Artístico e Cultural Sangonçalense	Setembro (01 a 03)	São Gonçalo dos Campos	2023	1	Comissão organizadora: José Vicente Pereira e Eliene Lopes Diretoria Municipal de Cultura
63	FLIZÉ	Novembro (sem data)	São José do Jacuípe	2019	1	Prefeitura de São Sebastião do Passé
64	FLIPASSÉ - Primeira Feira Literária de São Sebastião do Passé	Julho (17 a 22)	São Sebastião do Passé	2023	1	Prefeitura de Senhor do Bonfim Núcleo de Arte, Cultura e Comunicação na Comunidade (NACOM)
65	Festa Literária de Senhor do Bonfim	Dezembro (07 a 09)	Senhor do Bonfim	2019	1	Sem informações
66	Feira Literária de Serrinha	Julho (20 a 23)	Serrinha	2023	1	Prefeitura de Taperoá
67	Feira Literária de Souto Soares	sem data	Souto Soares	-	-	Sem informações
68	FLITA – Feira Literária de Taperoá	Novembro (sem data)	Taperoá	2021	1	Sem informações
69	Festa Literária de Teixeira de Freitas	Definirá em 30/07/2023	Teixeira de Freitas	-	-	Prefeitura de Terra Nova
70	FLITEN – Festa Literária de Terra Nova	Outubro (17 a 19)	Terra Nova	2018	2	Uauá Projetos Criativos
71	FLIU – Festa Literária de Uauá	Novembro (01 a 04)	Uauá	2019	3	Sem informações
72	FLIVA	Novembro (10 a 12)	Valença	-	-	Prefeitura Municipal, em parceria com o Proler/UESB
73	FLIVC - Festa Literária de Vitória da Conquista	Novembro (16 a 20)	Vitória da Conquista	2014	1	

Fonte: Diretoria do Livro e Leitura e pesquisa própria atualizado em setembro de 2023 (2023).

Interessa observar que 23 eventos do total de 74 cadastrados pela Fundação Pedro Calmon previstos para ocorrer no ano vigente, não há qualquer informação de planejamento nos sites e redes sociais (Facebook e/ou Instagram) da prefeitura, dos jornais locais ou próprios

para divulgação das ações previstas. O que nos faz deduzir que esse número representa cerca de 31% feiras/festivais literários que não foram executados conforme planejado.

Em contrapartida, o número de eventos executados no estado baiano supera a quantidade de festas literárias realizadas em 2020, o que representa 85% de ampliação dessas agências de letramento literário tão relevantes para a formação de leitores no país. Isto significa que os festivais, no momento atual, têm representação em 25 do total de 27 Territórios de Identidade da Bahia, a saber: Bacia do Jacuípe, Bacia do Paramirim, Bacia do Rio Corrente, Bacia do Rio Grande, Baixo Sul, Chapada Diamantina, Costa do Descobrimento, Extremo Sul, Irecê, Litoral Norte e Agreste Baiano, Litoral Sul, Médio Rio de Contas, Médio Sudoeste da Bahia, Metropolitano de Salvador, Piemonte do Paraguaçu, Piemonte Norte do Itapicuru, Portal do Sertão, Recôncavo, Semiárido Nordeste II, Sertão do São Francisco, Sertão Produtivo, Sisal, Sudoeste Baiano, Vale do Jiquiriçá, Velho Chico. As exceções são Itaparica e Piemonte da Diamantina.

No Território do Portal do Sertão, onde está situado o município de Feira de Santana e no qual a FLIFS é a mais antiga e de ação ininterrupta, são executadas 5 feiras, mesma quantidade do Baixo Sul. A maior quantidade delas ocorre na Chapada Diamantina, com 7 festivais.

Posto isto, uma informação divulgada pela SNEL merece destaque a esse respeito. Em 2022, pela primeira vez as feiras do livro ou bienais despontam entre os cinco principais canais de distribuição de obras em geral, ficando atrás das livrarias exclusivamente digitais, livrarias físicas, distribuidores e supermercados. Na pesquisa *Retratos da leitura no Brasil*, em 2019, os eventos literários também aparecem na mesma colocação quanto ao local de compra tanto de livros gerais ou de literatura, quando em 2016, aparecia em sétimo lugar.

3.3.1 Literando a praça para a FLIFS

No município de Feira de Santana, Bahia, a Feira do Livro/Festival Literário e Cultural de Feira de Santana – doravante FLIFS – iniciou-se no ano de 2008, em uma praça pública do município, onde assim permanece⁷, demonstrando sua intenção em democratizar o acesso ao livro e à leitura para diferentes classes sociais e econômicas, assim como oportunizar a

⁷ Contudo, nos anos de 2020 e 2021, o evento adaptou-se ao contexto pandêmico em decorrência do coronavírus e, devido a medidas sanitárias exigidas para o controle da doença COVID-19, o Festival Literário teve versão especial na modalidade virtual.

formação leitora dos feirenses e regiões circunvizinhas, através de diversificada programação cultural, artística e literária.

A primeira Feira voltada à Literatura do interior da Bahia inicia-se com três dias de atividades abrangentes que consistia, para mais que venda de livros, em oficinas, sarau e recital de poesia com participação de escolas da cidade, contação de história, chá literário, lançamento de livros, apresentação cultural e teatral e palestra interativa. Neste e no ano que segue, a praça escolhida pela questão identitária feirense e localização no centro da Princesa do Sertão, foi a Praça Monsenhor Renato Galvão, conhecida Praça da Matriz, a qual abrigou em espaço popular livros, cordel, fantasia, imaginação, ficção, curiosidade, rimas e métricas.

Na edição inaugural, a Feira do Livro contou com 20 editoras e distribuidoras de livros, 30 escolas das redes privada e públicas de Feira de Santana e aproximadamente 4.000 visitantes, incluindo 1431 estudantes previamente agendados. No decorrer das edições, o interesse do público feirense e circunvizinho foi crescente o que é demonstrado no ano de 2012, quando o evento teve uma média de 45.000 participantes, entre eles 10.000 alunos, e contou com 40 editoras, segundo Lima, Nobre, Falcão (2013). Devido ao êxito de público, o evento passa a abranger 5 dias e a organização opta por instalar-se na Praça João Barbosa de Carvalho, também central – conhecida como Praça do Fórum – por ter uma área mais ampla para adequar maior número de expositores, público e programação.

Quando é criada a Feira do Livro de Feira de Santana, não havia uma cultura de eventos literários no Brasil. Com o crescimento do segmento, foi perceptível ao analisar a programação descrita nos folhetos – distribuídos na praça e nas escolas que eram visitadas para divulgação do Festival durante alguns anos, amplamente difundidos nos meios de comunicação e, agora, também publicados no site oficial⁸ que se intensificou a mobilização das escolas do município por participar, centralizou-se as ações para a formação do leitor e foi ampliado o foco artístico, principalmente a cultura sertaneja.

Essa denominação é utilizada nos dois anos iniciais, com o acréscimo do termo Festival Literário e Cultural de Feira de Santana, em 2010. O título principal assume a sigla FLIFS como marca principal em 2018. No mesmo ano, a Praça Padre Ovídio – localizada no centro comercial do município, ao lado da Praça da Matriz – voltou a ser o endereço do Festival após grande reforma, tornando-se mais adequada para receber um público maior, posto que em 2017, 10ª edição, o número de estudantes agendados alcançou 11.278 (UEFS, 2022. p. 7). entre escolas públicas e privadas.

⁸ Site oficial da FLIFS: www.flifsoficial.uefs.br. Acesso em : 20 nov. 2023.

Anualmente, a programação do Festival centra-se na democratização do livro e no “incentivo à leitura e de formação de plateia e admiradores das artes” (UEFS, 2022. p. 5). Dessa maneira, destaco algumas entre as muitas atividades desenvolvidas na FLIFS:

- Venda e exposição de livros por editoras, escritores e distribuidoras;
- Exposição dos projetos estruturantes e ações educativas envolvendo as várias linguagens por alunos da Educação Básica estadual e municipal;
- Espetáculos culturais: filarmônicas, recitais de poesias, apresentação de dança, teatro, circo e música;
- Lançamento de livros;
- Encontro com escritores;
- Encontro de escritores, de cordelistas;
- Contação de histórias;
- Palestra interativas;
- Mesas redondas;
- Mostra de artes plásticas;
- Participação de bibliotecas;
- Oficinas e minicursos;

Interessa salientar que a cultura oral, popular e sertaneja da Literatura de Cordel, desde a primeira edição, tem espaço na programação na Feira do Livro. Ao reconhecer, dar palco e direcionar holofotes a artistas populares, sobretudo, cordelistas, repentistas, xilógrafos e folheteiros, o evento fortalece as raízes culturais nordestinas, nas quais o município está sedimentado. Ademais, através de um espaço reservado – a Praça do Cordel – são homenageados anualmente um poeta de destaque, o que contribui para preservar e promover a memória literária popular, além de valorizar a representação sociocultural identitária do Sertão na história local.

Ao longo de dezesseis anos de existência, o evento cultural e literário ampliou, progressivamente, o número do público visitante, composto de diferentes faixas etárias e grupos socioculturais da região, ganhando espaço nos meios de comunicação e na programação cultural do estado da Bahia. Hoje, ocupa na praça Padre Ovídio 4 mil m², para acomodar 70 stands, auditório, palcos, Praça do Cordel, praça de alimentação, com média estimada de público de 50 a 70.000 pessoas interessadas na vasta programação.

Expansão maior ocorreu quando foi estabelecida a significativa ação de política pública para a formação do leitor jovem, a partir de 2011, em parceria com órgão estadual de Educação e o poder municipal dois anos depois, o que possibilitou a estudantes da Educação Básica das

respectivas redes adquirir, na maioria das vezes, seus primeiros títulos por meio do vale-livro, ação que financia a compra de exemplares nos inúmeros expositores no evento.

A pertinente política de fomento à leitura contempla discentes e docentes da Educação Básica Estadual e Municipal, os alunos do programa estadual Universidade para Todos⁹, também da creche da UEFS, além de estudantes graduandos da UEFS, que atuam no UPT na condição de: Monitoria, Equipe de Apoio, Suporte Operacional, Espaço Escolar e Professores Coordenadores de Área, e integrantes do ALFAGARIS, projeto de EJA parceiro da Limpeza Pública municipal, convenio da UEFS e Sustentare e, recentemente, incluiu alunado do IFBA (Instituto Federal da Bahia). O valor inicial do vale-livro foi de R\$25,00, aumentou para R\$28,00 por aluno; atualmente, R\$38,00 e R\$50,00 para o profissional de educação. Em 2022, segundo informações da PROEX/UEFS, o governo estadual investiu R\$ R\$200.000,00 e a prefeitura, R\$100.000,00 para a distribuição de vales.

O vale-livro propicia ao público carente da escola pública, cujas família e/ou ele próprio não dispõe de recursos econômicos para financiar a aquisição deste bem cultural elementar para a construção de um indivíduo com “compromisso político” (MARIA, 2008, p. 51), aquele capaz de interferir na própria realidade e na sua relação com o outro.

Essa relevante política pública representa a oportunidade de muitas crianças e adolescentes fazerem sua primeira aquisição literária. Para outros, corresponde a chance de ter fisicamente a narrativa lida ou iniciada através do formato PDF de modo gratuito. Para vários, é o prazer de cheirar, acarinhar, possuir um tesouro ambicionado por muito tempo e exibi-lo aos colegas ao desembarcar do ônibus chegado da visita guiada a FLIFS e durante dias na sala de aula durante o intervalo enquanto lê ou somente para ostentar a posse.

Presenciei esses momentos diversas vezes ao acompanhar a jornada rumo à Literatura na praça e em todos lembrei-me do conto clariciano *Felicidade Clandestina*; todavia, diferente da narradora-personagem, esses jovens têm em sua satisfação um sentimento legítimo, uma emoção genuína de quem também teve “a ousadia de querer” (LISPECTOR, 2001, p. 314) e conseguiu possui seu objeto de desejo – o livro.

Durante as entrevistas semiestruturadas, ao perguntar sobre as experiências vividas na FLIFS, as respostas foram carregadas de empolgação para descrever a alegria em comprar sua preciosidade

⁹ Programa de preparação de estudantes concluintes da Educação Básica e egressos da rede estadual para processo seletivos de acesso ao ensino superior.

“Para mim, como leitora é, tipo assim, meu Deus! Surtando estou! Porque a gente, tipo, acha livro assim que a gente lê pela internet ou então que a gente quer muito ter. Entra em surto, né, de ter a oportunidade de ter aquele livro ali. Então, eu diria assim... não sei, ah, êxtase. Fico em êxtase assim, tipo, eu fico perdida, tipo, meu Deus! Esse aqui é o mundo que eu me perco realmente”. (QUEIROZ, 2022)

“Foi uma experiência bastante incrível com as pessoas, minhas amigas, inclusive. A gente surtando juntas por causa de um monte de livro. Foi incrível. Essa é a palavra. Incrível, incrível!” (SELEÇÃO, 2022)

*“Só que tinha um porém, era muito caro. Tava muito caro mesmo, mas aí eu vi Vermelho, branco e sangue azul. Eu dei um grito, eu surtei, eu peguei. Eu nem pensei duas vezes.
[...] Porque era um livro do meu sonho. Meu sonho era comprar esse livro. Quando eu vi, um enlouqueci”. (KINSEY, 2022)*

No ano de 2018, começou a ser executada a Campanha de Doação de Livros, ação que distribui livros doados por alunos de escolas particulares de ensino a alunos da rede pública que não possuem o vale-livro. Tal intervenção potencializa a democratização do acesso à leitura fortalecendo o evento quanto ao fomento a cultura leitora, artística e intelectual na formação do leitor jovem. Logo, concede a crianças e a adolescentes a construção de acervo literário próprio tão elementar para a questão da experiência e construção da prática, como pronuncia Maria sobre a diferença para um indivíduo “ter sua biblioteca pessoal, poder ler e voltar às leituras feitas, poder reler, descobrir novos sentidos em renovadas leituras” (2008, p. 87).

Através da doação e do vale-livro, o Festival agencia a experiência do prazer, do aprender em parceria com as referências estéticas, culturais e éticas particulares à Literatura para o desenvolvimento intelectual dos estudantes. Permite, democraticamente, experimentar o jogo da descoberta lendo e relendo, folheando e buscando, confessando e dirigindo seu próprio amadurecimento através de um repertório livresco. Dessa maneira, os discentes têm a chance de sentir o narrado por Shaffer e Barrows, em *A sociedade literária e a torta de casca de batata* (2008, p. 20):

uma pequena coisa o interessa num livro, e essa pequena coisa o leva a outro, e um pedacinho que você lê nele o leva a um terceiro. Isso vai em progressão geométrica – sem nenhuma finalidade em vista, e unicamente por prazer.

A importância da FLIFS, já evidente para a cultura e a educação da região, ganha mais notoriedade ao receber reconhecimento estadual, também em 2018, ao tornar-se Patrimônio Cultural Imaterial do Estado da Bahia, instituída pela Lei 13.934/2018, título atribuído pela Assembleia Legislativa do Estado da Bahia proposto por deputado estadual feirense. Essa

aclamação demonstra o reconhecimento da relevância do Festival para além da formação e expansão de leitores, criar ambientação favorável à participação da comunidade em prol da construção da cidadania, da divulgação da cultura e arte local.

Em consequência da pandemia do Coronavírus, a praça não pode ser ocupada por leitores, literatura, arte e cultura nos anos de 2020 e 2021. Assim, a Feira do Livro teve que se adaptar à necessidade de distanciamento social por recomendação da vigilância sanitária e, rapidamente, – em apenas cinco meses – buscou alternativas para manter seu papel de destaque na formação de leitores literários e fortalecimento das ações culturais locais, organizou uma versão online em setembro, proporcionando ao seu público e, através da rede mundial de computadores, ao mundo a FLIFS Virtual – Edição especial¹⁰, por meio de sessões on-line, utilizando temas, respectivamente, #FLIFSemCasaComVocê e #FLIFSConectadaComVocê.

A programação virtual compunha atividades diversas, mantendo o nível de qualidade e variedade do evento já consolidada presencialmente; a citar: conversa com o autor, lançamento de livros, apresentações culturais e literárias, praça do cordel, mesas-redondas, contação de histórias, exibição de documentário, entre outras.

Durante esse período pandêmico, a PROEX/UEFS e parceiros executaram, também de modo virtual, o Seminário FLIFS. Um evento para formação de professores, bibliotecários, mediadores de leitura, graduandos e todos os interessados em discutir temáticas relacionadas à leitura e à literatura. Com variedade de mesas redondas, palestras e conferências, a ação online ocorreu no mês que antecede a FLIFS, reuniu pesquisadores, escritores, professores da Educação Básica e Superior, com emissão de certificados e se estendeu por três edições, até o ano de 2022, quando ainda havia medidas de restrição para impedir aglomeração de pessoas.

Em 2021, o Festival Literário e Cultural de Feira de Santana ganha mais um desdobramento: uma versão especialmente destinada ao público infantil – a FLIFINHA. Ainda na versão online e, posteriormente, de maneira presencial a partir de 2022, as atividades para as crianças são compostas de contação de histórias, lançamento de livros, espetáculos artísticos, apresentações de escolas, dramatizações, conversa com autores mirins e adultos com foco neste público.

A ampliação de ações durante o momento de extrema incerteza e crise de saúde mundial provocado pelo COVID-19 e no decorrer dos seus dezesseis anos de existência demonstra o potencial criativo e adaptativo em relação as adversidades e as necessidades do público local, visando a manutenção da democratização do acesso ao livro e da valorização da cultura

¹⁰ Canal YouTube/flifsoficial, disponível em: <https://www.youtube.com/c/FLIFSOficial>.

sertaneja feirense para colaborar com a formação de indivíduos capazes de intervir no seu corpo social de modo crítico e responsável.

Essa constatação dialoga com a compreensão de que a FLIFS constitui uma agência de letramento literário que se concretizou enquanto política efetiva de popularização da leitura, ao surgir de um projeto de extensão universitária da UEFS, visando preencher uma lacuna existente no cenário artístico, cultural e literário de Feira de Santana e região. Desse modo,

o evento se ancora na compreensão de que o conhecimento construído pelo povo em seu universo cultural se traduz em diferentes leituras de mundo, logo, o aprendizado da leitura se dá via processo ininterrupto de interação, no qual o individual e o coletivo se complementam no cenário social, marcado por diversidades econômicas, sociais e culturais, ultrapassando o tempo e o espaço e abrangendo as diferentes linguagens. (LIMA, NOBRE, FALCÃO, 2013, p. 2702-2703)

Pensamos ser importante trazer a este estudo números que podem detalhar a diversificada e vasta programação, além de demonstrar o potencial desta que é a primeira feira do livro do interior da Bahia. Essas informações foram divulgadas pela professora Rita Breda – pró-reitora de Extensão da UEFS – durante o lançamento das comemorações de 15 anos de realização da FLIFS no ano de 2022, um balanço das edições:

- 640 livros foram lançados;
- 367 expositores já estiveram no Festival;
- Representantes de 9 estados nas programações;
- 229 apresentações culturais das escolas;
- 47 Conversas com escritores;
- 172 Contação de histórias;
- 190 shows musicais;
- 62 peças ou apresentações teatrais;
- 84 mesas literárias e de debates;
- 146 atividades multilinguagens;
- 100 oficinas; dentre outros números.

É importante assinalar que esses dados se multiplicam à medida que cada edição ocupa a praça pública repleta de leitores em formação ou experientes ávidos por novos títulos e autores, tal qual espectadores interessados na programação cultural, artística e literária pensada para todas as faixas etárias e todos os públicos.

À vista de verificar o perfil do estudante/leitor literário frequentador da Feira, almeja-se, por meio da identificação das ações e das práticas culturais de leitura que possibilitam a iniciação ou ampliação da prática de leitura literária ocorridas no festival literário para os alunos da Educação Básica, possibilitar às instituições que coordenam e participam do evento uma análise das ações do Festival para a ampliação da leitura literária de fruição e a formação do leitor da comunidade feirense e de regiões circunvizinhas.

Ademais, espera-se contribuir para que as escolas possam ressignificar suas ações no que tange a formação do leitor literário, para melhor explorar as possibilidades trazidas pela FLIFS aos estudantes de instituições públicas. Destarte entender quais os critérios usados pelos discentes na escolha da compra dos livros nos stands da feira e qual e como as ações pedagógicas voltadas para a leitura desenvolvidas nas instituições educacionais podem colaborar para o desenvolvimento da leitura literária.

4 O OLHAR EMPÍRICO SOBRE A CONQUISTA DO LIVRO

Chega cheirando a papel novo, mata
de pinheiros toda verde.

Sou o mais rico menino destas redondezas.
(Orgulho, não; inveja de mim mesmo)
Ninguém mais aqui possui a coleção das Obras
Célebres.
Tenho de ler tudo
[...]

Tudo que sei é ela que me ensina.
O que saberei, o que não saberei nunca,
está na Biblioteca em verde murmúrio
de flauta-percalina eternamente.

(ANDRADE, 2002, 990-992)

Ao buscar na minha memória, é essa cena descrita por Drummond que relembro: os adolescentes cheirando livros, envaidecidos por terem comprado seus primeiros títulos, exibindo-se para os colegas as escolhas feitas. Expressão de conquista e de felicidade que presenciei durante anos acompanhando os alunos do CERES ao Festival Literário e Cultural de Feira de Santana. Assim, o encantamento deles passou a ser emoção para mim, até tornar-se meu objeto de observação.

Analisando o quanto aquela cena é curiosa, ao constatar o quão raro ou custoso é para aqueles sujeitos a conquista de um livro, interessei-me por responder através do diálogo estabelecido com os participantes deste estudo e das interlocuções teóricas à questão de pesquisa: como as práticas de leitura de fruição e manifestações artístico-literárias vivenciadas por estudantes na FLIFS podem contribuir para a formação do leitor literário?

Com esse propósito, visou-se como objetivo geral: analisar possíveis relações entre a FLIFS e a formação do leitor literário, a respeito das práticas de leitura de fruição e de manifestações artístico-literárias propostas a estudantes da Educação Básica do Colégio Estadual Reitor Edgard Santos.

Pensando em replicar a inquisição da professora pesquisadora sobre como a empolgação inicial daria lugar à composição de um leitor sujeito das suas opções, enriquecido quanto suas visões de mundo e em relação ao entendimento da sua realidade, projetou-se os objetivos específicos: mapear as práticas culturais de leitura promovidas pela FLIFS para estudantes da Educação Básica de Feira de Santana e região; discutir sobre as ações de leitura e as

manifestações artístico-literárias propostas na FLIFS e as implicações ao processo de formação do leitor literário; problematizar possíveis relações entre os projetos de leitura desenvolvidos na escola *locus* e a promoção da leitura literária na FLIFS; descrever o perfil leitor literário de estudantes de uma escola pública frequentadores da FLIFS.

Para a construção do *corpus*, realizou-se entrevistas semiestruturadas com 20 estudantes do Colégio Estadual Reitor Edgar Santos, localizado em Feira de Santana-BA, que participaram de visita guiada no ano de 2022 ao Festival, as quais possibilitaram a interação entre pesquisador e participante, visando entender o percurso de construção do leitor jovem frequentador do evento. Outro dispositivo utilizado, os grupos de discussão permitiram abranger a busca por conhecer a forma com que os sujeitos percebem os aspectos da sua construção pessoal a partir da leitura literária.

A partir da ATD, cuja método fundamenta-se nas definições de Moraes e Galiuzzi (2016), o resultado foi interpretado e avaliado através do entrecruzamento das categorias pensadas *a priori* e aquelas que emergem do campo empírico. Para tanto, a imersão nos discursos dos participantes à luz do constructo teórico sobre os eixos centrais deste estudo Leitura, Literatura e Políticas públicas para a formação do leitor literário resultam nas análises, compreensões e reflexões que são reveladas a seguir.

4.1 A LEITURA E SUAS DIMENSÕES: A ESCADA COM CORRIMÃO

O universo peculiar das histórias passou a preencher os vazios de minha vida na Tapera: singrei mares em busca de uma baleia-branca, dei a volta ao mundo, sofri com os descaminhos de Oliver.

(VIEIRA JÚNIOR, 2023, p. 64)

Assim como Moisés, personagem de *Salvar o Fogo* (2023), preencheu sua vida com a leitura, muitos são os leitores jovens, tal qual Menino, que se permitem enebriar-se pelas narrativas e pelas poéticas, adentrando mundos imaginários, experiências inquietantes, portal extraordinário para um universo novo de saberes. Entregam-se ao devaneio, são estimulados pela fantasia e se rendem ao convite de interação com algo que lhes é inesperado ou que lhes é comum.

A leitura se apresenta como um espaço de escolha e de liberdade, estimulando imaginações e capacitação de identidade. Ao advogar que ler “é lutar contra a morte e os

fracassos da vida cotidiana” (2006, p. 22), Araújo concebe tal ação como resistência e reprovação frente às perspectivas da realidade enfrentada pelos indivíduos, os quais buscam resgatar a memória individual e coletiva por meio da imaginação.

Nos dizeres dos leitores participantes deste estudo, ao serem questionados sobre o papel da leitura na sua vida, destacamos a prática como ato de fuga da realidade que lhes perturba ou lhes é insuficiente, tal qual Moisés. Desse modo, leem para escapar do contexto vivido, cujos acontecimentos rejeitam e querem ignorar:

“É o lugar onde eu vou quando eu quero desestressar ou quando eu estou desocupada, eu vou lá. Leio. É importante para mim”. (SELEÇÃO, 2022)

“Sim, é uma coisa que faz, às vezes, eu fugir da realidade e ali com o mundo dos livros, sabe?” (KINSEY, 2022)

“É essencial, eu diria. Escapatória. Porque, às vezes, posso por um, tipo, um dia difícil, momento meio assim... momento delicado e quando a gente lê, a gente meio que, sabe? meio que esquece sabe? Então ajuda”. (QUEIROZ, 2022)

Assim como os poetas ultrarromânticos, os leitores jovens declaram a necessidade de escapismo e utilizam a leitura como um modo de driblar a existência de conflitos, cujo enfrentamento não é desejado e a imaginação vira espaço de fuga para a restauração da tranquilidade. Referem-se à experiência quanto a lugar de refúgio, constituindo ambiente de segurança e de restauro do controle sobre suas emoções ou próprias vidas.

É comum ao jovem a busca por um sentido que ajude a compreender a si, ao outro e ao mundo, “para nelas descobrir uma beleza que enriqueça sua existência; ao fazê-lo ele compreende melhor a si mesmo” (TODOROV, 2009, p. 33). Para o filósofo búlgaro, o conhecimento proporcionado pela literatura é um dos caminhos para a realização pessoal.

A fruição, antes desqualificada e censurada por ser considerada inútil em detrimento da leitura para instrução, tem papel importante para estes leitores na manutenção do equilíbrio para estar no mundo. Nesse contexto, a leitura pode ser pensada como via para um estado de suspensão dos momentos de tensão ou de sofrimento vividos por esses sujeitos.

Escape, conforto, fuga, ajuda, abrigo são enunciados ditos pela maior parte dos entrevistados para definir a função da leitura para si – jovens entre 14 e 19 anos. Dessa forma, confessam ter medos, fraqueza, feridas e acreditam que, lendo encontrarão refúgio, acolhimento.

Essa fase juvenil traz angústias muitas vezes secretas, em que a família e os amigos não são destinatários de confiança para confissões. Nessa circunstância, o silêncio ganha som nas narrativas ou poéticas em forma de aconselhamento e exemplo para pensar em soluções para os problemas comuns. Apoiar-se nos acontecimentos ficcionais para assumir uma atitude resiliente diante de suas inquietações, assume papel relevante para que esses leitores sintam pertencentes a um ambiente afável e gregário.

Então, esses adolescentes refugiam-se na leitura para poder atravessar estados dolorosos ou inquietantes, compartilhar vivências, nomear sentimentos. Assim compreendem que essas situações não são exclusivas a si; foram experienciadas por outros indivíduos cuja semelhança consigo existe. Tal entendimento traz sensação de inclusão, identificação, encorajamento como confessa Josuubl:

“para mim, ler é basicamente você encontrar em outros mundos, o que você não encontra nesse. Às vezes você tá numa situação meio perdido. E aí você procura nos livros um abrigo. Uma forma de se encontrar. [...] principalmente com a gente que é novo. A gente não tá muito acostumado com certos tipos de situações. Então a vida vem dá um baque, e aí você fica meio perdido sem saber o que fazer e tudo o que você quer é fugir pra se ver livre. [...] Muitas vezes os personagens dos livros passam por situações bem parecidas. Então você olha aquilo, você fala: “poxa, não tô sozinho. Tem quem passe pela mesma coisa. Não vale a pena desistir aqui. Se o personagem passou, também posso passar”. (JOSUUBL, 2022)

A partir dos recortes discursivos dos estudantes é possível depreender que os personagens dão voz a sua vida, a sua verdade particular. Em função disso, acreditamos que a cada livro lido, o ser reconstrói a sua história e isto o ajuda a constituir a especificidade humana. Concepção que vai ao encontro da opinião de Petit, de que “a leitura é uma via de acesso privilegiada a esse território íntimo que ajuda a elaborar ou manter o sentimento de individualidade, ao qual se liga a capacidade de resistir às adversidades” (2013, p. 67).

Como contraponto, a experiência pode ser o meio para compartilhar sentimentos e vivências. Ao fazê-lo, promove a vivência de pertencer a alguma realidade, de perceber-se acolhido por aquele que também sente, de dividir dores e alegrias com o outro e, dessa maneira, fragmentar a sensação de não estar só. Anunciando que “ler não isola do mundo” (2009, p. 43), a autora Petit sugere que através da leitura é possível “abrir-se para o outro” (2009, p. 43).

No movimento de escuta dos leitores participantes deste estudo, percebo que a leitura os permite a sociabilização com o livro através da interlocução com a narrativa, assim como compartilhar vivências com personagens que lhes são íntimas e também comuns. É pensar na

própria história a partir da literatura e construir-se. Essa relação estabelece a humanização, tornando seu momento menos solitário e, de alguma forma, mais leve.

Confirmação verificada também nas vozes de Queiroz e Helena:

“Muitas vezes pensa que a gente só a gente passa por certas situações, então, e ver que, tipo assim, mesmo sendo literário, até pessoas do nosso redor, que passam pela mesma situação e até pior. A gente meio que... a gente tem uma visão assim, não é que meu sofrimento é menor que o do próximo, mas é ver que realmente todo mundo passa por dificuldade, mesmo assim, acho que uma forma de passar por essa situação”. (QUEIROZ, 2022)

“Aí eu começo a ler e, aí eu sinto um conforto e sinto que eu não tô sozinha. É basicamente isso. [...] É como um conforto, você vê que não é só você que tá passando por aquilo. Que o próprio personagem do livro tá passando por aquilo também”. (HELENA, 2022)

Nesse ângulo, a prática leitora permite construir-se a si próprio, podendo constituir-se como vital para esses jovens; pois, através dela, sentem-se singularizados, ouvidos ao verem nas narrativas seus problemas, seus sonhos e suas expectativas. Por meio da interlocução com o texto de modo subjetivo, é possível imaginar outras alternativas, identificar com outras realidades e outras pessoas, dar significado à vida e voz aos medos.

“Eu, tipo, eu me interessei pela leitura uns 7 anos atrás, mais ou menos, depois, quando a minha mãe faleceu. Porque é uma amiga minha apresentou um livro pra mim. E tipo assim, e depois, quando eu comecei a ler, eu fiquei apaixonada e não conseguia mais parar. [...] e por causa que tipo assim é desde pequenininha sofro com ansiedade e a leitura me ajuda bastante. [...] É como se fosse minha rota de escape. [...] Por causa da ansiedade. E tipo assim, é uma maneira de fugir da realidade e, tipo, me senti bem, me acalmar. Tá entendendo aí? Ficava no meu universo, ali particular”. (AL 2022)

Desperta um movimento de compreensão interessante o relato de AL, para quem leitura se tornou lugar de abrigo e para onde foge nos momentos difíceis decorrentes do transtorno de ansiedade. Nesse contexto de dor pela ausência materna, no ano seguinte ao falecimento, uma amiga a presenteia com um livro iniciando sua paixão pela literatura. Anualmente, de acordo com seu relato, lê 150 livros, em média, todos registrados em um caderno. No auge da crise de ansiedade, a leitura foi seu mundo particular, um calmante nos momentos obscuros para ela; em contrapartida, uma preocupação para o genitor, pois diminuía a socialização com a família e amigos em uma situação de superação pelo luto da genitora, enquanto estava imersa nas narrativas de fantasia – sua preferência.

De acordo com a participante AL, o pai acreditava que a quantidade de tempo que ficava concentrada na leitura era excessivo e tinha receio do que ele achava ser isolamento e, por isso,

um risco. Leu muitas vezes escondida para evitar a repressão e preocupação. Teve seus livros escondidos e depois obrigada a vender seus objetos de amparo, trazendo-lhe a privação do seu esconderijo: “*eu perdi muitos livros. Pra mim, foi uma perda*”. Conforme Petit, “a leitura um prazer solitário” (2009, p. 106), por isso AL, enquanto leitora contemplativa, tem a sua prática julgada negativamente pelo “retiro voluntário, num espaço retirado e privado, [...] lugar de recolhimento” (SANTAELLA, 2014, p. 29). Seus livros foram objeto da sua entrega lenta e imaginativa em que o tempo não importa.

Enquanto para Moisés, personagem de Itamar Vieira Júnior, o ato de ler é “explorar as palavras e seus significados era penetrar na alma das coisas” (2023, p. 48), faz-se relevante salientar que nesse viés, apenas três educandos mencionam seu caráter utilitário. Referem-se à ampliação do vocabulário, como o faz Cachinhos sobre “*conhecer palavras novas porque você tá ali lendo e fala: Hum! Nunca ouvi essa palavra. Eu vou pesquisar o significado dela*”. Assim também para Isabele (2022) auxiliou na escrita correta das palavras: “*porque eu não sabia escrever direito. Às vezes, eu tinha palavras que eu tinha dúvidas e nos livros tinha. Então tipo, eu pegava ali e falava: Não, se escreve assim*”. Já Eliana (2022) – além de destacar a experiência de se descobrir com os livros e ser descoberta por eles, cita sobre a ampliação de vocabulários: a “*termos, cidades, ... aprender a descrever coisas que eu não saberia hoje assim*”.

A função utilitária relativa ao conhecimento da língua é citada após a explanação sobre o espaço de acolhimento, fuga, diálogo e encontro. Isso me permite dizer que não é o primeiro objetivo desses educandos a leitura para o aprendizado do idioma, entretanto é para eles importante e reconhecido que a prática amplia o saber das palavras para a formação de um dicionário pessoal, elemento precioso para a comunicação humana.

As compreensões expostas são para dizer que os partícipes deste estudo leem por várias razões: para se distinguir e se identificar; necessidade de entender a si mesmo; sentir-se entrelaçados nas narrativas a ponto de lhes impactar emocionalmente; conhecer outras pessoas cujas narrativas podem ser próximas a sua; vistoriar outros mundos para interpretar o seu e vontade de conhecimento da língua e da vida.

No que tange as práticas de leitura vivências na FLIFS, durante o movimento de escuta sobre as experiências, ficou evidente que o interesse primordial e, às vezes, único dos estudantes é a compra dos livros. Referem-se somente quando perguntado sobre as ações literárias e culturais, mas de modo superficial e, muitas vezes, nem sabem como denominar as atividades, provando que apenas notam a existência; mas poucos são os que conseguem participar e interagir.

A falta de ciência quanto à programação se percebe ainda em sala de aula, quando, ao fazer a divulgação da FLIFS nas turmas em que lecionava, distribuía algumas cópias impressas por mim da programação disponível no site do evento, para que pudessem manusear e ler, durante minha fala sobre informações e detalhes do evento. Os participantes folheavam rapidamente e, logo, passam para os colegas próximos.

O folheto informativo também foi enviado nos grupos de *WhatsApp* que mantinha com as minhas turmas e pela coordenadora aos líderes de turma, para que, igualmente, postassem nas respectivas comunidades virtuais das séries que representavam. Posteriormente, em reunião na biblioteca, com os já selecionados para a visita guiada, novamente, circulava o material impresso enquanto detalhava regras de conduta para ida à praça, distribuía as autorizações para serem assinadas pelos responsáveis, lia as atividades que ocorreriam durante o turno da nossa visita.

Entretanto, fica explícito o alheamento nos dizeres dos indivíduos ao declararem que não tinham conhecimento da programação e, ao serem confrontados sobre os momentos de divulgação que fiz anteriormente ao evento, alegam não lembrar ou não terem atentado, como está marcado na fala de Cachinhos (2022): “*então... pela programação? Eu não tive muita, muita atenção assim*”.

Aparece na fala da veterana Isabela o interesse exclusivo em buscar seus tesouros e o descaso com o que chama de apresentações; o mesmo ocorre com Eliana, principiante na FLIFS, e em outros. Isso revela o quão carentes são esses sujeitos da aquisição dos livros, ávidos pela posse da literatura e também como alguns deles ainda não compreendem as outras práticas de leitura presentes na FLIFS. Não são eles culpados por isso, são sim os responsáveis pela educação pública, aqueles que ignoram o quanto é insubstituível e necessário o contato dos jovens com o devaneio, com a ideiação, com o acolhimento.

“Porque quando... nessas vezes que eu fui, eu só ia mais na intenção de procurar os livros. Não parava muito para ver as outras apresentações”. (ISABELA, 2022)

“Só que como estava afobada para procurar meus livros, eu não parei. Ai eu depois eu escuto e o tempo passava”. (ELIANA, 2022)

Majoritário é o grupo que somente depois do final da atividade leitora, dá-se ao prazer e ao deleite de tornar-se público das atividades culturais e artísticas desenvolvidas no Festival durante a manhã. Contudo, pelo modo de referir-se às ações, é notório que a curiosidade e o desejo pelas novas aquisições tiram a concentração devida para interagir com as declamações

dos cordéis, peças teatrais, lançamento de livros, números musicais e circenses. Há, inclusive, quem confesse que mesmo em frente ao palco sentada diante apresentação, continua presa na felicidade do ter:

“As apresentações foram bem legais assim. As criancinhas pequenas que tava lá tendo. Achei bem legal também.”. (KINSEY, 2022)

“Assim... eu me interessei não tanto, por conta que eu estava mais interessado em olhar os livros.[...] Lá tem a leitura de cordéis, mas eu não cheguei tanto a... a parar pra assistir tanto. Eu parei pra assistir a... a peça teatral que estava tendo. [...] E foi essa mais que me chamou a atenção. E também teve os músicos que estavam tocando”. (CHARLIE, 2022)

“A gente ficou muito nerde com tantos livros assim, A gente perdeu o horário e aí a gente só saiu de lá porque ficaram apressando a gente, mas se não fosse por isso... Mas assim, provavelmente a gente ficou conversando sobre os livros que a gente comprou. não porque não é atrativa (a apresentação musical)”. (KIARA, 2022)

Somente duas colaboradoras declaram o interesse e a investigação da programação por estarem cientes das diversificadas ações propostas pelos organizadores, além da feira de livros. Todavia, confessam não terem participado de nenhuma por falta de tempo, pois julgam que deveríamos sair mais cedo do colégio. É útil deixar registrado que nossa visita tinha duração de três horas. O início das atividades na praça ocorria às 8h, por isso chegávamos para a visita às 8h20 e retornávamos às 11h20 – por conta de o horário final das aulas ser às 11h40 e pais ou transportes particulares chegavam à instituição escolar para pegá-los.

“Tinha... Isabele me mandava direto as programações que tinha. Tipo a troca de livros que tinha, tipo assim, você leva um livro velho pra trocar por um livro de lá. Tinha muitas coisas, tipo, os horários, as editoras que lá estavam... muita coisa.

[...]

Acredito que daria sim, que daria pra a gente procurar o livro, daria pra gente parar para lanchar e escutar os poemas até os shows... que as apresentações que tiveram no palco. Eu acredito que daria”. (LILI, 2022)

Assim como Lili, Isabela (2022) argumenta: *“Então meio que fica o tempo curto. Não dá pra aproveitar outras partes da feira”*. Os relatos dos protagonistas são determinantes para pensarmos na necessidade de estruturar de maneira diferente às visitas das escolas, posto que o objetivo primeiro do Festival é a democratização do acesso ao livro e a promoção da leitura para a formação cidadã, mas também essa construção está associada a variadas e diversificadas

manifestações literárias e culturais que estão relacionadas ao saber e ao conhecimento tão útil para a humanização do ser. Seleção e Helena reconhecem e confirmam tal relevância ao descreverem suas impressões.

“Eu gostei muito dos poetas fazendo as poesias, cantando cantigas e apresentação que teve também foi legal. Porque eu gosto de cordel, gosto de poema. Eu até escrevo uns poemas”. (SELEÇÃO, 2022)

“Eu acho legal as apresentações. A de artistas. Geralmente, são feirenses, né? [...] Porque, geralmente, não damos tanto valor assim a... a... cultural local. Até porque aqui não tem muita coisa que é divulgada. Aí quando tem e a gente tá lá e a gente vê, a gente: ó legal! Aí já procura mais. Fica mais interessado em saber”. (HELENA, 2022)

Espontaneamente, são poucos os alunos que citam algum item da programação que tenha lhe despertado o interesse e, desses, muitos citam a declamação de cordéis como performance atrativa por relacionar o gênero textual a cultura sertaneja e local. Todavia, os educandos não demonstram ter dado a atenção devida a ponto de se apropriarem da apresentação, uma vez que não descrevem as particularidades da atividade cultural-artístico-literária desenvolvida na Praça do Cordel.

Esse alheamento está demonstrado na fala de Alek, quando perguntado sobre o interesse pela programação: *“É muita cultura também com os cordéis. É... o povo fica recitando poemas”* (2022). O mesmo ocorre com Uhtred, após explicar sobre seu interesse pelos estandes de livros, recorda-se de ter visto um cordelista em atuação: *“Aí vi também, que tinha um senhor lá que tava tocando violão, cantando. [...] eu acho que estava cantando, falando uns poema, alguma coisa assim”* (2022).

Em contraponto, há lembranças vivas e descritas com afeto por AL – visitante experiente da Feira do livro, com três idas com o colégio e outra com o pai – sobre a arte de compor narrativas em versos enfatizados por ritmo, métrica e melodia, retratando, através da arte, a essência da vida, filosofia e misticismo do povo sertanejo. Recorda sua emoção e encantamento no momento da descoberta da literatura do cordel, assim também o contexto que tem bem detalhado na memória:

“Eu lembro [...] não sei se eu vi esse ano, mais do... no... no outro ano que eu fui. Eu lembro que uma coisa que nunca vai sair da minha cabeça. Era tipo um... que estava tendo um cordel cantado. Sabe? E eu lembro que tinha... eles penduravam as folhinhas dos cordéis, tipo um varalzinho no estande todo assim. Era tudo de folha colorida e eram uns pequenininhos, os livrinhos. Lindinhos assim. [...] Eu achei a coisa mais linda! Até que nunca esqueci, né? Era muito lindo.

Dessa vez eu não vi (os estandes), mas eu vi as apresentações dos cordelistas.

É, é uma coisa, não é nova, porém é uma coisa bonita de assistir e de ver de ler também é. É interessante”. (AL. 2022)

Utiliza substantivos e adjetivos no diminutivo, os quais assumem conotação afetiva, como lido em: “*estandezinho*”, “*folhinhas*”, “*varalzinho*”, “*pequeninhos*”, “*Lindinhos*”. AL lembra que o cordel é um gênero antigo, entretanto lhe causa deslumbramento. Possivelmente, isso se deva ao fato de, apesar de fazer parte de nossa cultura nordestina e sertaneja, a arte não é tão visível na cidade.

Entre as atividades listadas na programação da Feira do Livro, há uma prevalência entre os participantes do estudo de que as decisões sobre as compras dos títulos não sofreriam intervenção das ações artístico-culturais vivenciadas no Festival. Isso legitima a independência e o protagonismo do jovem leitor no que se refere a liberdade de selecionar seus tesouros a partir das suas predileções já catalogadas, como se percebe nas palavras de Nath: “*Não, não, porque eu estava muito convicta do que eu queria*” (2022); ou da atração que um livro tem sobre seu admirador a partir de um olhar, um toque ou a leitura de apenas um parágrafo na contracapa como relata Cachinhos:

“A capa do livro me chama muita atenção e aí eu falei olha que capa bonita aí eu puxei assim né aí eu olhei e aí comecei a ler atrás que eu tenho esse... esse negócio de ler atrás assim sempre pra ter noção do que é o livro. E aí quando eu li, eu gostei. E aí eu falei: ah, então vai ser esse. E e aí eu peguei e levei esse daqui”. (CACHINHOS, 2022)

Como contraponto, a ação apontada como aquela que serviria de influência para a escolha das obras literárias é a *Conversa com escritor(a)*, associada à presença do(a) autor(a) nos estandes para interlocução com os leitores e sessão de autógrafa. Nesse sentido, os jovens sinalizam a importância da aproximação entre autor/texto/leitor como propósito para a integração do contexto que se encontrará nas obras adquiridas. O cenário propiciado por eventos literários como a FLIFS, onde a literatura não é tratada apenas como produto, promove o encantamento e o encontro, pois a possibilidade do contato com o literato elimina o pré-conceito de que são inalcançáveis e irreais. Talvez por isso AL relate com surpresa o modo carinhoso com que a tratou uma escritora durante um encontro na FLIFS e Isabele busque na praça Sergio S. Santos o escritor que conheceu em ano anterior:

“Sim, sim. Eu tenho livros que eu comprei na FLIFS, que são autografadas pelos próprios autores. É até hoje está na estante. [...] Que eu até então, eu não tinha conhecido. Ainda comprei dois livros, eh, da mesma autora e eu comprei porque eu fiquei empolgada, porque eu nunca

tinha visto eh, eh, tipo autografando, eu falei, vou comprar porque eu quero autógrafa [...]

Eu acho que ela ainda conversou um pouquinho comigo. Não lembro direito porque foi no primeiro ano que eu fui, mas eu lembro que eu fiquei empolgada.

Ela foi super carinhosa. Foi super gente boa”. (AL, 2022)

“Sim. Eu já comprei um livro assim de um autor. Ele é baiano, eu acho. O nome dele é César..., Sérgio (S. Santos), alguma coisa assim com s. E eu comprei 3 livros dele e tipo, comprei um uma vez e na outra vez que eu fui, comprei dois porque ele tava vendendo. Ele autografou. Ele deu um brinde. A gente conversou sobre o livro, eu até achei que eu achar ele, porque ele falou que ia lançar o segundo de um que eu gostei, que foi O segredo de Carol. Aí lançar o segundo e eu achei que ele estaria, mas não estava”. (ISABELE, 2022)

“Acho que sim. Pelo fato de ele ser local. Eu gosto muito de apoiar os escritores locais. Também ele estaria lá, né? De certa forma, assim persuadindo você a comprar seu livro, falando sobre ele é, quais são as temáticas que ele traz”. (ALEK, 2022)

Essa visão de Alek sobre a presença do escritor em uma feira literária não é equivocada; entretanto, a persuasão exercida pelo autor não se dá por meio da venda do seu produto como ocorre nas feiras de rua do município, mas, sim, através da magia promovida pelo encontro do criador da fantasia e daquele que será arrebatado pela sua narrativa; a exemplo do que ocorreu com Kiara, Isabela, AL. E para dar um pouco mais de entendimento às relações fundadas através da literatura e da FLIFS, traremos novamente Queiroz, Helena e Isabela e lhes daremos a palavra para percorrermos o caminho de suas vivências no Festival.

As duas primeiras participantes estão juntas no Grupo de discussão com outros três colegas e explanam de modo entusiasmado sobre a programação e sua influência na seleção das obras literárias. Helena e Queiroz narram a experiência compartilhada alternando as falas para completar informações e sentimentos sobre o momento vivido juntas:

“A gente também, pró [Helena e Queiroz falam juntas e empolgadas]. Eu não lembro em qual ano que a gente foi...” (QUEIROZ, 2022)

“2018 ou 2019” [referência ao ano da visita à FLIFS]. (HELENA, 2022)

“Jéssica Macedo” [referência ao nome da autora que conheceram]. (HELENA, 2022)

“Ela mesmo, e a gente comprou o livro”. (QUEIROZ, 2022)

“é, a gente tem foto com ela, A gente comprou o livro. É nós três eu, Mariana Maria. Ela autografou”. (QUEIROZ, 2022)

“Que era os três livros que ela tava lançando, na época. né? (HELENA, 2022)

“Isso foi lançado e ela autografou, tirou foto pra gente o livro é muito bom. eu tenho até hoje”. (QUEIROZ 2022)

“E a gente trocou o livro”. (HELENA, 2022)

“Isso. aí eu li meu livro, ela leu, cada um leu o seu e depois foi trocando e cada uma leu os três livros”. (QUEIROZ, 2022)

“A gente comprou um e conseguir ler os três e tem foto, tem autógrafo e tem história a contar [finalizam o relato de experiência rindo e se abraçando]”. (HELENA, 2022)

Figuras 15 e 16 – Registros fotográficos de participantes da pesquisa na FLIFS 2018 e 2022, respectivamente.



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2022).

Já terceira participante desse relato, Isabela faz sua exposição na entrevista individual e semiestruturada, demonstrando o mesmo entusiasmo e deslumbramento pelo desfrutar do contato com a escritora:

“Eu tenho um livro autografado lá em 2017. Que é... O nome é Magia. É uma trilogia, também. É de Jéssica Macedo. Ela, se eu não me engano, acho que ela é de Minas Gerais. Não lembro direito. E tem autografado. Eu e as meninas têm. [Queiroz e Helena] Aí, cada uma comprou um livro. Aí foi trocando. Aí o meu era Magia que era sobre bruxa, o de Queiroz é sobre vampiros, e o de Helena é umas meninas que se descobriram gêmeas. E era muito bom, porque a gente foi trocando. Cada uma leu.

A gente tirou foto com ela. Eu tenho aqui a foto no celular [pega, desbloqueia o celular e faz a busca pela fotografia. Acha e mostra emocionada]. Foi muito bom. A gente surtou. [...]

E a gente gostou muito dos livros. O jeito que ela falava assim, sobre os livros. Aquilo chamou a atenção da gente.

[...] porque é incrível você conhecer o autor dos livros. Tá ali com ele, conversando, contando como foi escrever. Então é muito interessante. Porque quando... nessas vezes que eu fui, eu só ia mais na intenção de procurar os

livros. Não parava muito para ver as outras apresentações”. (ISABELA, 2022)

Fica evidente a relevância do contato direto dos leitores jovens com o(a) autor(a) para que haja o interesse em conhecer sua escrita e a ampliação de possibilidade de aquisição de um acervo diverso para além dos livros que fazem fama nas redes sociais.

Os recortes discursivos acima repletos de emoções que a literatura nos permite é inestimável e necessário. Permite que sejamos sujeitos do desejo, aciona o humano que há em nós, conforme afirma Isabele, ao confessar que “*mudou muito a minha vida*” (2022).

4.2 LITERATURA, CHAVE PARA A LIBERDADE

Para Yunes, a literatura tem uma singular missão, “a de comover o leitor, de tirá-lo de seu lugar habitual de ver as coisas, de fazê-lo dobrar-se sobre si mesmo” (2002, p. 27). Através dos livros literários, os partícipes dessa investigação conseguiram dominar seus sofrimentos, suas inseguranças, pois permitem-se sentir, entregar-se a inventividade:

“Depende assim do período. Na pandemia mesmo, eu comprei um boxe de livros de fantasia, para meio que ser uma válvula de escape da situação que tava vivendo”. (ALEK, 2022)

“Meu gênero favorito é fantasia. Eu... eu prefiro sair da realidade, por conta que, às vezes, acontece tanta coisa na nossa vida, que a gente precisa sair da realidade”. (CHARLIE, 2022)

“Tipo assim, aquilo dali vai estar sempre para você, ao seu dispor. O horário que você quiser. [...] É como um conforto. Um lugarzinho seu”. (LILI, 2022)

Ao anunciar a experiência como “*um lugarzinho seu*”, Lili define o artefato como um espaço próprio e íntimo, como teoriza Petit em seus estudos. A autora, ao pesquisar leitores rurais franceses, relata que os jovens criam um novo lugar, um espaço autônomo, isto é, “distinto do que o cerca, capaz de um pensamento independente. E isso o faz pensar que é possível abrir seu caminho” (2013, p. 42). O mesmo ocorre com os partícipes deste estudo, jovens moradores de áreas periféricas de uma cidade interiorana brasileira, os quais selecionam o livro literário como um espaço seguro e mais afável que o vivido.

Na menção sobre esse espaço íntimo, a filósofa teoriza que os jovens o usam como um lugar onde são livres para divagar, viver de maneira emancipadora e subjetiva. Seriam ativos e livres através da imaginação para buscar pela identificação e/ou explicações para suas

inquietações psíquicas e sociais características dessa faixa etária. Nessa perspectiva, o texto literário assume elemento de posse do leitor, relação íntima sem testemunhas realizada através da leitura silenciosa (MANGUEL, 2004, p. 44).

Durante as entrevistas semiestruturadas e os grupos de discussão, ao responderem sobre considerar-se leitores, o título de preferência, os livros adquiridos na FLIFS, deixam explícito que o romance de fantasia é universal em suas leituras. Soma-se a descrição feita do lugar ocupado pela leitura como abrigo, aconchego, segurança e reflexões íntimas. Essas declarações generalizadas entre eles me conduzem a defini-los leitores contemplativos, guiada pela caracterização cunhada por Santaella (2004).

A pesquisadora qualifica o perfil cognitivo do leitor de livro, cuja prática é de uma “leitura individual, solitária, de foro privado, silenciosa, leitura de numerosos textos, lidos em uma relação de intimidade, silenciosa e individualmente” (SANTAELLA, 2004, p. 23). Assim designamos por contemplativos os participantes deste estudo, leitores concentrados na ação interior, que constroem “relação íntima entre o leitor e o livro, leitura do manuseio, da intimidade, em retiro voluntário” (SANTAELLA, 2004, p. 23), pois assim caracterizam-se nossos participantes leitores.

Ainda nesse contexto, a leitura de literatura não é só válvula de escape, mas também a oportunidade de viver outras vidas além da sua, conhecer outros mundos, outras épocas. É a experiência de vida que o texto literário promove, pois acrescenta conhecimento múltiplos à nossa teoria de mundo e, conseqüentemente, nos tornar capazes diante dos desafios que a vida nos impõe. Dessa forma, alguns entendem o mundo ficcional como destino mais interessante ou mais acolhedor, conforme narram a seguir:

“Eu acho que ele me faz viajar por locais inimagináveis e inexistentes em certo ponto, mas me torna uma pessoa mais curiosa. [...] É como sair da realidade. E coisas inimagináveis. Coisas que às vezes não podem acontecer com você. E aí, com o livro, você tem a capacidade de experimentar essa sensação”. (KIHARA, 2022)

“Ah, na minha vida em geral, eu... a vida é um pouco sem graça. Em geral, ela repetitiva. Então, às vezes, e quando você lê você foge da sua vida. Então eu gosto de ler, porque, às vezes, tipo, eu saio do mundo real, onde há um mundo que não é tão... fantástico quanto dos livros. Então é, literalmente, uma fuga da realidade”. (IRIS, 2022)

Interessa registrar que para cinco dos partícipes, o ato de ler também executa função de tentar ocupar lacunas psíquicas, resultantes de relações conflituosas internas, familiares, e/ou sociais; as quais lhes causam sofrimentos ou vazio. O escapismo trazido pelo texto literário

permitir-lhes-ia amparo, companhia, alento. Os recortes abaixo ilustram esse encadeamento entre leitor, realidade e literatura.

“Para mim, os livros foram mais minha família do que a minha própria família. [...] Os livros em si, eu tenho uma relação com eles que eles me acompanharam mais a minha vida toda do que minha própria família e eu sempre fui isolada e aí eu sempre... comprei vários livros e aí eu começo a ler, eles ensinaram mais”. (IRIS, 2022)

“Eu acho que a leitura é para mim, principalmente, que eu escrevo, ela me guia muito, né? Principalmente na questão de me ajudar a me encontrar, né? Às vezes você está lá, meio perdido. Às vezes você não sabe o que fazer e aí você pega um livro assim, só pra poder distrair a mente. Aí você acaba passando horas e horas lá. você nem percebe e aí é algo que acaba meio que salvando a sua vida assim, né? Você está lá meio perdido. Aí você pega um livro pra ler e acaba se encontrando naquele livro”. (JOSUUBL, 2022)

Porque... eh... como é que eu vou dizer... Eu tenho é, eu tenho crise de ansiedade e principalmente de noite, eu, eu, ela aumenta mais ainda. E é nessa hora que eu me sinto sozinha e sem nenhum recurso. Aí eu me apoio nos livros. Ou em algum final de semana, porque eu me sinto solitária, quando sinto só. Independente de não morar sozinha, mas a gente ainda assim sente só. Os livros me acompanham muito”. (NATH, 2022)

Como se lê nas palavras destes sujeitos, os livros são salvação. Compreensão reverberada no escrito de Araújo (2006, p. 24), para quem “ler é evitar que a alma infarte”. Para estes indivíduos, o texto literário reconduz os sentidos em direção ao entendimento da existência no mundo para diluir algumas dores que nem sempre podemos aguentar. Essa relação entre livro e leitor “redimensiona os seres a perceberem sua nobre e fecunda humanidade” (p. 22).

Como afirmado na sessão anterior, percebe-se que a leitura aproxima pessoas, suscita o diálogo e promove a interação, em razão da simpatia e preferência por falar sobre gostos. Conversar sobre um livro lido, uma personagem por quem nos apaixonamos, um final que contestamos, um acontecimento que nos inquietou.

Há a satisfação em seduzir alguém para conhecer o livro e, posteriormente, o prazer em ter com quem trocar impressões. Sendo assim, a literatura atrai os indivíduos e os aproxima de modo a igualá-los e torná-los parceiros. Como diz Maria (2016, p. 60), “quem gosta tanto quanto nós do livro pelo qual nos apaixonamos vira amigo”. A educanda Kiara faz um paralelo sobre a existência desse intercâmbio com outros leitores interessados, favorecidos pelo ambiente de sociabilidade que a FLIFS proporciona:

“No caso, na livraria tem pessoal, mas assim, cada um lá no seu canto e pronto, comprando o seu livro e lá na FLIFS não, porque a gente acabou tendo até uma conversa com um dos meninos que tavam lá. A gente estava discutindo sobre o livro, ele queria me... "não pode pegar". Eu falei: "não pode pegar". Aí, a gente ficou lá conversando. Então é, a gente acabar conhecendo pessoas novas e agregando valores e escolhas de livros novos por causa da FLIFS". (KIARA, 2022)

Outro aspecto a referenciar nos dizeres dos educandos é que é um engano pensar que, para eles, a leitura literária é somente fonte de entretenimento prazeroso. Advogam que as narrativas podem compartilhar dores, sofrimentos, antipatias, entre outros sentimentos negativos. Segundo eles o que abre caminho para as aventuras e dilemas é a sensibilidade de tornar-se cúmplices da história. Os diálogos nos grupos de discussão sobre as narrativas lidas em dado momento versam sobre aprovação e reprovação das atitudes dos personagens, recusa em aceitar os caminhos do enredo, antipatizar um ou outro personagem e dar continuidade a vistoria dos acontecimentos mesmo sentenciando os rumos assumidos pelo autor para não perder o desfecho.

Quando questionados sobre os sentimentos que têm ao ler esses títulos, as respostas abordam a coerência com o que vivem cotidianamente, ou seja, mesmo sendo fantasia há a necessidade de enquadramento com a verossimilhança que faz parte do mundo caótico, desumano, nocivo. E assim explicam:

“Acho que se for sempre agradável não é ler. Não tem como. Por que se o livro for... for legal ali, acho que não me mostra bem a realidade, sabe? Foge muito da realidade e eu gosto muito da realidade. Se for muito bom, não sei o que, não vai ser sempre bom, sabe? Sempre tem que ter uma pitadinha de alguma coisa ruim pra acontecer”. (CACHINHOS, 2022)

“Porque se não o livro fica até tedioso, por conta que a gente tá acostumada ao caos. E tem uma... não tenho caos ali, fica uma coisa muito monótono”. (CHARLIE, 2022)

É curioso observar o reconhecimento dos aprendizes sobre o papel das narrativas em seu percurso leitor. Tanto fuga, quanto identificação; tanto distanciamento, quanto salvação; quanto distração, companhia, salvação, encontro etc. Virtude da literatura convocada pela apresentação do desconhecido por meio de relato, de mundos improváveis familiar ou não, despertando a imaginação através da interlocução com o escrito. Como verifica Yunes, a literatura “abre caminho para outras aventuras e compromissos de leitor, que passa a vislumbrar maior cumplicidade e responsabilidade entre letra e vida” (2002, p. 26-27).

No que diz respeito aos gostos literários, fica mais evidente ao observar os títulos adquiridos pelos 20 leitores ouvidos do Festival: entre os 31 livros obtidos e listados, somente 6 são nacionais e outros 25 de autores internacionais. Entre os títulos estrangeiros, *Os sete maridos de Evelyn Hugo*, de Taylor Jenkins Reid, e *Vermelho, branco e sangue azul*, de Casey McQuiston, são os mais citados. A autora que teve o maior número de obras adquiridas foi Jane Austen em três títulos: *Orgulho e Preconceito*, *Persuasão*, *Razão e Sensibilidade*. Entre os nacionais, aparecem *Iracema*, de José de Alencar; *Memórias de Emília*, de Monteiro Lobato e *Conectadas*, de Clara Alves.

Diante disso, constata-se que a literatura estrangeira é a preferida entre os jovens, mesmo entre as três leitoras que afirmaram durante as entrevistas e grupos de discussão gostar de autores nacionais. Nos dizeres dos participantes da pesquisa, são mencionados os *booktokers* e *bookstagram's*, ou seja, influenciadores digitais que fazem resenhas e recomendam livros através das redes sociais *TikTok* e *Instagram*, respectivamente, como influenciadores nas escolhas dos títulos mais buscados na FLIFS e lidos também.

Em contrapartida, ao serem perguntados sobre os critérios utilizados para comprar as obras literárias no Festival, somente duas mencionam as redes sociais. Uma aluna revela ser uma *bookstagram* e seguiu a sugestão de outra influenciadora. Outra diz participar de um clube de leitura na rede social do *WhatsApp*, onde pegou indicações para compor sua lista. O maior número – oito alunos – elaborou uma lista de desejos e, de acordo com os preços ou o aceite do vale-livro, mudou de estratégia e selecionou as obras na hora, julgando a capa, a sinopse e o título. Um grupo menor com cinco leitores fez suas escolhas no momento, pois julgam que a lista os limita de serem surpreendidos por uma boa narrativa. Somente três optaram por um tema para fazer a busca das obras. No primeiro grupo, está Queiroz (2022):

“Que eu me lembre, só 2, ou foi 3 que aceitavam vale-livro. Limitou a minha escolha. Então foi ali na hora mesmo, na emoção que eu peguei o livro, que eu vou folheando ali, aí eu vou lendo a sinopse”.

O movimento de amplificar as vozes desses frequentadores da FLIFS, a partir desse ponto traz a fala dos estudantes de uma escola pública para análise das ações desenvolvidas na instituição CERES reconhecidas importantes para a prática leitora de literatura e para o interesse sobre a Feira do Livro. O Colégio Reitor era uma instituição de ensino básico que tinha o reconhecimento da comunidade e por isso era avaliada por muitos como uma “*escola pública que funcionava*” – dizeres recorrentes de quem nos procurava para matrículas. Opinião legitimada por Nath (2022) e sua família:

“Eu conheço muitas pessoas aqui da escola, que já estudaram aqui, já se formaram. Como minha prima mesmo tá se formando e ela, a minha tia também, minha família toda, diz que esse colégio foi o colégio melhor da cidade e ainda é”.

Logo para verificar se esse centro educacional ocupou esse lugar de relevância para a construção do acesso à leitura de literatura desse alunado, averiguamos o que dizem os protagonistas juvenis desta pesquisa. Eliana (17 anos, aluna da 3ª série Ensino Médio) chegou ao CERES no final do Ensino Médio, vinda de instituição particular, devido à queda da renda econômica familiar após a pandemia, e avalia positivamente as ações para a promoção da leitura literária.

“Assim, eu acho que a escola já faz um bom trabalho com divulgação para leitura, literatura em si, porque esse foi a primeira escola que eu vi fazendo... que eu estou fazendo divulgação para com a literatura, para com o livro. Eu estudei em três escolas, nenhuma fez isso. Então essa é a primeira, eu acho isso muito bom. Acho muito legal. Então eu acho que a escola já em si faz um bom trabalho. Mas. Não sei, eh... Eu acho que a biblioteca, a gente, a gente fala bastante nela”. (ELIANA, 2022)

Igualmente a Eliana, os alunos dos anos finais do Ensino Fundamental não tinham experiências dos projetos de leitura interdisciplinar para opinar, pois iniciaram os estudos no colégio durante o momento pandêmico 2020-2021, quando as atividades presenciais estavam suspensas e as virtuais não tiveram engajamento dos discentes pela ausência ou precariedade dos dispositivos, pelo difícil acesso à internet de qualidade, entre outras implicações econômicos, educacionais e sociais.

Posteriormente, adotado o sistema híbrido com alternância em cronograma presencial e assíncrono, as atividades escolares foram comprometidas pelo grande número de ausências por medo da contaminação pelo COVID-19. Além disso, em 2022, ano no qual realizou-se a visita à FLIFS e foram executados os dispositivos da pesquisa, as atividades pedagógicas, por orientação supervisionada da SEC/BA, foram voltadas para recuperação de aprendizagem, podendo os projetos interdisciplinares desenvolvidos no colégio para cumprir o currículo essencial.

Ainda assim, em seus trabalhos pedagógicos, as professoras da área de Linguagens não se limitaram e continuaram executando ações para promoção da leitura literária em suas turmas. Algumas estudantes revelam a importância da influência da professora de Língua Portuguesa do 9º ano do Ensino Fundamental, Fernanda Castro, no desenvolvimento do “*gosto pela leitura*”, como explica Kinsey (2022)

“Gosto assim, eu peguei mais gosto pela leitura, principalmente com a pró Nanda. Ela fez o querer bem mais gosto pela leitura. Ela sempre passa uns livros para ler. Aham. Aí, nisso eu fui notando que eu sempre realmente gostava de ler. Eu já tinha uns livros em casa, tipo diário de Anne Frank, que eu tinha comprado. Aí a professora Fernanda foi mandando ler, e eu fui viciado”.

Os educandos do Ensino Médio relatam vivências do projeto de leitura anual e interdisciplinar *Literando o Sertão Brasileiro* e, posteriormente, *Leitura: Sabores e Saberes*, além das atividades desenvolvidas nas aulas de Língua Portuguesa também em cumprimento ao projeto e intencionando a culminância. Entre as ações mais lembradas como significativas para o desenvolvimento da prática de ler, está a *Parada de Leitura*, na qual, quinzenalmente, 50min. de aula eram usados para que todos os integrantes da unidade escolar fizessem leitura de títulos trazidos de casa ou selecionados na biblioteca do colégio anteriormente.

Avisados por meio dos professores, de cartazes em sala, corredores e dos cards que circulavam nas redes sociais do colégio, todos os integrantes da comunidade escolar, gestão, funcionários, professores e estudantes faziam leitura de um livro que tivesse selecionado previamente durante o horário planejado.

Para não prejudicar o planejamento curricular, o momento de aula indicado para a *Parada de Leitura* era rotativo, contudo, nunca no primeiro horário por conta dos atrasos corriqueiros dos alunos.

Figura 17 – Card elaborado pelos alunos para divulgação da Parada de Leitura



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

As jovens Queiroz e Helena – alunas do CERES do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3ª série do Ensino Médio – têm muitas experiências para avaliar as práticas pedagógicas com foco

na leitura de literatura executadas ao longo de sete anos. São muitas recordações e aprendizagens, em vista disto são repetidamente citadas nesse capítulo.

“Um papel que teve importantíssimo na escola que eu participei, que eu pude presenciar, foi quando tinha O parada de leitura. E aí o aluno ia na biblioteca, escolher um livro e lia. Era uma ação legal, porque eu, como gosto de ler, então parar assim até a aula às vezes... Era... Era uns 50 minutos. Era legal parar para ler”. (QUEIROZ, 2022)

“Tinha as Paradas de leitura, que acho que era uma vez por semana ou talvez a cada 15 dias. A gente parava uma aula para ler. A escola toda parava. Aí tinha as ações na biblioteca. Tinham vários projetos”. (HELENA, 2022)

“Talvez aquele projeto que tinha aqui no colégio que a gente pegava e lia livros uma vez na semana, porque geralmente na biblioteca os livros não são complexos, tinha tipo o primeiro volume. Aí se eu gostava, eu ia procurar lá o segundo valor. Que era Parada de leitura?” (MELISSA, 2022)

Figuras 18 e 19 – Registros fotográficos da Parada de Leitura nas salas de aula



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Outros citam o projeto *Literando* na sua integralidade, sem destacar um ou outra ação, pois, assim era defendido pela gestora Célia Andrade (*in memoriam*) e, posteriormente em 2019 com a chegada da coordenadora DeJane R. Martins.

“Ah tinha o Literando, né? É. Ele me influenciou bastante, numa época que eu estava tipo, tinha deixado mais os livros do lado. Aí esse projeto aí me fez é tomar meu gosto pela leitura”. (ALEK, 2022)

“Tem o Literando que ajuda bastante. Eu acho que seria também o melhor (se refere a continuidade do projeto), porque eu acho que ele teria buscado mais pessoas. Sabe? Tipo... acolher mais pessoas”. (AL, 2022)

Há também quem recorde, como significativo para o ato de ler literatura, da culminância do projeto ocorrido no mês de novembro, e projetavam no futuro participar daquele momento em que toda a comunidade escolar visitava os espaços montados em formato de estandes para apresentar os romances, temáticas, recortes literários estudados de modo aprofundado durante o ano letivo.

Nath, também aluna do CERES desde o 6º ano, declara apaixonadamente o papel das ações do arremate do *Literando o Sertão Brasileiro*, tônica dos estudos literários da 3ª série Ensino Médio.

“Então tive uma conexão muito grande naquele momento e eu vi o quanto é importante ter projeto na escola. É cansativo? É, muito. Tem que arrumar a cadeira, fazer essas coisas, arrumar estande. É o dia todo aqui na escola, a gente chegava morta em casa, mas vale a pena. Entende? Eu sei que é cansativo para a gente, mas têm as pessoas que estão assistindo. É o máximo! Assim como foi o máximo para mim, porque quando eu era sétima, eu ia assistir o pessoal do terceiro ano, eu ia assistir o pessoal do primeiro ano. Eu achava aquilo o máximo, mesmo não achando o meu [estante], mas eu achava os deles o máximo. Eu sei que o pessoal da quinta série também achava o meu o máximo. Entendeu? E aquilo ali inspirava muitas pessoas. Assim como me inspirou também”. (Nath, 2022)

Os alunos do Ensino Médio, já experientes no processo de formação de leitores literários, atuaram em diversas fases nesses anos de estudos no Colégio Reitor. Em vista disso, compartilham etapas dos percursos pedagógicos seja nas aulas da disciplina de Português Instrumental nas séries do 6º e 7º ano do Ensino Fundamental, que visava a promoção do texto literário e da biblioteca escolar, ou nas atividades desenvolvidas nas aulas de Língua Portuguesa/Literatura. Portanto, temos as falas de muitos, conforme se vê a seguir:

“A própria FLIFS no sexto ano... me influenciou a querer ler mais. No sexto ano também, que a senhora era minha professora, tinha as questões das redações, os resumos dos livros. Aconteceu de me incentivar mais a leitura, porque antes daquela época não lia tanto nem rapidamente e a partir daquela época eu comecei a ler mais”. (CHARLIE, 2022)

“A biblioteca, porque lá tem... tinha livros que eu não tinha em casa. Eu pegava um monte de livro para poder levar para casa e fazia tipo um texto do que eu entendi e entregava”. (BELA, 2022)

“Que as professoras passavam, no início do ano, uma listinha dos livros que a gente ia ter ler... que a gente usava nas aulas. Apesar que eu lia tudo antes de passar. Porque eu tinha uma amiga estava aqui e aí ela estava acho que era uma série de diferença. Aí ela já tinha o livro, ela falava, a gente conversava, inclusive é uma das... a gente conseguiu motivar uma terceira amiga nossa, a começar a ler. Aí, agora foi nós três pra Feira do Livro”. (HELENA, 2022)

“Tem. Principalmente de Língua Portuguesa com a senhora e pró Carol, porque é sempre está trazendo e lendo livro para poder debater na aula, conversar, contar um pouco da história. Então a gente acaba se interessando, , por saber mais do livro, por saber mais da história. Então a gente vai com esse pensamento já voltado lá”. (QUEIROZ, 2022)

Interessa observar que os relatos dos participantes da pesquisa reforçam a importância da atuação da escola para a promoção da leitura literária através de ações contínuas e variadas para que o processo de formação de leitores seja exitoso. Além disso, fica destacado por eles que as tarefas sugeridas pelos professores de Linguagens para a leitura vinculada a uma avaliação terão êxito maior entre aqueles que já possuem alguma aproximação com o artefato, mas também poderá estimular quem não tenha prática leitora por ainda não ter sido apresentado aos horizontes possíveis da literatura. Queiroz e Helena mencionam uma atividade pedagógica realizadas no 6º e 7º ano do Ensino Fundamental para a leitura de livros e posterior relato em um Diário de Viagem, cuja elaboração estava subjugada a nota.

“E aí a gente lia aí tinha que fazer o resumo do livro nesse diário de viagem. Foi incrível, tipo assim, nesse ano eu li 20 livros. Foi. (reação de surpresa e aprovação de Isabele) Eu fiz um resumo de todos bonitinho no meu Diário de viagem. Então foi bem legal. Despertou assim... mais a minha vontade de leitura.

[...]

Mesmo assim ainda foi legal (comenta sobre o fato da atividade está atrelada com nota), porque tipo assim, era pra gente contar a história ali, então. Entrava ali, meio da história, podia trazer livros de fora também, não precisava ser só livro da biblioteca”. (QUEIROZ, 2022)

“Só que eu acho que a gente fazia, não era um resumo, a gente fazia como se a gente tivesse tempo da história. A gente fazia o resumo como se a gente tivesse dentro da história. Como se fosse um personagem.

[...]

Eu acho que, como a gente estava muito empolgada também com o projeto de leitura completo, tudo ali influenciava. Então a gente tava feliz com tudo (sobre o Diário de viagem ser avaliativo)”. (HELENA, 2022)

Tais dizeres, principalmente o trecho final do dito por Helena, “*estava muito empolgada também com o projeto de leitura completo, tudo ali influenciava*”, sancionam a relevância de ações regularmente executadas, as quais envolvam todo o colégio, de modo que compartilhem suas aprendizagens sobre os livros para toda a comunidade escolar e crie uma atmosfera em que o texto literário sejam foco das ambições e curiosidade dos outros colegas.

Vale, ainda, ressaltar que esta atuação das etapas realizadas no projeto anual *Literando o Sertão Brasileiro* e, posteriormente, *Leitura: sabores e saberes* foram eficazes no

desenvolvimento do gosto leitor, mas não para direcionar a escolha de títulos na FLIFS, muito menos barrar a influência dos títulos estrangeiros que estão no auge entre os jovens naquele dado momento. Nessa empreitada, estou de acordo com Luzia de Maria (2016) e apoio-me no seu entendimento sobre ser imprescindível que o educando amplie sua “competência leitora” de maneira ampla em direção a potencializar a prática de leitura, sendo então condicional que tenha experienciado o gosto de ler; possibilita-nos a construção do conhecimento de forma autônoma e protagonista. A experiência vai acrescentando mundos, culturas, emoções e desafios, isto é, a leitura multiplica a vida.

No que se refere a esse processo, Maria disserta sobre ser imprescindível que o leitor tenha livre e individual possibilidade de escolha dos livros por “interesse próprio, para a busca pessoal de resposta” (2008, p. 66). Esse entendimento está fundamentado na seleção das obras efetuadas no Festival Literário e Cultural de Feira de Santana e expresso no pronunciamento de Queiroz (2022): “*Ter esse incentivo da parte da escola é importante, mas que você tem a oportunidade de ser livre para poder escolher o que você quer ler é, é importante também*”.

4.3 O LEITOR DA FLIFS: COMPRADOR DE SONHOS

Minha compreensão não os considerava enfileirados em prateleiras, organizados por sobrenome. Não os imaginava velhos e empoeirados, com páginas amarelas, roídos de traças. Para dizer a verdade não imaginava serem os livros escritos. Pensava que surgiam como nós, das vidas de outras pessoas, vivos, sem grandes explicações.

(VIEIRA JÚNIOR, 2023, p. 49)

Também eu, Moisés – personagem de *Salvar o Fogo*. Minha compreensão não concebia os livros aprisionados, nas estantes de madeira nobre e portas de vidros trancadas, assim como a sala chamada de biblioteca. Por isso, desafiei abri-las, emprestá-los e permitir aos estudantes do CERES o surgimento do arrebatamento de uma narrativa, de uma poética, da leitura literária.

Reconheço e recordo o entendimento de Jorge Araújo (2006, p. 17) sobre integrarmos uma democracia representativa, por isso é factual a definição de que “temos direito assegurado constitucionalmente à informação, à leitura, ao debate, à participação coletiva”. Dessa maneira, o autor determina que ler é um “exercício de direito e justiça, necessidade básica e inalienável de cada indivíduo”.

A usurpação desse direito afasta dos indivíduos o acesso a uma cultura letrada, resulta na desmobilização do corpo social, promove a passividade e alienação e beneficia o desinteresse em relação à valores morais e cidadãos. Dessa maneira, é urgente pensar que a continuidade das barreiras que dão acesso ao livro e desfavorece a expansão da leitura literária não agencia o desenvolvimento político, social e cultural do país. Entendo que o jovem quando leitor, interessa-se por dilemas da comunidade local e global, sendo ele mais engajado com a sociedade a qual pertence.

Temos, enquanto nação, um caminho longo a percorrer a fim de alcançar êxito na democratização do livro, de modo que crianças e adolescentes tenham seu próprio acervo literário, para promover a humanização daquele que ler – o que defendem Antônio Candido, Rildo Cosson, Jorge de Araújo, Luzia de Maria, Rita de Lima, Michèle Petit, entre tantos outros teóricos e estudiosos.

A antropóloga francesa classifica como sortudos aqueles que têm acesso à leitura. Então esses vinte estudantes leitores do CERES são providos de sorte, pois possuem acesso a um direito elementar, uma prerrogativa de dignidade conquistada por razão do Festival Literário e Cultural de Feira de Santana, cujo objetivo principal é a democratização do acesso à leitura, possibilitando que crianças e adolescentes de “contextos sociais desfavorecidos” também possam ser “mais autoras das suas vidas e sujeitos de seus destinos” (PETIT, 2013, p. 31).

Os leitores compartes deste estudo, alunos de colégio público e moradores de bairros periféricos, tiveram sua inserção na prática devido à mediação de pais, professores, parentes (irmão(ã), primo, e avó), amigos, colegas de classe, por conta própria e pela rede social *TikTok* – ordenados de acordo com a maior quantidade de menções feitas. Entre esses incentivadores, há uma situação comum na realidade de muitas famílias, o incentivo à prática da leitura por progenitores, os quais não são íntimos da cultura escrita.

Esse fato é explicado por duas das adolescentes ao justificar que na ausência de oportunidade de estudar e comprar livros, os seus responsáveis se esforçam para lhes conceder melhores oportunidades de cultura e educação. Permite que se constate que os pais relacionam ao artefato o ensejo de uma promoção na vida intelectual e social dos seus filhos, por crerem em sua função.

O partícipe Tôra – possuidor de 7 livros adquiridos através de seu salário ou do vale-livro na FLIFS – relata que sua mãe, uma dessas incentivadoras, mas não praticante, em uma ocasião se irrita quando ele prefere comprar livro a adquirir um short. O jovem caracteriza a atitude da sua genitora como contraditória, contudo me parece compreensível que para famílias

de camadas sociais mais pobre, seja mais útil e necessária a aquisição de um item de vestuário – tido como mais útil.

Essa compreensão dialoga com concepção criada por Marx, segundo Engels denominada, como Lei do Desenvolvimento da História Humana (1883), ou seja, os indivíduos precisam adquirir essencialmente aquilo que lhes é imprescindível: comida, bebida, moradia e vestuário; e, posteriormente, bens culturais, científicos, artísticos. Dessa maneira, o caráter cíclico da estrutura desigual de classes, dificulta ou impede que a literatura, como elemento cultural, seja prioridade e pertencente à realidade das famílias que integram e das quais esses sujeitos fazem parte. Esse cenário se apresenta também nos dizeres de oito discentes sobre a quantidade de livros que possuem inferior a 10 títulos.

“Bem pouco, assim. Eu tenho mais pelo telefone livros gratuito em PDF, porque não tenho muito recurso financeiro”. (QUEIROZ, 2022) – possui 2 livros comprados na FLIFS

“Eu tenho livros da casa que são poucos, pelo fato da minha família vim... ser um pouco humilde. Não ter esse acesso à leitura e também nem outros meios”. (LILI, 2022) – possui entre 5 e 10 livros entre presentes e comprados na FLIFS

“A maioria foi dada pelo meu pai. Como a gente não tem condição de comprar todo mês, aí pelo menos uma ou 2 vezes no ano, ele traz de presente um livro”. (KIARHA, 2022) – não soube informar a quantidade

“Às vezes, eu prefiro ler pelo, pelo livro em papel, porque, às vezes, o celular força muita as vistas. [...] Hoje eu estou lendo mais porque eu leio meu celular. [...] Eles são de graça”. (BELA, 2022) – 4 livros entre presentes e comprados na FLIFS

As vozes dessas garotas soam acompanhadas de constrangimento, de olhos voltados para baixo e da dificuldade de justificar o pouco número de exemplares existentes em casa ou o motivo por relatarem tantos livros lidos com a incompatibilidade do número de títulos existentes em casa. Essa realidade reafirma a importância de políticas de formação de leitores que também oportunize a posse de um acervo.

Esse quadro é comum a 40% dos protagonistas deste estudo, para os quais a posse do livro está atrelada ao vale-livro de R\$38,00 ou a ser presenteado por parentes e amigos. Dentre os demais, 15% possui de 11 a 20 títulos, mesma parcela tem de 21 a 30 itens; 20% possui entre 31 e 51 livros e o restante (10%) relata ter mais de 100 obras literárias. O que me reporta a frustração do Escambo Literário, realizado durante o evento literário anual – o *Literando o*

Sertão Brasileiro – que por não haver posse dos livros, os jovens não se engajaram na atividade proposta de troca entre a comunidade escolar.

A aluna Queiroz expõe sua preferência pelo livro físico, mas confirma a impossibilidade de tê-lo por não ser uma prioridade para estar relacionado entre itens essenciais sobre os quais a família precisa optar. Para isso, usa a expressão “*tirar um dinheiro de... de algo assim maior, né, pra... pra... pra o livro*”. Está posta a inexistência da possibilidade de escolha.

O livro, assim como outros elementos da cultura, ocupa o status de supérfluo, conforme se vê no recorte discursivo a seguir.

“E tipo assim, se a gente vê que é mais viável baixar um PDF, que é de graça na internet do que a gente tirar um dinheiro de... de algo assim maior, né, pra... pra... pra o livro. Então a gente acaba indo ali pela questão do PDF. E se a gente teve assim a oportunidade de ter o vale-livro é muito bom. Ah, pró, tipo assim, quando a gente entra em contato, sei lá, não sei explicar, mas é. É uma sensação gostosa de você pegar um livro, de você poder assim folhear. Nossa! Bota aí vem aqui no coração: “Nossa, meu filho, que saudade” ‘Queria você pra mim’” (QUEIROZ, 2022)

É fato que a ausência de condições financeiras comum a maioria dos estudantes da escola *locus* para a aquisição do livro físico é suprida pelo acesso virtual dos títulos através do aparelho celular, entretanto este meio de contato com as narrativas não tem a preferência para o efetivo contato com o texto literário.

Exceção a essa conjuntura, está AL – órfã da figura materna aos 11 anos e que se autodeclara com ansiedade – que, segundo seus cálculos, aos 19 anos, já leu mais de 800 títulos, a maioria deles financiados pelo pai, apresentados por parentes e, principalmente, pelo primo – identificado como incentivador à prática. Conforme Petit, “um mediador pode autorizar, legitimar um desejo inseguro de ler ou aprender, ou até mesmo revelar esse desejo” (2009, p. 148). Assim aqueles fomentadores citados pelos jovens os que incentivam a leitura são os pais, os que sugerem livros são os professores, os que patrocinam ou presenteiam são responsáveis ou parentes. Isso revela as diferentes funções para a promoção da leitura destes participantes, porém todos mediadores ou “iniciadores ao livro” (PETIT, 2009, p. 148).

De acordo com AL, atualmente, tenta encher novamente sua estante, que já contava 140 obras.

“teve um momento que eu vendi meus livros. Vendi um monte de livros. Ai eu tô tentando recuperar a minha estante. Eu tô tentando encher de novo, mas eu tive um primo que me ajudou bastante, porque quando ele... ele é professor de português e, ele sempre soube que eu gostava de ler e ele me doou todos

os livros dele. Eu ganhei 53 livros, pró. Me ajudou bastante. [...] Mas, hoje, eu tenho, mais ou menos, 140 livros, mas sem encher a estante”. (AL, 2022)

Apoiada na convicção de Maria na questão da leitura e formação de leitores, “que faz diferença, sim, [...] ter sua biblioteca pessoal, poder ler e voltar às leituras feitas, poder reler, descobrir novos sentidos em renovadas leituras” (2008, p. 87), advogo que a criança, jovem ou adulto poderão experimentar o prazer da descoberta através do texto e da parceria entre autor/leitor própria da escrita literária. A posse do livro permite a dinâmica do amadurecimento do leitor e o crescimento do seu repertório, revisitando, redescobrimo e aprendendo.

Não há como caracterizar-se como democrático um país que, no que se refere à distribuição igualitária de bens essenciais para a vida, se não são equivalentes à sua população o acesso ao conhecimento, à leitura, ou seja, à cidadania plena. Não são garantidos a nós, brasileiros, condições igualitárias de aprendizado, a julgar pelo número de analfabetos identificados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Educação 2022 (PNAD): somasse 5,6%, o equivalente a 9,6 milhões de pessoas, dentre esses 59,4% são nordestinos. No que tange pretos e pardos de todo Brasil, 7,4% são analfabetos, o que representa mais que o dobro da taxa de brancos (3,4%). Na situação de abandono escolar de jovens entre 14 e 29 anos (18,3%), o motivo informado por 40,2% foi pela necessidade de trabalhar.

Somos um país de muitas fomes – afirmação comprovada na realidade brasileira e apoiada em argumentação de Santaella (1983, p.1):

Há duas espécies de fome: a da miséria do corpo, esta, mais fundamental e determinante, visto que interceptadora de quaisquer outras funções, necessidades e realizações humanas; mas há também a carência de conhecimento, este, outro tipo de fome. Nossa luta tem de ser travada sempre simultaneamente em ambas as direções.

Esses vinte educandos participantes do estudo são representantes daqueles que têm fome de conhecimento. Têm desejo de saber, de escrever a própria história, de ter a felicidade de ser leitor; pois, já foram seduzidos pela literatura. A julgar pela alegria quando recebem a convocação para ir à FLIFS através da visita guiada com o colégio, pela empolgação ao descreverem as sensações de participarem do evento, pela euforia percorrendo os stands para escolher seus títulos. A manhã vivida no Festival é o momento de caça ao tesouro com a amпуlheta contando o tempo e o vale-livro determinando as moedas de ouro.

A FLIFS assume, no município de Feira de Santana e circunvizinhança, relevante e imprescindível política pública para promoção da leitura literária e formação do leitor através da democratização do livro. Nas menções sobre o evento, sua dimensão é validada pelos sujeitos dessa pesquisa repetidamente e de modo emocionado.

“Então, gostei que eu fiz escolhida. Fiquei muito animada e eu gostei bastante. Eu não sabia que ia ter tanta gente. Fiquei muito surpresa quando eu chego lá tava meio vazio que a gente chegou cedo quando começou a encher, a gente não conseguia nem... nem entrar assim nas barracas. Foi um sufoco, mas eu gostei. Foi muito bom. Gostei, porque eu conheci livros que eu não conhecia, sabe? Gostava que tinha as mesas, a gente podia tocar nos livros, podia conhecer a sinopse, as coisas. Então é uma coisa boa a gente poder pegar, sentir, sabe? Então foi uma experiência muito boa”. (ELIANA, 2022)

“Sempre quis ir, mas nunca tive oportunidade. Inclusive eu fiquei muito feliz quando a senhora me chamou. [...] Acho que foi falta de convite. Alguém para me levar até lá. Porque sempre teve, nunca me escolhiam na escola.

[...]

Eu achei fenomenal, muito legal e, tipo, um monte de livro lá. Tudo livro bem interessante. [...] Foi muito legal, tipo, a poesia lá, pessoal, falando sobre poesia, forrózinho, que teve lá. Gosto muito de forró. Aí foi uma experiência muito legal, porque fala muito, sobre... tipo, a leitura sabe os livros lá e, tipo, desde que desde 14 anos pra cá eu vejo muita importância. Eu gosto muito, sabe?” (TÔRA, 2022)

Nos depoimentos daqueles que visitavam a FLIFS pela primeira vez, é destaque a gratidão por terem sido selecionados e terem a oportunidade de conhecer o evento literário. Deixam explícito que não conheciam ainda, pois não tinha sido proporcionado pelos responsáveis, o que nos faz depreender que para muitos a escola é única promotora desse encontro. Ou por falta de tempo, dinheiro ou interesse da família, esses jovens ainda não haviam participado do Festival, mesmo que leitores interessados e cientes da existência da ação aberta ao público.

A paixão por estar entre os livros, de modo livre a manuseá-los, disponível não só ao olhar, mas também ao toque é declarada entre sorrisos, às vezes, envergonhados; provavelmente, para não parecerem inocentes e pueris diante de algo que deveria ser comum para leitores – a frequência em atividades culturais e literárias, como a FLIFS.

O uso de vocábulos incomuns ao contexto de festivais literários como “*barraca*”, “*barraquinha*” e “*banca*” demonstra a falta de familiaridade dos jovens. Termos não empregados somente por alunos em primeira visita, mas também pelos veteranos na FLIFS, com três ou mais participações. Estranhamentos estão marcados nos dizeres: “*banças que...*

aceitavam o vale-livro” (NATH, 2022), “tinha lá uma barraquinha que era livro só de 10 reais” (ALEK, 2022).

Conforme dito por Eliana (2022), em explicação a sua surpresa pelo grande número de visitantes no Festival, *“está parecendo aquelas feiras que vende verdura”*. Tal associação está vinculada à cultura peculiar da cidade – fundada a partir de uma feira de gado, em 1832 – cuja importância é registrada não só no nome dado ao município, como também no hábito tradicional de compra em feiras de rua nos bairros e nas calçadas do centro comercial. Relação estabelecida ao costume do cliente feirense de tocar nos produtos para escolher, à semelhança do que ocorre na Feira do livro – denominação mais utilizada pelos discentes para se referir ao evento – em que os interessados manuseiam os livros, folheiam, leem capa, quarta capa e orelhas sem constrangimento para poder fazer sua escolha.

A surpresa com a grande quantidade de pessoas transitando na praça é justificado pelo julgamento comum quanto ao pouco interesse do brasileiro em relação à leitura. Entendimento comprovado pela pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, a qual diagnosticou a redução de 4,6 milhões de leitores entre 2015 e 2019. Nesse sentido, Eliana (2022) explica sua admiração:

“achei que não ia tanta gente, porque... Quando a gente fala sobre livros, a primeira coisa que me perguntam: ‘Tu ler?’, ‘É? você ler?’. Então é algo que eu não fiquei esperando, sabe? Muita gente! Meu Deus!”

Coordenando e acompanhando a organização e seleção para a visita guiada à FLIFS, sempre ficou evidente o encantamento dos jovens leitores do CERES, assim como de outras escolas públicas e privadas, presente na caracterização acionada para descrever os momentos vividos entre livros, estandes, palcos, cordéis e o público. *“Incrível”, “interessante”, “extraordinário”, “ótimo”, “perfeito”, “legal”, “fenomenal”,* entre outros adjetivos intensificados por advérbios são usados para traduzir o encantamento e a validação dessa fascinada plateia, principalmente os novatos como Uhtred e Cachinhos.

“Para mim, foi uma mistura de... de sentimento, né? Porque pra mim, como... como é um mundo novo né, eu estava apetitoso por... por... por conhecimento e tipo, como não deu para... eu queria pegar mais livros, mas não deu, né? Então, mas eu achei bastante interessante, gostei muito”. (UHTRED, 2022)

“Eu gostei de tudo. Eu fiquei é tipo assim, muito ansiosa, porque primeiro eu não queria botar muita expectativa, porque eu não sabia se ia ter os livros que eu gostava. Só que de cara quando eu cheguei já tinha aquela coisa assim e eu cheguei assim perto, né? Fui olhando e eu encontrei o livro que eu queria, que foi esse aqui que eu tava buscando. Surtei”. (CACHINHOS, 2022)

A perspectiva dos já veteranos na FLIFS não é diferente quanto à empolgação: “*fico em êxtase*”, “*surtando*”, “*me perco*”, essas e outras expressões traduzem a euforia também destes. Assim também como a dificuldade de descrever em palavras o que sentem, a evocação de divindades, a hesitação frequente marcada pelas reticências, a fala acelerada e ofegante, a intercalação entre o relato e o diálogo estabelecido pela impossibilidade de traduzir o momento em citação indireta. Exemplos registrados nas falas de Isabela, Queiroz, Helena e Lili.

“Lá é um lugar assim... que é bem interessante. São várias coisas e você... Vários livros que você fica: Meu Deus! Eu vou escolher o qual? Como também têm as apresentações lá, de outras escolas. Essas coisas assim. Então lá que são várias coisas interessantes que tem. a experiência é incrível! Porque é uma coisa assim diferente. Porque ler é algo muito bom, então. Você ir assim para a Feira do Livro é algo extraordinário!” (ISABELA, 2022)

“Para mim, como leitora é, tipo assim, meu Deus! Surtando estou! Porque a gente, tipo, acha livro assim que a gente lê pela internet ou então que a gente quer muito ter. Entra em surto, né, de ter a oportunidade de ter aquele livro ali. Então, eu diria assim... não sei, ah, êxtase. Fico em êxtase assim, tipo, eu fico perdida, tipo, meu Deus! Esse aqui é o mundo que eu me perco realmente. De ver tantas pessoas envolvidas naquilo, entendeu? Da gente, tipo, às vezes, eu não conheço ninguém ali, chegar e fala: olha esse livro aí. A gente surta e fala: “Meu Deus! Sim. Ele é perfeito. Ele é muito bom”. (QUEIROZ, 2022)

“É muito... Não dá para explicar não. [...] Porque... para quem ler, a minha vontade é... tipo assim, eu olhei o livro, eu gostei, eu quero. Aí, dá vontade de sair pegando metade dos livros lá e levava a casa. É essa a vontade. E é muito tipo, muito legal, é quando você para e conversa com alguém. Aí, tipo... “Não, esse livro eu já li, é ótimo, pode comprar. Eu super indico”. E você vai tendo uma troca. Às vezes você estava em dúvida de algum livro, se era bom ou não, aí vem três ou quatro pessoas e falam: “Não, é ótimo.” É tipo uma troca de conhecimentos muito legais”. (HELENA (2022)

“Quando, quando eu... sempre quando eu chego lá, tipo assim, eu gosto porque tem muita gente, tipo, é interesses parecidos, por mais que sejam campos de leitura diferente. E também a variedade de livros”. (LILI, 2022)

Misturam-se aos enunciados o êxtase por estar na FLIFS, um elemento relevante para muitos: a troca de conhecimento sobre os livros para construir saberes com outros. No momento do garimpo por seus desejados tesouros, na aglomeração dos estandes mais frequentados, relatam diálogos versados com desconhecidos, mas tão quão interessados na leitura e, destacadamente, de mesmo gosto literário que são, às vezes, orientadores para conclusão de suas buscas ou escolhas. Isso é exemplificado acima na fala de Helena, Queiroz e Lili.

Outro fator salientado é a importância de estar entre os colegas. Quer seja para encorajamento dos caça tesouros de primeira viagem, para troca de informações e opiniões sobre os títulos, quer pela diversão por estar juntos em uma vivência nova. Nas palavras de

Eliana, iniciante na FLIFS e leitora experiente, a presença da colega de turma lhe deu mais segurança para aceitar o convite para ir ao Festival:

“Eu explorei conhecimentos de novos títulos, porque Kiara estava me apresentando um monte de... de novos livros. Como ela disse, ela gosta de ficar explicando, e ela tava explicando. Então foi, foi uma experiência muito interessante” (ELIANA, 2022) – 1º vez na FLIFS

“Foi uma experiência bastante incrível com as pessoas, minhas amigas, inclusive. A gente surtando juntas por causa de um monte de livro. Foi incrível. Essa é a palavra: incrível, incrível!” (SELEÇÃO, 2022) – 1º vez na FLIFS

“a gente conseguiu motivar uma terceira amiga nossa, a começar a ler. Aí, agora foi nós três pra Feira do Livro. [...] Aí a gente ficava o tempo todo conversando, né? Aí ela ficava meio perdida. A gente: “Não. Ó, a gente vai conseguir ajudar ela. A gente vai conseguir fazer ela virar fã de ler. Vai.”. Aí, conseguiu. [...] E aí agora fica as três conversando sobre livros. É muito massa! Eu cheia de orgulho... juntas na FLIFS”. (HELENA, 2022) – 4º vez na FLIFS

O exemplo de amizade entre Helena, Queiroz e Isabela – trio sujeito deste estudo – se fortalece através do gosto pela literatura. Foram alunas do colégio dos anos finais do Ensino Fundamental ao Ensino Médio, maior parte desses sete anos, colegas de turma. A amiga citada, seduzida pela leitura, é Isabela, que descreve acima o quão “*extraordinário*” é participar da visita a Feira e garantir seus tesouros.

Outrossim, o êxito da FLIFS é ratificado pelo empenho realizado por AL, quando ao não ser relacionada entre os 40 estudantes que participariam da visita guiada, iniciou um movimento de coação aos colegas selecionados para que desistissem em prol dela. O principal alvo foi Uhtred, colega de turma, leitor iniciante e novato no Festival, o qual cedeu aos apelos e solicitou a troca, entretanto não teve a permissão, pois fazia parte dos relacionados para ir à primeira vez à FLIFS, diferente de AL. Depois da minha intervenção sobre sua atuação, a aluna procurou outros professores da área de Linguagens e a gestão do colégio, de quem conseguiu autorização para ir conosco e para pegar um atestado de frequência, que possibilitou o acesso ao vale-livro. Exitosa na sua trama, era uma das mais excitadas ao receber o voucher da funcionária do NTE 19.

No tocante à divisão dos leitores relacionados para ida à FLIFS, ao planejar a metodologia para alcançar os objetos específicos da pesquisa, foram convidados 10 alunos que não conheciam a Feira e a outra metade, visitantes em outras edições com o colégio; visando analisar possíveis particularidades nos dois grupos. Quanto as experiências relatadas, como já

exposto acima, as sensações ligadas a felicidade são semelhantes, todavia há algumas especificidades que só podem ser conferidas através do olhar daqueles que já estiveram em anos anteriores no Festival por meio da escola.

Entre os experientes, estão visitantes de até quatro edições da FLIFS em momentos distintos na vida escolar e na faixa etária desses sujeitos, além da lacuna forçada da pandemia por conta do cancelamento das atividades escolares, que impediu a intermediação com os estudantes e as versões virtuais da Feira em 2020 e 2021. Dessa maneira, esses colaboradores participaram da visita guiada nos anos entre 2016 a 2019 e 2022, ou seja, cursando as quatro séries dos anos finais do Ensino Fundamental e o 3º ano do Ensino Médio.

Nesse cenário, esses sujeitos precisam remontar em suas palavras memórias até seis anos no passado, visando recordar para contá-las, como sugere Gabriel García Márques (2009). Então, nesse movimento de exploração das memórias, surgem lembranças que nos permitem depreender os momentos significantes vivenciados no Festival. A colaboradora Kiara, ao tentar explicar as diferenças entre as sensações da primeira e última participação, demonstra que a apreensão e euforia são as mesmas, contudo é possível inferir que antes o interesse que suscitava tantos sentimentos era a saída, o passeio com os colegas; agora, a maturidade leitora cria a atração pelos livros, pelos autores, pelas narrativas. A mesma vivência explicitada por Bela, na discurso a seguir:

“A gente sempre acordava muito cedo. A gente ficava muito, né? eufórico. “Meu Deus! Amanhã, eu vou para a Feira do Livro”, “E como é que a gente vai fazer?”, “A gente tem que ir para lá” e a gente... a gente ficava muito êxtase e tudo mais.

E a última... e essa vez que eu fui, fui eu e Eliana, a gente tava... acho que foi só uns dias antes, só planejando o que a gente ia fazer, o que a gente ia comprar, o que a gente ia procurar. Lá, quando a gente chegou, a gente ficou, tipo: “Meu Deus! Olha! Tem a Atlântica aqui”.

Aí eu fico, tipo assim, super animada e a pessoa fica te olhando assim, eu: “Meu Deus, é porque esse livro, esse autor aqui é sensacional. Ele faz isso, isso e isso”. (KIARA, 2022) – 3º vez na FLIFS

“Foi muito bom, porque eu nunca tinha ido num lugar de... de Feira do Livro e ali foi onde me criou o desejo de poder ler mais. Então, em poder estar com os amigos num tipo, um passeio. Como foi a primeira vez...

[...]

Esse ano eu fiquei mais animada por poder comprar o livro, não para poder sair da escola.” (BELA, 2022) – 3º vez na FLIFS

Na busca por escavar o passado, Alek e Charlie retomam por meio das suas lembranças ações e comportamentos de quando adolescentes no Festival. Além de alegria pela oportunidade de viver a Feira, também há a descoberta e aprendizado a partir de uma experiência singular.

“E teve uma vez que eu fui também que tinha uma experiência da UEFS. Que era basicamente, você se olhava em frente ao espelho, você dizia o que você via. Era uma experiência psicológica”. (ALEK, 2022) – 2º vez na FLIFS

“Na primeira vez, quando eu era sexto ano, que eu fui, eu lembro de... que... que... eu correndo, eu correndo até um estande e eu comprei dois livros, se não me engano. Era... Um livro era... eu estava querendo a muito tempo, eu nem lembro, mas agora, qual é. E, e... o outro eu comprei um livro simples pra minha irmã. É a memória mais forte que eu lembro da primeira vez que eu fui.

É porque eu tava eufórico, porque eu nunca tinha ido para uma Feira do Livro. Aí, com o fato de eu tá lá. Eu tava muito eufórico. Eu tava muito animado”. (CHARLIE, 2022) – 2º vez na FLIFS

Os educandos destacam em relatos suas percepções sobre as modificações pelas quais a Feira do livro passou ao longo dos anos. É evidente que um evento dessa importância durante os 16 anos de existência se transformaria para se adequar às alterações sociais e culturais por que passaram seu público, ao mercado editorial, livreiros e livrarias, assim como à administração de recursos financeiros e custos.

Algumas mudanças mencionadas referem-se à estrutura e à quantidade de estandes. Aqueles visitantes que conheceram a FLIFS no 6º ou 7º ano citam que o espaço destinado à montagem da Feira *“era bem maior nas últimas”* (Helena, 2022). Como justificativa para isso, argumentam que a aglomeração que presenciaram nos estandes que aceitavam o vale-livro não existia em anos anteriores e creditam isso a redução no número de estandes de venda de livros e também daqueles que aceitavam o vale-livro. Como concebe Isabele (2022): *“Eu dei uma volta só, já vi tudo, tudo. Antigamente, eu dava mais de uma volta e via muita coisa”* e, similarmente, assinala Queiroz (2022): *“Tinha pouca coisa esse ano”*.

A nossa presença no Festival sempre foi programada para o segundo dia de funcionamento no turno matutino; entretanto, possivelmente, o número de público geral seja variável, mas a quantidade de escolas agendadas deve ser delimitada para o bom funcionamento das atividades na praça. Sendo assim, a percepção dos estudantes possa estar equivocada quanto ao espaço, pela proporcionalidade que tinha a Feira para indivíduos no início da adolescência, ainda em crescimento.

Analisando o material de divulgação com a programação do Festival de 2016 a 2019, na penúltima página, onde estão listados alfabeticamente os expositores, verifico que o maior número estava listado em 2016 com 28 livrarias, editoras e livreiros. Em 2017, observa-se o menor com 21. Já nos anos de 2018 e 2019, são iguais 25. Quanto ao ano 2022, ao qual os

alunos se referem nos recortes acima, não estão relacionados os expositores no livro da programação, mas sim no site oficial da FLIFS; nele estão arrolados 33. Desse modo, a percepção dos discentes que também foi a minha – no que concerne a queda na quantidade de estandes – não confere com os dados totais informados acima. Contudo, podendo ainda corresponder a diminuição dos que aceitavam o vale-livro.

Figura 20 – Folhetos da Programação da FLIFS 2008 a 2023



Fonte: Site da Proex/UEFS e do IFBA.

Um outro entendimento que lhes é comum, é quanto ao valor dos livros. Acreditam que as obras estão mais caras, comparação feita tomando como ponto de partida o preço dos livros adquiridos para criança/adolescente – faixa etária comum aos estudantes dos anos finais do

Ensino Fundamental – e, posteriormente, as obras destinadas aos jovens – quando já cursando o Ensino Médio.

Essa avaliação é comprovada pela pesquisa Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro, segundo publicação referente ao preço médio das obras gerais. Em 2016 e 2017, o valor é de R\$10,54 e R\$10,83; sinalizando aumento em 2022, com custo de R\$17,00, o que representa aumento de 37%. Acertadamente, declaram Queiroz, Kiara e Nath:

“Antigamente, pelo menos nas últimas vezes que eu fui era menores dos preços, então dava pra gente comprar mais”. (KIARA, 2022) – 3º vez na FLIFS

“Vamos dizer os livros mais populares, acabou que não, não cabiam no orçamento do vale-livro. Aí quando eu ia procurar em outro estande, que até seria mais barato, não aceitava o vale-livro”. (QUEIROZ, 2022) – 3º vez na FLIFS

“Seria legal se eles aceitassem, mesmo que aumentasse dois ou três reais os livros né? Aceitasse os vales porque foi tanto livro lindo e maravilhoso que eu não pude comprar porque não aceitavam o vale. Cheguei em casa com o coração na mão. (NATH, 2022) – 4º vez na FLIFS

Ante a impossibilidade de adquirir os títulos que planejaram e gostariam, seja pelo preço elevado ou pelo não recebimento do vale-livro pelos estandes, vários tiveram que mudar suas pretensões para corresponder ao orçamento que tinham: só o valor de R\$38,00 do vale ou acrescentar com o dinheiro que tinham levado. Todavia não são muitos os que podem ou tinham para completar o vale com dinheiro próprio.

“Eu fiquei muito feliz porque a maioria das coisas que eu queria mesmo eu encontrei lá. Eu tive que colocar meu dinheiro pra comprar. Eu precisei acrescentar dez reais. Dez reais e o vale-livro e aí sobrou outro dinheiro que eu comprei outros livros”. (CACHINHOS, 2022) – 1º vez na FLIFS

“Dependendo do estande, têm uns que são bem caros e a maioria esse ano não estava recebendo vale-livro. [...] Dificultou porque os livros que eu gostei era da loja que não recebia”. (HELENA, 2022) – 4º vez na FLIFS

Vários deles relatam ter mudado suas escolhas iniciais, registradas nas suas listas de preferências no celular ou em bloquinhos, para adequarem o custo das obras ao voucher emitido pela organização do Festival. Além de afirmarem com expressões de satisfação, terem encontrado os títulos que gostaria de adquirir, assim também os gêneros que têm predileções – fantasia e aventura. Como demonstra Josuubl, sobre ter se deparado nos estantes com seus objetos de desejo, entretanto não ter podido satisfazer sua ânsia de consumo

“Se eu não fosse com uma lista pronta de livros, tinham vários livros lá que eu já tinha ouvido falar, ou que eu já tinha lido com o PDF, com o celular que eu gostaria de ter, de ter no físico, né? Tinha vários e vários livros lá que, que eu, eh, eu teria o prazer de gastar tanto o vale quanto o dinheiro”. (JOSUUBL, 2022) – 1º vez na FLIFS

Esses leitores de Literatura, também clientes ou apenas cobiçadores de loja exclusivamente virtual – a julgar pela quantidade de livros que 40% dos entrevistados possuem – por alegarem que o preço das obras é menor, pesquisavam através do celular a diferença entre estes e aquela durante a visita aos boxes para decidirem por efetuarem ou não a compra. Outros, já tinha feito a pesquisa em casa, durante a seleção de livros que buscariam na Feira, fotografaram a tela do aparelho móvel e armazenaram para consulta posterior sem uso da internet. Assim, ao afirmarem sobre a alta dos preços, estão comparando os valores do mercado virtual e da loja física, bem como baseados na quantidade dos livros que adquiriam em anos anteriores.

Importante corroborar a percepção dos participantes com a pesquisa já citada *Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro* (SNEL). No que tange ao faturamento das editoras, livrarias exclusivamente virtuais representam 35,2% de participação, enquanto as livrarias físicas – que eram os principais meios de venda – em 2021, reduziram de 30% para 26,6% de participação. O quadro atual é explicado pelo preço mais atrativo de lojas virtuais como a *Amazon, e-commerce* citada pelos leitores, comparado a única livraria física existente no município e conhecida por eles, presente na FLIFS

“Estava muito caro, mas achei. Onde estava barato, não aceitava o vale-livro. Por causa do valor, porque as coisas aumentaram muito. Então eu mantenho aquele preço ali, eles tinham que vender à vista”. (NATH, 2022)

“Fui em busca de outras obras que eu gosto, que estavam bem mais baratos. E eu estava também em busca dessa obra que é o One Piece. Só que eu esperava encontrar mais baratos”. (TÔRA, 2022)

“Estavam mais caros do que eu imaginava, porque, eh, na... na Amazon, eles estavam bem mais baratos do que estavam lá no... na Feira do livro”. (CHARLIE, 2022)

“Então eu achei muito caro. Os preços estavam absurdos lá na Atlântica. E o principal foi por causa, que, tipo, o que mais me chamou atenção que eu fiquei chateada, foi que, tipo assim, era só por causa que a Atlântica estava ali no início do... primeiros estandes. As pessoas estavam ali um peso, porque eu acho que era o único que conheciam, por causa que ser daqui de Feira, a gente vê no shopping estavam comprando lá, sendo que os preços enormes. E... e... não estava olhando os outros. Gente, vamo aqui rodar um pouquinho.

Vamo pesquisar o preço pra depois não gastar em um lugar só. E tipo assim, perdeu a oportunidade de comprar um livro só, do que comprar 5". (AL, 2022)

É pertinente a posição assumida por AL, no que diz respeito a um comportamento leitor experiente, mesmo diante da paixão e euforia que demonstra ao falar do seu amor pela leitura e pelos livros, igualmente o entusiasmo para ir à FLIFS e quem mais gastou para complementar o vale-livro (R\$80,00) para adquirir cinco obras literárias. A livraria física, local comentado por ela e outros, leva ao box do Festival os títulos “*queridinhos*”, “*famosinhos do TikTok*”, como caracterizado por Kiara (2022), por isso atrai tantos interessados.

Em debate desenvolvido sobre o vale-livro, sua importância e valor, foi pedido que sugerissem uma nova quantia suficiente para adquirir as obras a que almejavam. Os números variaram entre R\$40,00 e R\$200,00; sendo referido mais vezes o custo de R\$50,00 e R\$100,00 pelos 65% dos partícipes. Revelam assim, a fome de leitura e a ânsia por montarem sua biblioteca pessoal para ler e revisitar as obras em um tempo próprio, logo saciar essa vontade de cultura, saber, fantasia e imaginação.

No ponto de vista de Luzia de Maria (2008, p. 66-67), os jovens precisam ter chance de desbravar o mundo através da escrita, noção da multiplicidade de opções de leitura e conhecer o percurso para a produção de um texto até chegar às mãos em formato de livro. Nesse ponto de vista, justifica que na nossa realidade capitalista, “o livro é um produto cultural, mas ainda assim um produto, uma mercadoria”, logo se há poucos compradores, haverá aumento no preço.

O dizer de Maria suscita em mim reflexões sobre a falta de condições econômicas dos educandos de escola pública e sobre a importância de que para a construção do seu gosto pela leitura, é relevante a posse de uma biblioteca particular. Entretanto, em um país, onde a desigualdade social impera e o livro é caro, assim como alimentação, aluguel, consumo de água e luz elétrica, gás de cozinha, transporte – mesmo que seja público também o é; somente políticas públicas de acesso à leitura literária sanarão as necessidades intelectual, cultural e humana desses jovens.

As compreensões expostas são para dizer que o vale-livro distribuído a 40 estudantes de unidade escolares públicas estaduais e municipais para compra de títulos na FLIFS é uma indispensável ação de política pública para a promoção da formação do leitor para jovens desprovidos financeiramente, bem como “*um instrumento muito importante pra poder incluir todo mundo, que tem direito a esse vale-livro pra que essas pessoas consigam ter acesso*” (JOSUUBL, 2022), pois “*incentiva a gente a ler mais*” (UHTRED, 2022). Opinião compartilhada por vários, conforme se observa nos recortes a seguir:

“A importância por conta que como a gente tá em uma em escolas públicas, muitas vezes a gente não tem dinheiro pra comprar. E como a inflação tá alta e os livros aumentando o preço ajuda que abre espaço pra comprar mais livros e pra leitura.

Sim, eu tenho um que no sexto ano que eu comprei que tenho até hoje”. (CHARLIE, 2022) – possui 6 livros

“Como eu gostei né? Porque é esse ano ia passar, não ia comprar nenhum livro, porque eu conversei com os meus pais. Tinha que colocar as prioridades e tal, é, então eu acho que não ia comprar livros nesse ano, então foi perfeito. Comprei. Foi um presente, então eu fui de zero livros para 2 livros, então pra mim foi muito bom”. (ELIANA, 2022) – possui em média 30 livros

“Porque pra mim, eu falo por mim que não tenho tantas condições de comprar livro, até porque é muito caro na internet, os livros pelo menos que eu leio. É tipo, mais de R\$50,00, R\$60,00. Então ter essa oportunidade de ter esse vale-livro pra poder ter um importante, comprar o livro que eu goste é importante, né?” (QUEIROZ, 2022) – possui 2 livros comprados na FLIFS

“A importância é muita, porque, às vezes, a gente não tem dinheiro para comprar. Inclusivamente, eu só pude comprar depois que eu consegui os meus primeiros salários. E eu acho muito importante dar isso pra os alunos pra eles conseguirem comprar lá no dia e consegui comprar esses livros. Acho que a importância é muita, só precisa aumentar”. (TÔRA, 2022) – possui 7 livros

As falas de Queiroz e Tôra corroboram a apreensão da pertinência dessa importante política pública, o vale-livro, para promoção de um “direito cultural, como o acesso ao saber” (PETIT, 2013, p. 112), a fim de que não seja necessário a continuidade de uma injusta seleção entre 615 matriculados – número de alunos no início de 2022 no CERES, unidade de porte médio –, apenas 40 discentes, a quem depois chamaremos de sortudos. Para alívio de leitoras como AL que se disponha a coagir um colega para ter um lugar na lista da visita guiada à FLIFS, para que Lili não tenha que se envergonhar diante do seu grupo por ter sido definida para receber o vale-livro: *“E é ruim, porque nem todos os amigos que a gente tem, pode ir pra gente apresentar, incentivar outros amigos que não tem muito contato com a leitura ser muito pouco”* (2022).

Em razão disso, por conhecer e desfrutar da leitura literária, Helena pleiteia a ampliação da quantidade de vales-livros distribuídos às escolas, dado a disputa que ocorria anualmente quando divulgada a lista dos selecionados. Era imediato a busca com a gestão, coordenação e professores da área de Linguagens por explicações sobre os critérios utilizados e sobre a ausência de seus nomes na relação; em algumas situações, hostilizando os indicados.

“As meninas surtaram. A maioria (as selecionadas). E quem que não conseguiu, que não teve como ir. Aí, ficaram, basicamente, brigando com a gente que foi. Então, tipo, acho que é mais uma forma de desigualdade, né? [...]

Porque devia em todo o mundo, até para incentivar quem não lê. Por exemplo, G. (colega de turma) mesmo ela não lia. Aí depois da FLIFS, ela começou a ler. Fico muito feliz!” (HELENA, 2002)

A colega de sala de aula da 3ª série do Ensino Médio turma C turno vespertino comentada por Helena é um exemplo da importância da leitura de literatura por meio de encontros e desejos de trocas, de reconhecimento, de necessidades que nem sabíamos que tínhamos. Alimenta a alma, contribui para o entendimento da nossa existência humana.

Para exemplificar melhor, darei agora fala as minhas memórias das aulas seguintes da visita à FLIFS na classe dessa 3ª série C: ao adentrar a sala, agora, a estudante G. estava lendo um dos livros adquiridos na Feira/Festival; antes, encontrava-a de cabeça baixa na mesa e pouco sociável para com os colegas. Ao criamos uma roda de conversa, para que os visitantes do Festival fizessem a exposição do que viveram no evento, para que os outros se sentissem instigados a participar nas próximas edições, G. pede a palavra e fala emocionadamente sobre a obra adquirida e confessa que está lendo devagar com medo de acabar logo. Na aula seguinte, G. pede para fazer a leitura literária do seu livro na abertura da aula – atividade que eu fazia nessa turma regularmente – para estranhamento de todos. O momento é carregado de sentimentos despertados pela fala embargada dando voz a um poema, que, ao finalizar, em meio a lágrimas, confessa que esse texto a tocou bastante. Segundos de palmas e parabenizações a G.

O que Helena contesta, eu advogo e G. comprova que as políticas governamentais para incentivar a leitura e tornar o livro e a literatura acessíveis são salutares para uma sociedade composta de cidadãos mais humanizados a partir do seu processo leitor e sujeitos críticos do seu papel político. A literatura não será suficiente para essa transformação, mas não ocorrerá sem ela.

O Festival Literário e Cultural de Feira de Santana (FLIFS), ao longo dos seus dezesseis anos de existência, tem se destacado por importantes progressos, tais como o aumento do número de visitantes, das instituições escolares e de artistas de diferentes linguagens. Nas menções feitas e anteriormente expostas sobre o evento, os jovens além de reiterar a importância para sua formação leitora, lembram empolgados das tensões e felicidades a procura dos seus livros de interesse, constataam o crescimento de pessoas frequentadoras julgando a quantidade

de pessoas com quem tinham que disputar os espaços. Para mais, recordam objetivando analisar atividades que viram em outras edições, estandes que visitaram, como faz AL:

“É eu lembro que também tinha sebo lá dentro. E eles [...] antigamente eles tinham a opção também de você levar os livros para trocar no sebo lá dentro e... sabe fazer a troca? E tipo, isso também é a oportunidade para conhecer novos livros”. (AL, 2022)

As expressões dos visitantes acionadas para analisar a FLIFS constatam o êxito dessa grande celebração do livro para os feirenses. Está realçado na fala de Tôra, quando se pronuncia dizendo que *“eu não me sentia tão bem assim já faz anos. Então consegui me senti bem, me distrair”* (2022). Estão demonstradas nas vozes de Queiroz e AL, duas veteranas no Festival, sobre a diversidade de ações, a sequência de apresentações para que os frequentadores estejam constantemente ativos. Os recortes abaixo ilustram a receptividade dos jovens para com a diversidade de propostas e do modo como as alterações foram recebidas:

“Eu acho bem organizado. Eu acho que tem bastante entretenimento, sabe? Não é aquela coisa meio parada. Quem gosta de música, tem música. Quem quer tipo comer, tem um cantinho ali para poder comer. Quem gosta de cordel, tem essa parte mais votada. Eu acho bem organizada, então não tenho muito que reclamar”. (QUEIROZ, 2022)

“Lembro, tipo assim, foi, tipo, atualizando. Tipo, eles traziam mais, é mais livros, novos livros. [...] Foi melhorando, sabe? Então, eu sempre, eles vão sempre atualizando. Então, não é aquela coisa que é mais é, sabe, antiguidade, é desatualizada. Então é uma coisa boa”. (AL, 2022)

Por acreditar no potencial da Feira/Festival, os aprendizes tecem sugestões de medidas para aprimorar, ampliar e potencializar mediante seus interesses, enquanto público adolescente e jovem leitores. Coerente com o interesse prioritário pelos livros, a alteração proposta por diversos deles é a elevação da quantia do vale-livro, cuja responsabilidade é sabidamente do governo estadual, para acompanhar o preço dos livros comercializados nos estandes. O reconhecimento do aumento no valor dos livros advém da comparação com as lojas exclusivamente virtuais, comprovadamente mais acessíveis e atrativos para leitores em geral, lógico que também o é para alunos em situação financeira desfavorecida.

À semelhança dessa mudança, uma reclamação recorrente se refere, conforme os estudantes, ao grande número de estandes que não aceitavam o vale-livro, o que limitou bastante as possibilidades de escolha das obras literárias que desejavam. Por isso, Melissa (2022) sugere *“promover mais... que os estandes aceitassem mais o vale”*; nos dizeres da aprendiz, criando medidas para a adesão ou priorizar a exposição desses comerciantes.

Uma modificação também recomendada é de ampliação dos boxes dos expositores, sobretudo aqueles de maior fluxo de leitores interessados, ou seja, a Livraria Atlântica. Possivelmente, por ser uma revendedora mais conhecida pelos frequentadores da Feira, a única da cidade e por dar destaque em suas estantes aos variados títulos considerados pelos jovens como “*famosinhos*” das redes sociais, haja maior predileção dos leitores locais causando superlotação do espaço reservado à livraria. Outro fato apontado como complicador para o acúmulo de interessados nesse estande é a ausência do preço nos livros quer seja em etiquetas, quer escrito na primeira página à lápis, tal qual é visto em outros revendedores.

Sugestão bem fundamentada pela maior parte dos participantes foi impulsionar ações com a presença de escritores e escritores jovens, prioritariamente, nos estandes para possibilitar o diálogo com os leitores. Com o propósito de “*dar visibilidade a alguns autores brasileiros*”, segundo Kiara poderia “*deixar eles terem um estande deles lá para mostrar os livros dele, as inovações deles*”. Para maior engajamento com o público, argumenta ainda que o escritor pode

“explicar direitinho e tudo mais. Tira várias dúvidas e é engraçado, porque assim, você percebe, é o que algumas características do próprio autor no livro, como pessoa, e ele conseguiu transferir aquela emoção e aquele sentimento que ele tem pro livro dele”. (KIARA, 2022)

Eliana (2022) acresce a ideia do “*marketing visual*”, incluindo como composição do espaço reservado aos autores, “*pôsteres com a capa, um pouquinho da sinopse pelas pessoas lerem*”. Segundo a jovem, “*muita gente compra livros pela capa*”, inclusive ela. Interessa observar que alguns indivíduos separam, como se categorizando, a classe profissional por faixa etária e promovendo novamente os “*queridinhos do TikTok*”.

Penso ser importante destacar que a FLIFS é apontada, nos enunciados ditos pela maior parte dos protagonistas dessa pesquisa, como significativo papel potencializador do interesse pela literatura. Para justificar, AL (2022) explica que como já era uma ávida leitora desde a infância, a oportunidade de ir ao Festival, “*só fez melhorar*” seu gosto pela leitura. Assim também outra ledora costumaz, Iris (2022) diz não ter havido influência, “*mas desenvolvi mais meus gostos*”.

Os participantes Queiroz, Helena e Josuubl expõem opiniões semelhantes, a partir do entendimento, que o contato com outros visitantes leitores viabiliza o interesse por algumas obras por meio de sugestões, conselhos, detalhes dados sobre os títulos. De acordo com Queiroz (2022), o formato do evento é “*algo aberto para todo mundo, então eu acho bem legal, porque*

vem várias pessoas de fora, não é? Então acaba ali contribuindo” com a intensificação da prática leitora.

Logo, as vozes desses jovens leitores de literatura e partícipes desse estudo sintetizam a comprovação da pertinência do papel do Feira do Livro/Festival Literário e Cultura de Feira de Santana – FLIFS – como agência de letramento literário atuando na iniciação e consolidação do gosto pela leitura a partir da oportunidade do acesso ao livro literário, das trocas de experiências entre leitores, entre leitores e autores, entre Feira de Santana e a literatura.

5 REORGANIZANDO AS ESTANTES

A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra.

(JESUS, 2014, p. 167)

Diferente da vida e do livro, esse percurso de escrita chega ao fim, contudo não sabemos como se encerra, pois os jovens leitores participantes deste estudo, além de todos os alunos do Colégio Estadual Reitor Edgard Santos, visitantes da Feira/Festival durante os 14 anos da existência do evento presencial, perpetuaram em suas memórias o encantamento por estar entre as “*barracas*” e as “*bancas*”; reverberam, através dos conhecimentos obtidos, a influência do gosto pela leitura nos caminhos onde passam e, principalmente, continuam a construir a si a partir da experiência vivenciada em cada livro literário lido.

Todavia, é o momento de voltar às páginas iniciais deste estudo que começou a ser pensada com uma ação pedagógica sem o êxito desejado, o Escambo Literário; mas que só começou a ser desenhada durante a participação da professora pesquisadora nas reuniões virtuais no Núcleo de Leitura e Multimeios/UEFS, durante o período pandêmico. Assim, é útil retomar a questão que orientou este estudo, os objetivos e, por fim, as informações produzidas a partir da escuta atenta dos partícipes – então alunos do CERES no ano letivo de 2022 e visitantes do Festival – acerca da formação da prática de ler, das preferências literárias, dos momentos experienciados na FLIFS, do papel da Feira e dos projetos de leitura no percurso escolar para sua construção enquanto leitor.

Devemos antecipar que não existem conclusões acabadas nesse itinerário, entretanto há achados e registros para conceber considerações transitórias na busca por responder a seguinte questão de pesquisa: como as práticas de leitura de fruição e manifestações artístico-literárias vivenciadas por estudantes na FLIFS podem contribuir para a formação do leitor literário? No percurso de estudo, o objetivo geral foi analisar possíveis relações entre a FLIFS e a formação do leitor literário, a respeito das práticas de leitura de fruição e de manifestações artístico-literárias propostas a estudantes da Educação Básica do Colégio Estadual Reitor Edgard Santos.

Para tal, visou-se mapear as práticas culturais de leitura promovidas pela FLIFS para estudantes da Educação Básica de Feira de Santana e região; discutir sobre as ações de leitura e as manifestações artístico-literárias propostas na FLIFS e as implicações ao processo de formação do leitor literário; problematizar possíveis relações entre os projetos de leitura

desenvolvidos na escola *locus* e a promoção da leitura literária na FLIFS; descrever o perfil leitor literário de estudantes de uma escola pública frequentadores da FLIFS.

Penso ser relevante dizer dos impasses enfrentados para que chegássemos nessas últimas páginas. Em decorrência da pandemia provocada pelo *coronavírus* SARS-CoV-2, a visita guiada a Feira/Festival – uma das etapas imprescindíveis para a construção dos dados – só pôde ocorrer de 2022, devido à suspensão de atividades coletivas presenciais para cumprimento às medidas sanitárias determinadas pela gestão municipal.

A posteriori, a unidade de ensino e *locus* da pesquisa teve as atividades encerradas em dezembro do mesmo ano pela SEC/BA, por meio de um processo arbitrário (ausência de consulta à comunidade nem aos funcionários efetivos e contratados lotados na unidade) de cessão de prédio para administração da prefeitura municipal de Feira de Santana e o encaminhamento de nossas turmas de Ensino Médio para uma unidade próxima, que já não possuía ensino regular para ofertar. Para essa atuação injusta e autoritária, os motivos apresentados eram a necessidade de ampliação do processo de municipalização da educação em Feira de Santana e a ausência de espaço físico que impossibilitava a ampliação do prédio e construção de espaços esportivos e pedagógicos.

Com o corpo docente e o grupo de funcionários pulverizados em outros colégios e a escola sendo desmontada por gestores de outras instituições educacionais, sucede o mais doloroso e violento acontecimento: o falecimento da então diretora e minha amiga, Célia Andrade, devido a um infarto do miocárdio em abril de 2023. À vista disso, vivi – e ainda vivo - dois lutos: aquele provocado pelo distanciamento abrupto com amigos e estudantes com quem convivia diariamente, como família em decorrência do fechamento do espaço onde tinha orgulho e prazer de lecionar e pela perda repentina e inesperada da amiga respeitosa, carinhosa com os meus, preocupada com minha saúde, além da gestora incentivadora dos projetos pedagógicos que executava no CERES.

Do ponto de vista da execução desta investigação a se realizar diante de todos as dores, fazer a escuta e transcrição do material audiovisual resultante das entrevistas semiestruturadas e grupos de discussão foi reviver todas as memórias e remoer todas as feridas ainda abertas. Em contrapartida, a pesquisadora que muito aspirou a esse mestrado acadêmico, precisou enfrentar suas angústias para fechar esse ciclo e, possivelmente, permitir que o Colégio Estadual Reitor Edgard Santos seja reconhecido também através das experiências dos educandos leitores na FLIFS ecoadas nesse texto científico.

No tocante à professora pesquisadora, este estudo colaborou bastante para ampliar e aprimorar meus conhecimentos teóricos sobre os eixos temáticos Leitura, Literatura e Formação

do leitor literário, assim como reavaliar meu papel de mediadora de leitura em sala de aula e propositora de ações pedagógicas voltadas para a promoção dessa experiência de fruição. Do mesmo modo, concebeu um reposicionamento em relação ao lugar protagonista e ativo que o educando precisa ocupar nas ações pedagógicas que objetivem o desenvolvimento do gosto e prática de ler literatura. Bem como redirecionar a atuação da escola para potencializar o papel da FLIFS como importante agência de letramento literário para estudantes de escolas públicas de Feira e circunvizinhança.

Em referência à questão de pesquisa, foi possível notar que, dentre as manifestações artístico-literárias no Festival, aquela que provoca a atenção dos alunos são as declamações da Literatura de cordel na aclamada *Praça do Cordel*, um dos espaços da FLIFS. Tal interesse advém, segundo os sujeitos, da representação da cultura sertaneja e nordestina, a qual lhes desperta sentimento de pertencimento às raízes culturais feirenses. Outra ação mencionada com entusiasmo são os momentos denominados *Conversa com escritor(a)*, que, conforme os educandos, proporciona a aproximação com o texto, o contexto e sua intencionalidade, descobertas possíveis através do contato próximo com aquele que o concebeu. Todavia, uma ponderação é feita para a efetividade dessa contribuição de que o(a) autor(a) deve estar presente nos estandes para assegurar o contato próximo para a interlocução rápida, mas profícua, visando à promoção do livro, um momento de registro fotográfico e, primordialmente, um autógrafo na obra adquirida.

Interessa destacar que a imensa atração que a exposição e a venda dos livros exercem sobre os jovens não permite a maior parte deles atentar para as atividades propostas e, quando as percebem, não interrompem a saga pela compra das obras literárias que desejam encontrar entre os boxes, as prateleiras e concorrentes interessados no mesmo que eles. Essa confirmação temos ao observar e ouvir a maneira ávida com que estes leitores agem e se comportam diante do livro – correm para chegar antes ao espaço dos estandes, escondem títulos sob pilhas para depois adquirir se nenhum outro lhes interessasse, coagem colegas para poder assumir a vaga no ônibus e estar na FLIFS, desdenham da obra para que o(a) rival desista do objeto do seu desejo, entre outras banais contravenções em favor de um propósito, para eles, maior: a posse do tesouro.

Ambicionando que a programação do Festival esteja entre os focos desses discentes, sugiro que seja retomada a divulgação, presencialmente, nas escolas com visitas às salas para detalhar o evento e entrega de material informativo com o cronograma das atividades promovidas para serem afixados nas áreas de convivência da instituição. Com o reforço da

mediação da gestão e dos professores, haverá mais engajamento para a visita em prol de serem espectadores da FLIFS, para mais de leitores ávidos diante dos expositores.

A respeito das práticas culturais de leitura proporcionadas aos discentes, conforme mapeamento disposto no capítulo 3, subseção 3.3.1 *Literando a praça* para a FLIFS, é notória a extensão e diversidade das ações disponibilizadas nos vários ambientes a serviço do público para atender aos múltiplos e diferentes interesses. Na 16ª edição, em 2022, o evento ampliou a ocupação dos espaços para além da Praça Monsenhor Renato Galvão, o Centro Universitário de Cultura e Arte/UEFS, o Centro Cultural SESC de Feira de Santana, Biblioteca Monteiro Lobato, Coreto da Igreja Matriz.

Quanto às implicações das atividades de leitura e das manifestações artístico-literárias ao processo de formação do leitor literário, mediante o que externalizam os protagonistas deste estudo, depreende-se que a FLIFS cumpre um papel essencial de aproximação da comunidade feirense com a literatura, prioritariamente de crianças e de adolescentes da Educação Básica do município. Reconhecidamente unânime, o vale-livro é um investimento fundamental, um passaporte para o espaço de liberdade que esses partícipes encontram nos livros adquiridos através dessa política pública para democratização do livro direcionada, principalmente, a jovens de classe social desprivilegiada de cultura, educação e arte.

Os enunciados ditos pela maior parte apontam para o entendimento de que a oportunidade de ter a posse das obras literárias e montar sua pequena biblioteca é o mais significativo encadeamento no percurso para a construção dos estudantes do CERES como leitores, pois o vale-livro favorece sua emancipação servindo de escada com corrimão para alcançar as várias vidas possíveis entre as páginas de uma narrativa escolhida por eles para se hospedar.

Não obstante, faz-se necessário que haja uma ampliação significativa no número de vales-livros para abranger o quadro numeroso de alunos matriculados na Educação Básica Estadual e Municipal, pois corroboro a defesa de que não são os livros “luxos supérfluos” (MANGUEL, 2004, p. 35). Com investimentos maciços na educação, em políticas públicas contínuas e permanentes para formação de leitores, na ampliação e atualização do acervo das bibliotecas escolares e populares, será possível alterar o cenário descrito pela pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (2019) e ver mudar além do número de livros lidos no período de três meses, modificar a curva decrescente da quantidade de leitores após a conclusão do Ensino Médio, para assim poder afirmar que temos a consolidação da prática de ler.

Nas menções sobre a correspondência das ações dos projetos de leitura vivenciados no CERES e o estímulo da leitura de literatura na Feira/Festival, os indivíduos ratificam que a

participação nas diversas propostas do *Literando o Sertão Brasileiro e Leituras: sabores e saberes* encaminha-os para a constituição do seu interesse pelos livros literários em consequência da continuidade das atividades pedagógicas de leitura, a variedade no planejamento das ações e, principalmente, a atuação coletiva dos professores de Linguagens nos diversos segmentos para a promoção do letramento literário.

Os sujeitos da investigação apontam a FLIFS como prêmio, recompensa para aqueles que demonstravam gosto e interesse pelas práticas de leitura executadas no decorrer do ano letivo. Tais dizeres não estão equivocados, pois na ocasião em que eram selecionados educandos do 6º e 7º ano do Ensino Fundamental ou final do Ensino Médio, houve a comercialização dos vales livros. Após uma reanálise dos critérios para eleger os 40 lareados, como assim os alunos avaliavam, os professores da área de Linguagens passaram a listar aqueles que possuíam ambição pela literatura.

Interessa, neste estudo, traçar o perfil do leitor literário jovem de uma escola pública do município de Feira de Santana, o CERES, para conhecer o público alvo da Feira do Livro e, por ventura, contribuir para orientar práticas de leitura literária na escola e no Festival. Ao descrevê-los estaremos dando forma a um retrato dos caçadores de tesouros, adolescentes interessados em traçar seu percurso enquanto leitores famintos por fantasia, aconchego, porto seguro, refúgio, distanciamento.

Vamos à fotografia. São majoritariamente meninas; pertencentes a grupos sociais economicamente desprovidos; que, apesar de apontarem sua predileção pelo livro físico, leem também livros virtuais em arquivos formato PDF, devido à falta de condições financeiras para adquiri-los.

A maioria dos educandos possui uma média de até 10 livros, adquiridos com o vale-livro ou presenteados por parentes, e tiveram o interesse pela leitura despertado e incentivado, em maior número, pelos pais; menção seguida pelos professores.

O gênero preferido é o romance de fantasia e aventura, de autoria de escritores estrangeiros, persuadido por comentários de amigos também leitores e influenciadores digitais no *TikTok* e *Instagram*.

A busca pelos livros na FLIFS é guiada por uma lista de títulos composta previamente, entretanto, devido ao valor e à disponibilidade dos títulos, julgam o livro pela capa e analisando a sinopse. Comparam o custo dos títulos antes de ir à Feira em sites de loja exclusivamente virtual, além disso levam uma quantia em dinheiro, em média R\$20,00, para complementar a compra dos livros que desejam adquirir.

Preferem participar da visita em grupos com a escola ou amigos para poder compartilhar as experiências e as opiniões sobre as obras literárias. Em quase totalidade, não teriam possibilidade de ida à praça se dependessem de seus responsáveis por falta de tempo ou dinheiro.

Em suma, são jovens que caminham pelas estantes com olhares fixos nos seus objetos de desejo, extasiados pela vivência entre tantos leitores, preocupados com o valor do vale-livro – que nunca é o suficiente para satisfazer a gana em ter –, revoltados com alto preço estipulados pelos expositores e muito agradecidos por ter podido experimentar todo aquele universo literário.

O anseio deste estudo é ter cooperado com os organizadores e patrocinadores da Feira/Festival, de modo a identificar lacunas existentes nas atividades direcionadas a práticas de leitura de literatura, pensando em potencializar o papel da FLIFS na formação do leitor de jovens de escolas públicas da comunidade feirense e de regiões circunvizinhas. Ademais, dar ciência da necessidade pela manutenção e pela ampliação do vale-livro, objetivando viabilizar o acesso aos livros a grupos desprivilegiados culturalmente e, por conseguinte, tornar ciente a recepção do público do evento para com a programação elaborada, a organização da estrutura física e a conduta dos expositores em relação a não aceitação do voucher.

Outrossim, o propósito da investigação deveria ser apresentado à comunidade escolar, a fim de possibilitar a reavaliação das ações dos projetos pedagógicos voltados à leitura literária já executadas e a recondução do processo de seleção dos discentes para visita a FLIFS, além de explorar melhor as possibilidades de formação de leitores ofertadas pelo Festival. Contudo, isso já não é mais possível, pois a instituição *locus* dessa análise não mais existe.

Em contrapartida, outras unidades de ensino poderão utilizar a experiência do Colégio Estadual Reitor Edgard Santos como exemplo na condução de práticas que favoreçam o interesse dos estudantes pela leitura e literatura, assim como repensar a importância da visita guiada em grupo com a escola à FLIFS e eliminar a conduta de cadastrar os educandos que receberão o vale-livro e, somente, instruí-los para a retirada do voucher, destinando-os de modo voluntário a visita à Feira.

Assim, será possível que multipliquem depoimentos emocionados de leitores como o da leitora Eliana, nas escolas públicas da nossa região: “*Ler para mim, é como acho ser. É como uma necessidade, sabe? Eu preciso da leitura*” (2022).

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia **Cultura letrada: literatura e leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2006
- ABREU, Pedro Gerolimich de. **O mundo dos livros entre ruas e vielas: a nova cena de saraus, festas e eventos literários das periferias urbanas do Rio De Janeiro**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2018.
- AÇÃO EDUCATIVA; INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. **Indicador de Alfabetismo Funcional** (Inaf): estudo especial sobre alfabetismo e mundo do trabalho. São Paulo: Ação Educativa; I PM, 2018. Disponível em: https://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Inaf2018_Relat%C3%B3rio-Resultados-Preliminares_v08Ago2018.pdf. Acesso em: 10 nov. 2020.
- AMADO, João; FERREIRA, Sónia. A Entrevista na Investigação Educacional. In: *Amado, J.* (coord.) **Manual de Investigação Qualitativa em Educação**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2013.
- AMARAL, Joubert Caetano. **A Literatura Em Festa: Eventos Literários Brasileiros E O Caso Flipoços**. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos De Linguagens) - Centro Federal De Educação Tecnológica De Minas Gerais, 2017.
- ANDRADE, Carlos Drummond. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.
- ARAÚJO, Jorge de Souza. **Letra, leitor e leituras: reflexões**. Itabuna: Via Litterarum. 2006.
- ARAÚJO, Zulu. Literatura e aconchego. **FPC**. Disponível em: <http://www.fpc.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=359>. Acesso em: 10 nov. 2020.
- BAHIA. Decreto Estadual nº 7.254 de 20 de março de 1998. Institui o Programa de Ação de Parceria Educacional Estado-Município, para atendimento ao Ensino Fundamental. **Diário Oficial do Estado da Bahia**, Salvador, 21 e 22.03.98
- BAHIA, Secretaria de cultura; BAHIA, Secretaria da Educação. **Plano Estadual do Livro e Leitura da Bahia, Salvador, 2013**.
- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. 6ª ed. - São Paulo: Ática, 1995.
- BASTOS, Liliana Cabral; SANTOS William Soares dos (Orgs). **A entrevista na pesquisa qualitativa: perspectivas em análise da narrativa e da interação**. Rio de Janeiro: Quartet: Faperj, 2013.
- BEARDSLEY, M. C.; WIMSATT, W. K. A falácia intencional. In: LIMA, L. C. (Org.) **Teoria da literatura em suas fontes**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (org.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 43-72.

BRAGATTO FILHO, Paulo. **Pela leitura literária na escola de 1º grau**. São Paulo: Ática, 1995.

BRANDÃO, Carlos R. A pesquisa participante e a participação da pesquisa: um olhar entre tempos e espaços a partir da América Latina. In: BRANDÃO, C.R.; STRECK, D. R. (orgs.). **Pesquisa participante: a partilha do saber**. Aparecida, Ideias & Letras, 2006.

CAMPOS, Haroldo de. **A Educação dos Cinco Sentidos**. São Paulo: Iluminuras, 2013.

CANDIDO, Antônio. Direito à Literatura. In.: CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. Ouro sobre Azul, Rio de Janeiro, 2011.

CASTRO, G. O discurso sobre o livro, a leitura e o leitor na mídia escrita brasileira e suas implicações educacionais. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, ano 25, n. 49, p.47-52, nov. 2007.

CECCANTINI, João Luís C. T. Leitores de Harry Potter: do negócio à negociação da leitura. In: RETTENMAIER, Miguel e JACOBY, Sissa. (Org.) **Além da plataforma nove e meia: pensando o fenômeno Harry Potter**. Passo Fundo: UFP, 2005. p. 23-52

CHATIER, Roger. Do código ao monitor: a trajetória do escrito. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 8, nº 21, p. 185-199, Ago. 1994. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141994000200012&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 nov. 2020.

CHARTIER, Roger. **Leituras e Leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: Editora Unesp, 2004

CHARTIER, Roger. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: **A história cultural: entre práticas e representações**. São Paulo: Bertrand, 1989. p. 13-28.

CORACINI, Maria José R. F. Concepções de Leitura na (Pós-)Modernidade. In: Lima, R. C. de C. P. (org.). **Leituras: Múltiplos Olhares**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2005.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

CRESWELL, John W. Projeto de pesquisa. In: CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DEMENECK, Ben-Hur. Festival de feiras. Disponível em: <https://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Pagina/Especial-Feiras-Literarias#> Acesso em: 10 de NOV. de 2020

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Revista Educar**, n. 24, p.213-225, Dec. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602004000200011&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 nov. 2020.

ENGELS, Friedrich. **Discurso ao lado da tumba de Karl Marx**. 1883. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/download/26655/16051>. Acesso em: 1/09/2023.

FAILLA, Zoara. O que nos revelaram os jovens que frequentam os eventos do livro e de leitura. **Instituto Pró-livro**, 2023. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/2023/01/06/o-que-nos-revelam-os-jovens-que-frequentam-os-eventos-do-livro-e-de-leitura/>. Acesso em: 12 maio 2023.

FLIFS – Feira do Livro/Festival Literário e Cultural de Feira de Santana. **FLIFS Oficial**. Disponível em: <http://www.flifsoficial.uefs.br/flifs/#page-content>. Acesso em: 10 nov. 2020.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 44. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GAJARDO, Marcela. Pesquisa participante: proposta e projetos. BRANDÃO, C. R. (org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 15 a 50.

GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula**. Cascável: Assoeste, 1984.

HEATH, S. B. What no bedtime story means: narrative skills at home and school. **Language and Society**, vol. 11, 1982. p. 49-76.

HEATH, Shirley B. **Ways with words**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

KLEIMAN, Angela. Introdução: Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, Angela B. (org.) **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995. p. 15-61.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de Leitura: Teoria e Prática**. São Paulo: Pontes, 1993.

KLEIMAN, Ângela. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado das Letras, 2012.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil**. 4ª ed. São Paulo, 2016. Disponível em: http://prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/07/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf. Acesso em: 10 nov. 2020.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil**. 5ª ed. São Paulo, 2020. https://prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/09/5a_edicao_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_IPL_-_compactado.pdf. Acesso em: 10 nov. 2020.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. São Paulo: Editora 34, 1996.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ed. Ática, 2014.

JOUVE, Vincent. **A leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

LAJOLO, Marisa. **Literatura: leitores & leitura**. São Paulo: Moderna, 2001.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

LEFFA, Vilson J. Perspectivas no estudo da leitura; Texto, leitor e interação social. In: LEFFA, Vilson J.; PEREIRA, Aracy, E. (Orgs.) **O ensino da leitura e produção textual**; Alternativas de renovação. Pelotas: Educat, 1999. p. 13-37.

LIMA, Eliana Carlota Mota Marques; NOBRE, Geisa Silva de Oliveira; FALCÃO, Rosana Fernandes. Feira do Livro: uma ação interinstitucional a favor da formação da comunidade leitora. In: IV SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 4., 2013, Goiânia. **Anais eletrônicos** [...] Goiânia: FUNAPE, 2013. p. 2700 - 2705. Disponível em: https://simelp.fflch.usp.br/sites/simelp.fflch.usp.br/files/inline-files/simposio_65.pdf. Acesso em 15 abr. 2022.

LIMA, Rita de Cássia Brêda Mascarenhas. **Bibliotecas escolares: realidades, práticas e desafios para formar leitores**. 2017. Tese (Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

LINDOSO, Felipe. Feiras de livro, Indústria editorial, fomento à leitura e profissionalização de autores. **Conexões Itaú Cultural**, 2013. Disponível em: <http://conexoeditaultural.org.br/wp-content/uploads/2013/08/Felipe-Lindoso_Feiras-de-Livros.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2020.

LISPECTOR, Clarice. Felicidade Clandestina. In: Mariconi, Ítalo (Org.). **Os cem melhores contos brasileiros do século**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MAGNANI, M. R. M. **Leitura, literatura e escola: sobre a formação do gosto**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

MAIA, Josiane, **Literatura na Formação de leitores e professores**. São Paulo, Paulinas, 2007.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

MARIA, Luzia de. **Leitura & colheita: livros, leitura e formação de leitores**. Petrópolis: Vozes, 2008.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Viver para contar**. Tradução de Eric Nepomuceno. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

MELO NETO, João Cabral de. **A educação pela pedra**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

MENEGASSI, R. J.; FUZA, A. F. O conceito de leitura nos documentos oficiais. **Signum: Estudos da Linguagem**, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 315–336, 2010. DOI: 10.5433/2237-4876.2010v13n2p315. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/7500>. Acesso em: 5 ago. 2023.

MINAYO, M. C. de L. (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 19 ed. Petrópolis: Vozes, 2016.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise Textual Discursiva**. 3 ed. rev. e ampl. – Ijuí : Ed. Unijuí, 2016.

OLIVEIRA, Daniele Rodrigues. **PENSAR E ESCREVER A PERIFERIA FLUP como um lance de política cultural**. 2019. Dissertação. (Mestrado em Literatura, Cultura e Contemporaneidade) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

PAIVA, Aparecida (Org.). **Literatura fora da caixa: o PNBE na escola – Distribuição, circulação e leitura**. São Paulo: Editora Unesp, 2012a.

PAIVA, A. Selecionar é preciso, avaliar é fundamental: acervos de literatura para jovens leitores. **Educação**, [S. l.], v. 35, n. 3, 2012b. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/11745>. Acesso em: 20 set. 2022.

PAULA, Flávia Ferreira de. **Literatura infanto juvenil e políticas públicas de leitura: um estudo do projeto Literatura em minha casa**. Programa de Pós-Graduação em Letras da FACAILE / UFGD. Dourados – MS, 2010.

PETIT, Michèle. **Leituras: do espaço íntimo ao espaço público**. São Paulo: Ed. 34, 2013.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura – uma nova perspectiva**. São Paulo: Ed. 34, 2009.

POE, Edgar Allan. **O gato preto e outros contos de terror**. São Paulo: Livros da Raposa Vermelha, 2014.

PRODUÇÃO e Vendas do Setor Editorial Brasileiro. **SNEL**, jun. 2020. Disponível em: https://snel.org.br/wp/wp-content/uploads/2020/06/Produção_e_Vendas_2019_imprensa_.pdf. Acesso em: 10 nov. 2020.

QEDu – Disponível em: <https://novo.qedu.org.br/escola/29094763-ee-colegio-estadual-reitor-edgard-santos>. Acesso em 11 abr. 2022.

QUINTANA, Mario. **Mario Quintana: poesia completa: em um volume**. Org. Tania Franco Carvalhal. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

ROSENBLATT, Louise M. **The reader, the text, the poem: the transactional theory of the literary work**. Carbondale: Southern Illinois Press, 1978.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paullus, 2004.

SANTAELLA, Lucia. O leitor ubíquo e suas consequências para a educação. In: TORRES, Patricia Lupuion (org.) **Complexidade: Redes de Conexões na produção do conhecimento**. Curitiba: Kairós Edições, 2014, v. 1, p. 27-44.

SANTAELLA, L. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SANTOS, B. Para uma pedagogia do conflito. In: FREITAS, A. L. S. de.; MORAES, S. C. de (orgs.). **Contra o desperdício da experiência: a Pedagogia do Conflito revisitada**. Porto Alegre: Redes Editora, 2009.

SANTOS, Iasmin. Mais quatro escolas serão municipalizadas em Feira de Santana neste ano. **Acorda Cidade** [online], Feira de Santana, 19 jan. 2023. Educação. Disponível em: <https://www.acordacidade.com.br/noticias/educacao/mais-quatro-unidades-escolares-serao-municipalizadas-em-feira-de-santana-neste-ano/>. Acesso em: 25 set. 2023.

SAVIANI, Demerval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2020.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SHAFFER, Mary Ann; BARROWS, Anne. **A sociedade literária e a torta de casca de batata**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2008.

SMOLKA, Ana Luiza B. **A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo**. 7. ed. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.

SOUSA, Maria Ester Vieira de. As feiras literárias, o livro e o leitor: “Plumas Emaranhadas”. **Revista Leia Escola**, n. especial, vol. 19, p. 9-21, 2019. Campina Grande: EDUFPG, 2019. Disponível em: ch.revistas.ufcg.edu.br.

STREET, B. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

STREET, B. **Cross-cultural approaches to literacy**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

STREET, B. **Literacy and development: Ethnographic perspectives**. Londres: Routledge, 2001.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA. **Projeto 15ª FLIFS – Feira do Livro/Festival Literário e Cultural de Feira de Santana**. Feira de Santana, BA, 2022.

VIANNA, C. A. D. et al SITO, L.; VALSECHI, M. C.; PEREIRA, L. S. M. Do letramento aos letramentos: desafios na aproximação entre letramento acadêmico e letramento do professor. In: KLEIMAN, A. B.; ASSIS, J. A. (org.). **Significados e ressignificações do letramento: desdobramentos de uma perspectiva sociocultural sobre a escrita**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2016.

VIEIRA JÚNIOR, Itamar. **Salvar o fogo**. São Paulo: Todavia, 2023

WELLER, Wivian. **Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens**: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. Educação e Pesquisa [online]. 2006, v. 32, n. 2 [Acessado 22 Janeiro 2022], pp. 241-260. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1517-97022006000200003>>.

YIN, Robert K. O que é pesquisa qualitativa – e por que você cogitaria fazer este tipo de pesquisa. In: YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa: do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016, p. 4-21

YUNES, Eliana; OSWALD, M. L. (Orgs.) **A experiência da leitura**. SP: Ed. Loyola, 2003.

YUNES, Eliana. PELO AVESSE: A Leitura e o Leitor. **Revista Letras**, [S.l.], v. 44, dez. 1995. ISSN 2236-0999. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19078/12383>>. Acesso em: 07 out. 2021.

ZILBERMAN, Regina. **Fim do livro, fim dos leitores?** SP: Editora SENAC São Paulo, 2001.

APÊNDICE A – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 1**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE-UEFS****TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Pesquisadora Responsável: Marta Carvalho Ferreira Lisboa.

Contato: Conjunto Habitacional João Marinho Falcão, caminho 16 S/N, bairro Eucalipto – Feira de Santana/BA. Tel: (75) 3626-6424. E-mail: marta.carvalho.lisboa@gmail.com

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa A FLIFS (FESTIVAL LITERÁRIO E CULTURAL DE FEIRA DE SANTANA) E A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO: A EXPERIÊNCIA DO COLÉGIO ESTADUAL REITOR EDGARD SANTOS, coordenada pela professora doutora Fabíola Silva de Oliveira Vilas Boas, integrante do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana (PPGE-UEFS). Através dessa pesquisa será investigado possíveis relações entre a FLIFS (Feira do Livro/Festival Literário e Cultural de Feira de Santana) e a formação do leitor literário, a partir das práticas de leitura de fruição e de manifestações artístico-literárias propostas a estudantes da Educação Básica do Colégio Estadual Reitor Edgard Santos. Os benefícios desta pesquisa serão colaborar para que o colégio que estuda possa repensar e reorganizar as práticas de leitura trazidas pela FLIFS aos estudantes da unidade, entender quais os critérios usados pelos estudantes na escolha da compra dos livros nos *stands* da Feira e como as ações realizadas no Festival Literário voltadas para a leitura podem colaborar para o desenvolvimento da leitura literária na cidade de Feira de Santana. Seus pais e/ou responsáveis permitiram que você participasse deste estudo, porém você só participará da pesquisa se quiser e não terá nenhum problema se desistir em qualquer etapa da sua realização, pois você tem toda a liberdade para recusar ou mudar de ideia. A pesquisa será feita na sala da biblioteca do Colégio Estadual Reitor Edgard Santos, onde os adolescentes de quatorze a dezessete anos de idade participarão de entrevistas e grupo de discussão, que poderão ter até 2 (duas) horas de duração em cada etapa. As duas etapas terão os momentos gravados em áudio e vídeos e seus registros ficarão

armazenados em acervo digital protegido por senha, durante cinco anos, em arquivo pessoal da pesquisadora, sendo destruídos, após esse prazo. Serão tomados todos os cuidados recomendados pelos protocolos de saúde atualizados para a prevenção da COVID-19 determinados no município de Feira de Santana, como uso de máscaras, higienização das mãos com álcool e distanciamento entre os participantes. Sua identidade não será divulgada, dessa forma ninguém saberá que você está participando da pesquisa nem informações pessoais que você fornecer, preservando o sigilo total. Caso aconteça algo errado, você pode nos procurar pelo telefone que está informado no começo desta página. Você não gastará dinheiro para participar da pesquisa, pois a entrevista e grupo de discussão ocorrerão no colégio em que estuda, mas caso tenha algum gasto, a compensação está garantida pelo pesquisador a você e a seus responsáveis. Você poderá enfrentar possíveis riscos, tais como: sentir-se intimidado(a) durante a gravação em vídeo e áudio, constrangido(a) ou desinteressado(a) pelo tempo de exposição à tela ou em responder as questões e falar de questões relacionadas ao tema considerando que possam gerar algum desconforto com as suas opiniões pessoais. Nesse caso, você tem o direito de não responder. A coleta de dados não lhe causará desconforto físico, danos à saúde física e mental e esta pesquisa é avaliada como tendo risco mínimo, em decorrência da possibilidade de constrangimento durante a realização da entrevista e grupo de discussão. Caso você sofra algum dano decorrente da pesquisa, receberá assistência integral e imediata, de forma gratuita, pelo tempo que for necessário, bem como pode ser indenizado(a) pela pesquisadora. Há o compromisso em comunicar os resultados dessa pesquisa em eventos científicos, por meio de artigos e apresentação de comunicações orais e/ou pôsteres, como também por meio de dissertação de Mestrado que estará disponível no site do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UEFS, após a sua defesa; mas sem identificar os adolescentes que participaram, dessa maneira será mantido sigilo da sua identidade. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Feira de Santana (CEP-UEFS), órgão que tem por objetivo principal assegurar os interesses dos participantes de pesquisas que envolvam seres humanos, procurando garantir que elas sejam realizadas de maneira ética. Caso você tenha dúvidas, mesmo após os esclarecimentos dados por mim, pesquisadora responsável por esta pesquisa, ou se tiver sugestões ou denúncias, o CEP-UEFS estará disponível para lhe atender, de segunda à sexta-feira, no horário entre 13h30 e 17h30, no endereço: avenida Transnordentina, S/N, Feira de Santana, Bahia. Módulo 1 – MA, na UEFS, telefone (75) 3161-8124, e-mail cep@uefs.br. Este termo de consentimento está impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pela pesquisadora responsável e a outra será fornecida a você. Também todas as páginas

deverão ser rubricadas pela pesquisadora e por você, participante desta pesquisa. Agradeço sua autorização e estou à disposição para esclarecimentos adicionais.

Feira de Santana - Bahia, 14 de abril de 2022.

Assinatura por extenso do pesquisador(a) responsável

Assinatura por extenso do participante da pesquisa

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 2**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE-UEFS****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Pesquisador Responsável: Marta Carvalho Ferreira Lisboa.

Contato: Conjunto Habitacional João Marinho Falcão, caminho 16 S/N, bairro Eucalipto – Feira de Santana/BA. Tel: (75) 3626-6424. E-mail: marta.carvalho.lisboa@gmail.com

Prezado/a responsável, o estudante está sendo convidado como voluntário para participar da pesquisa A FLIFS (FESTIVAL LITERÁRIO E CULTURAL DE FEIRA DE SANTANA) E A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO: A EXPERIÊNCIA DO COLÉGIO ESTADUAL REITOR EDGARD SANTOS, sob a minha responsabilidade, professora da Secretaria do Estado da Bahia e discente do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana (PPGE-UEFS), além de responsável por todos os esclarecimentos sobre o estudo em todas as fases, cuja orientação é da Profa. Dra. Fabíola Silva de Oliveira Vilas Boas. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar que o adolescente faça parte do estudo, este documento deverá ser assinado em duas vias, sendo a primeira de guarda e confidencialidade da pesquisadora responsável e a segunda ficará sob sua responsabilidade, para quaisquer fins. A pesquisa busca compreender possíveis relações entre a FLIFS (Feira do Livro/Festival Literário e Cultural de Feira de Santana) e a formação do leitor literário, a partir das práticas de leitura de fruição e de manifestações artístico-literárias propostas a estudantes da Educação Básica do Colégio Estadual Reitor Edgard Santos. Poderá possibilitar ações mais eficientes para a formação do leitor literário jovem nas escolas do município feirense e circunvizinhança. A participação do adolescente não gera despesas/custos, mas caso tenha algum gasto para participar, o ressarcimento está garantido pela pesquisadora responsável. A pesquisa será feita na sala da biblioteca do Colégio Estadual Reitor Edgard Santos, onde os adolescentes de quatorze a dezessete anos de idade participarão de entrevistas e grupo de discussão, que poderão ter até 2 (duas) horas de duração

em cada etapa. As duas etapas terão os momentos gravados em áudio e vídeos e seus registros ficarão armazenados em acervo digital protegido por senha, durante cinco anos, em arquivo pessoal da pesquisadora, sendo destruídos, após esse prazo. Serão tomados todos os cuidados recomendados pelos protocolos de saúde atualizados para a prevenção da COVID-19 determinados no município de Feira de Santana, como uso de máscaras, higienização das mãos com álcool e distanciamento entre os participantes. A identidade do adolescente não será divulgada, dessa forma ninguém saberá que ele(a) está participando da pesquisa nem informações pessoais que forem fornecidas, preservando o sigilo total. Caso aconteça algo errado, o(a) senhor(a) responsável pode procurar o pesquisador responsável pelo telefone que está informado no começo desta página. O(a) senhor(a) não gastará dinheiro para que o adolescente participe da pesquisa, pois a entrevista e grupo de discussão ocorrerão no colégio em que ele(a) estuda, mas caso tenha algum gasto, a compensação está garantida pelo pesquisador ao(a) senhor(a) responsável. O adolescente poderá enfrentar possíveis riscos, tais como: sentir-se intimidado(a) durante a gravação em vídeo e áudio, constrangido(a) ou desinteressado(a) pelo tempo de exposição à tela ou em responder as questões e falar de questões relacionadas ao tema considerando que possam gerar algum desconforto com as suas opiniões pessoais. Nesse caso, ele(a) tem o direito de não responder. A coleta de dados não lhe causará desconforto físico, danos à saúde física e mental e esta pesquisa é avaliada como tendo risco mínimo, em decorrência da possibilidade de constrangimento durante a realização da entrevista e grupo de discussão. Caso ele(a) sofra algum dano decorrente da pesquisa, receberá assistência integral e imediata, de forma gratuita, pelo tempo que for necessário, bem como pode ser indenizado(a) pela pesquisadora responsável. Há o compromisso em comunicar os resultados dessa pesquisa em eventos científicos, por meio de artigos e apresentação de comunicações orais e/ou pôsteres, como também por meio de dissertação de Mestrado que estará disponível no site do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UEFS, após a sua defesa; mas sem identificar os adolescentes que participaram, dessa maneira será mantido sigilo da sua identidade. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Feira de Santana (CEP-UEFS), órgão que tem por objetivo principal assegurar os interesses dos participantes de pesquisas que envolvam seres humanos, procurando garantir que elas sejam realizadas de maneira ética. Caso você tenha dúvidas, mesmo após os esclarecimentos dados por mim, pesquisadora responsável por esta pesquisa, ou se tiver sugestões ou denúncias, o CEP-UEFS estará disponível para lhe atender, de segunda à sexta-feira, no horário entre 13h30 e 17h30, no endereço: avenida Transnordentina, S/N, Feira de Santana, Bahia. Módulo 1 – MA, na UEFS, telefone (75) 3161-

8124, e-mail cep@uefs.br. Este termo de consentimento está impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pela pesquisadora responsável e a outra será fornecida a você. Também todas as páginas deverão ser rubricadas pela pesquisadora e por você, participante desta pesquisa. Agradeço sua autorização e estou à disposição para esclarecimentos adicionais.

Feira de Santana - Bahia, 14 de abril de 2022.

Assinatura por extenso do pesquisador(a) responsável

Assinatura por extenso do responsável pelo participante da pesquisa

APÊNDICE C – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA ESTUDANTES**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO****ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA ESTUDANTES**

Caro(a), colaborador(a),

Esta entrevista faz parte da pesquisa intitulada A FLIFS (FESTIVAL LITERÁRIO E CULTURAL DE FEIRA DE SANTANA) E A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO: A EXPERIÊNCIA DO COLÉGIO ESTADUAL REITOR EDGARD SANTOS, do Programa de Pós-graduação em Educação – Mestrado Acadêmico (PPGE/UEFS), cujo objetivo geral é produzir informações que visam compreender de que modo ocorre a influência da FLIFS para a formação do leitor literário, a partir das práticas de leitura de fruição e das manifestações artístico-literárias propostas a estudantes da escola pública Colégio Estadual Reitor Edgard Santos.

ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA INDIVIDUAL**1ª PARTE: INFORMAÇÕES GERAIS**

- A) Pseudônimo (nome com o qual você se identifica. Pode ser flor, objeto, personagem...)
- B) Idade
- C) Sexo
- D) Série/Turma/Turno

2ª PARTE: CONHECENDO O CONTEXTO E O ENVOLVIMENTO LEITOR

- A) Você gosta de ler?

- B) Você se considera leitor?
- C) Qual o papel da leitura na sua vida?
- D) Você tem livros em casa? Já os leu?
- E) Esses livros foram comprados por você ou foram te dados de presente?
- F) Há alguém que te incentivou a gostar de ler?
- G) Tem algum livro que tenha sido importante para você?

3ª PARTE: CONHECENDO A REFLEXÃO DO LEITOR SOBRE A FLIFS

- A) Você já foi a Feira do Livro, hoje conhecida como FLIFS - Festival Literário e Cultural de Feira de Santana - com seus familiares e/ou amigos?
- B) Quantas vezes foi a Feira através da visita guiada pelo colégio?
- C) Fale um pouco sobre a(s) experiência(s) vivenciada(s) na Feira do Livro, hoje conhecida por FLIFS - Festival Literário e Cultural de Feira de Santana.
- D) Conte um pouco sobre as ações da FLIFS que já participou.
- E) Conhecia a programação do Festival literário antes do dia da visita?
- F) Qual o grau de interesse na programação da Feira do Livro.
- G) Conhecer a programação com antecedência influenciaria na escolha dos livros comprados?
- H) Qual a importância do vale-livro recebido no evento?
- I) Quantos e quais livros adquiriu na FLIFS?
- J) O valor do vale-livro foi suficiente para comprar os títulos que desejavam?
- K) Qual(is) o(s) critério(s) que você usa para escolher os livros que comprou na FLIFS?
- L) Você achou o(s) livro(s) que desejava(m) na FLIFS?
- M) Houve alguma mobilização e interesse dos estudantes no colégio para a FLIFS?
- N) As ações realizadas na escola têm alguma relação na escolha dos livros adquiridos na FLIFS?

APÊNDICE D – ROTEIRO DO GRUPO DE DISCUSSÃO



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ROTEIRO DO GRUPO DE DISCUSSÃO

Caro(a), colaborador(a),

Este grupo de discussão integra a pesquisa intitulada A FLIFS (FESTIVAL LITERÁRIO E CULTURAL DE FEIRA DE SANTANA) E A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO: A EXPERIÊNCIA DO COLÉGIO ESTADUAL REITOR EDGARD SANTOS, do Programa de Pós-graduação em Educação – Mestrado Acadêmico (PPGE/UEFS), cujo objetivo geral é produzir informações que visam compreender de que modo ocorre a influência da FLIFS para a formação do leitor literário, a partir das práticas de leitura de fruição e das manifestações artístico-literárias propostas a estudantes da escola pública Colégio Estadual Reitor Edgard Santos.

INFORMAÇÕES GERAIS

Data dos encontros: *a definir*

Horário – *a definir*

Colaboradores: vinte alunos do Colégio Estadual Reitor Edgard Santos

Duração: duração de 60 minutos.

1º ENCONTRO

Tema: Leitor, leitura e livro

Sensibilização: Leitura do conto Felicidade Clandestina da escritora Clarice Lispector.

Disponível em <https://contobrasileiro.com.br/felicidade-clandestina-conto-de-clarice-lispector/>. Acesso em 11 fev. 2022.

Tópico guia: Relação entre leitor, leitura e livro

- 1) Gostaria que falassem um pouco sobre a relação de vocês com a leitura e com o livro?
- 2) Vocês podem falar sobre a importância que a leitura tem nas suas vidas?

2º ENCONTRO

Tema: O papel na FLIFS na formação do leitor literário

Sensibilização: Apreciação de vídeos sobre a FLIFS. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=M_ZV6YLyGk, <https://ms-my.facebook.com/tvolhosdagua/videos/gera%C3%A7%C3%B5es-unidas-pela-leitura/347603729310242/>. Acesso em 11 fev. 2022.

Tópico guia: A influência da FLIFS na formação do leitor literário

- 1) Podem contar quais as lembranças que veem à memória da(s) visita(s) que fizeram a FLIFS?
- 2) Queria que me falassem um pouco sobre a participação de vocês na programação organizada pela FLIFS.
- 3) Gostaria de que comentassem se as experiências vividas na FLIFS foram significantes para seu gosto pela leitura.